



Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Sociologia e Ciências Políticas Públicas

Departamento de História

Festival da Água e do Tempo – Clepsidra
Contexto, Pertinências e Reflexões de uma primeira Edição

Ana Margarida Rouqueiro Grácio

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Empreendedorismo e Estudos da Cultura

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:

Doutora Sofia Macedo Magrinho, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro de 2017

Festival da Água e do Tempo – Clepsidra
Contexto, Pertinências e Reflexões de uma primeira Edição

Ana Margarida Rouqueiro Grácio

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Empreendedorismo e Estudos da Cultura

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:

Doutora Sofia Macedo Magrinho, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro de 2017

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide, António Pita, por acreditar em mim e por me ajudar incondicionalmente na elaboração da primeira edição do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra, assim como na elaboração deste estudo.

Dizem que quando nos tornamos adultos compreendemos quem são verdadeiramente os nossos amigos. É a eles que quero agradecer: aos que estão ao meu lado desde pequena e aos que conheci ao longo de todos os percursos já percorridos. Àqueles que sempre tiveram presentes e que foram um apoio essencial em mais uma fase, talvez a mais importante até ao momento.

Quero agradecer às minhas orientadoras Maria João Vaz e Sofia Macedo Magrinho pelo acompanhamento de excelência que me proporcionaram. Obrigado acreditarem em mim, por vós ganhei uma enorme estima e admiração. Foi e será sempre um gosto trabalhar com vocês.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer à minha família, a todos eles que me proporcionaram as bases da minha existência e que me dão força para ser sempre melhor.

Um agradecimento especial aos meus pais, pela excelente educação que me proporcionaram, por acreditarem em mim em momentos que nem eu própria acreditei e por me darem força para seguir o caminho mais acertado. É graças a vocês que pretendo fazer cada vez mais e melhor. Obrigada por serem quem são, tenho o maior orgulho em ser vossa filha.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo constituir-se como fundamento de um festival artístico a realizar na vila de Castelo de Vide.

No decurso da elaboração do mesmo, existiu a possibilidade de avançar com a primeira edição desta iniciativa cultural, à qual se deu o nome “Festival da Água e do Tempo – Clepsidra” realizado entre os dias 3 e 6 de agosto de 2017. O presente estudo foi elaborado em paralelo com a organização da primeira edição do festival.

Enquanto fundamento para o Festival Clepsidra, a pesquisa desenvolvida procurou analisar as variáveis capazes de contribuir para um resultado positivo para o Festival: o contexto geográfico, histórico, social, económico e cultural da vila de Castelo de Vide; a identificação da relevância identitária dos valores patrimoniais associados à água e ao tempo, conceitos mote para o Festival, a partir da inventariação dos bens patrimoniais em presença, materiais e imateriais; e a análise das iniciativas semelhantes realizadas na região.

Dado que uma primeira edição do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra já ocorreu, considerou-se pertinente integrar neste trabalho um balanço preliminar sobre a mesma.

Palavras-chave: Castelo de Vide, Património Cultural, Iniciativas Culturais, Festival

Abstract

This work aims to be the fundamental study for a new artistic fest taking place in Castelo de Vide, Portugal.

During this project's elaboration, a first edition of the referred fest was able to take place, under the name "Festival da Água e do Tempo – Clepsidra", occurring between 3-6 august 2017. This work was developed at the same time as this fest's organization.

As a fundamental work this study focused on the analysis of several variables directly involved in a potential positive result for the fest: geographic, historic, social, economic and cultural contexts were analysed; the relevance of identity related heritage values, water and time, was established and the analysis of similar activities in the region was also a focus point in this work.

Since a first edition of the fest has already occurred it is relevant to include in this study its preliminary evaluation.

Key-words: Castelo de Vide, Cultural Heritage, Cultural Actions, Fest

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
METODOLOGIA.....	2
1. CAPÍTULO I: Enquadramento geográfico para o projeto. O Distrito de Portalegre.....	7
1.2. Castelo de Vide.....	8
1.2.1. Situação Geográfica.....	8
1.2.2. Enquadramento histórico	9
1.2.3. Contexto Social.....	13
1.2.4. Contexto Económico	16
1.2.5. Contexto político	20
1.2.6. Contexto Cultural.....	26
A) Carnaval.....	28
B) Páscoa	30
C) Santos Populares	33
D) Mercado de Natal.....	34
E) Festival de Folclore.....	36
F) Andanças.....	37
G) Ethno World.....	38
H) Festival da Lavanda e Outras Aromáticas	39
I) Mercado Medieval “Viver a História”	40
2. CAPÍTULO II: Património de Castelo de Vide.....	43
2.1. Património arqueológico.....	45
2.2. Património arquitetónico	47
2.2.1. Religioso (herança cristã e judaica).....	47
2.2.2. Militar (Castelo e Fortalezas)	50
2.2.3. Civil (residências e palácios)	52
2.3. Património Imaterial	55
2.3.1. Gastronomia.....	56
2.3.2. Artesanato	57
2.3.3. Folclore	58
2.4. Castelo de Vide e a Água.....	59
3. CAPÍTULO III: Contexto Cultural Distrital.....	65
3.1. Análise do quadro “Principais Festividades Culturais do Distrito de Portalegre”	69
4. CAPÍTULO IV: Festival da Água e do Tempo – Clepsidra.....	75

4.1.	Destinatários	75
4.2.	Objetivos.....	76
4.3.	Conteúdos	77
4.4.	Atividades	77
5.	CAPÍTULO V: Benchmarking	79
5.1.	RésVés	80
5.2.	Bienal de Cerveira	80
5.3.	Aldeias Artísticas.....	81
5.4.	Lumina.....	82
5.5.	Amsterdam Light Festival	82
6.	CAPÍTULO VI: Festival da Água e do Tempo – Clepsidra 2017: Reflexões sobre uma 1ª Edição	85
	CONCLUSÃO.....	89
	FONTES E BIBLIOGRAFIA	93
	ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE	93
	LEGISLAÇÃO NACIONAL	94
	LEGISLAÇÃO INTERNACIONAL	94
	OUTRAS FONTES PUBLICADAS	94
	FONTES ESTATISTICAS	97
	FONTES ORAIS	99
	BIBLIOGRAFIA	101
	ANEXOS	I
	ANEXO A	III
	ANEXO B	V
	ANEXO C	VII
	AXEXO D	IX
	AXEXO E.....	XI
	Curriculum Vitae	XIII

Índice de Quadros

Quadro 1.3. – Principais Festividades Culturais do Distrito de Portalegre.....	68
--	----

Índice de Figuras

1.1. Mapa “Castelo de Vide (Concelho)” – Localização do Concelho, freguesias e Limites....7

Glossário de siglas

BUA – Banda União Artística

CE – Conselho da Europa

CV – Castelo de Vide

CM – Câmara Municipal

CMCV – Câmara Municipal de Castelo de Vide

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

EUA – Estados Unidos da América

ESECS – Escola Superior de Educação e de Ciências Sociais

ESS – Escola Superior de Saúde

ESTG – Escola Superior de Tecnologia de Gestão

FAT – Festival da Água e do Tempo

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IIP – Imóvel de Interesse Público

INE – Instituto Nacional de Estatística

ISCOMOS – Concílio Internacional dos Monumentos e Sítios

ISCTE-IUL – ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

LPC – Lei do Património Cultural

MN – Monumento Nacional

NUTS – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

PNL – Plano Nacional de Leitura

POCTEP – Programa de Cooperação Transfronteiriça Portugal/Espanha

PSD – Partido Social Democrata

RFNSA – Rancho Folclórico Nossa Senhora da Alegria

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do Mestrado de Empreendedorismo e Estudos da Cultura, ramo de Património e Projetos Culturais, para conclusão do curso e obtenção do grau de mestre.

No início, seria objetivo do trabalho o desenvolvimento de um projeto cultural na vila de Castelo de Vide.

Em primeiro lugar, porque faria todo o sentido aplicar os conhecimentos que foram apreendidos ao longo dos três semestres de aulas; em segundo, o facto de em janeiro de 2017 ter entrado para a Direção de uma Associação Cultural: a Burgo Pedestal; por fim, porque sempre foi meu objetivo e ambição pessoal construir algo de bom para a minha terra natal – Castelo de Vide.

Neste sentido, enquanto Vice-Presidente da Associação Burgo Pedestal marquei uma reunião no dia 28 de novembro de 2016, com o Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide, António Pita. Nesta, expus este desejo pessoal de desenvolver um projeto cultural para a vila, através da Associação à qual me tinha juntado.

A Associação Burgo Pedestal foi fundada em 2011. Sem quaisquer fins lucrativos, tem como objetivo promover ações de índole cultural, recreativo e formativo junto da população de Castelo de Vide; divulgar o património cultural, científico, e artístico do concelho; promover cursos e oficinas de trabalho que fomentem o empreendedorismo local e o desenvolvimento de atividades educativas e socioculturais. Atualmente é presidida por José Pedro Lindo e conta com 81 associados.

A ideia inicialmente exposta pela Associação Burgo Pedestal à Câmara Municipal consistia no desenvolvimento de um festival baseado numa estratégia de promoção do património cultural de Castelo de Vide.

Na troca de ideias surgida entre a Associação Burgo Pedestal e a CMCV, o conceito estabilizou-se na utilização de um recurso patrimonial local, que há algum tempo vinha sendo pensado, a água, que daria o mote para o Festival da Água. A este recurso associou-se um outro, o tempo. Este conceito remetia para Castelo de Vide enquanto vila com uma grande longevidade na linha do tempo, com vários marcos cronológicos essenciais que marcam a sua história. Desta forma, seria de toda a pertinência inserir este tema no festival, passando a denominar-se esta iniciativa cultural como: Festival da Água e do Tempo. Esta troca de ideias e esta sugestão de temática constituiu também um incentivo para a realização desta dissertação.

Numa fase posterior, considerando as necessidades de divulgação, foi-lhe atribuída uma designação mais sintética que refletisse um caráter de inovação, para que fosse mais fácil a fixação do nome por parte do público. Surgiu o nome Clepsidra – antigo relógio de origem egípcia, que mede o tempo de acordo com o escoamento regular de água para um recipiente graduado. Esta denominação pretendia unir as duas áreas que o festival iria complementar: água e tempo.

O presente estudo constitui a base de toda a estrutura deste festival, tendo como problemática principal a pertinência do mesmo.

METODOLOGIA

Quais as potencialidades e viabilidade de execução de um Festival Cultural inspirado na água e no tempo, na vila de Castelo de Vide? Esta questão foi definida tendo em conta os critérios essenciais para o sucesso de uma investigação académica tais como preconizados por Augusto dos Santos Silva e José Madureira Pinto (1998), Raymond Quivy e LucVan Campenhout (1998) ou Ignacio Pons (1993), que assentam em clareza, exequibilidade e pertinência da problemática inicialmente definida.

A questão de partida da presente dissertação reflete-se num conjunto de problemáticas definidas para este estudo: qual a atual situação da vila de Castelo de Vide a nível social, económico, político e cultural? Quais as potencialidades patrimoniais da vila de Castelo de Vide? Existem na vila elementos suficientes que sustentam um festival com os temas água a tempo? Existem, a nível distrital, fundamentos que justifiquem a criação de um novo festival?

O objeto de estudo desta dissertação é a realização de uma iniciativa em Castelo de Vide assente nos recursos patrimoniais da vila.

De acordo com a questão de partida e problemáticas identificadas, os objetivos do presente trabalho consistem na análise da situação atual de CV a nível social, económico, político e cultural de modo a compreender qual a importância dada às manifestações culturais a nível concelhio e as possibilidades económicas que os locais têm para investir nesta área; outro dos objetivos foi identificar o património histórico e natural da vila de CV, de modo a compreender a relevância identitária dos elementos patrimoniais que sustentam o tema do festival – água e tempo; foi ainda objetivo a identificação e análise da oferta de iniciativas culturais semelhantes a nível distrital, nacional e internacional, procurando elementos de sustentação da realização do FAT e de melhoria do mesmo; por

fim, dado que a primeira edição desta nova iniciativa decorreu em agosto de 2017, o último objetivo passou por uma reflexão sobre a mesma.

A pertinência da presente dissertação assenta na necessidade de concretizar elementos passíveis de apoiar a tomada de decisão aquando da elaboração de iniciativas culturais de raiz, de forma a identificar a sua viabilidade e delinear a forma como devem ser executadas.

Metodologicamente, este estudo assentou numa base qualitativa, baseada na pesquisa aprofundada para obtenção de conhecimentos qualificados, recorrendo a uma estratégia de análise da informação obtida através da observação e consulta documental, para se compreender a pertinência dos dois temas escolhidos para a nova iniciativa cultural em Castelo de Vide, assim como tendências existentes em relação aos festivais elaborados no distrito.

Num primeiro momento foi elaborada uma recolha de informação recorrendo a documentação escrita e monografias sobre Castelo de Vide, de forma a compreender a sua situação atual a nível social, económico, político e cultural. Seguidamente foi elaborado um levantamento do património material, imaterial e natural da vila, com vista a compreender a pertinência dos temas do festival a elaborar. Aqui, inicia-se a fase de observação onde através da recolha de informação variada procuramos a compreensão da pertinência da elaboração de um festival na vila de Castelo de Vide cujos temas sejam a água e o tempo. Quivy e Campenhoudt (1998) afirmam que a partir da fase de exploração do tema, através de leituras relacionadas, define-se a problemática e só depois se estipula um modelo de análise. Estes mesmos autores consideram esta fase como sendo uma fase intermédia entre a construção do conceito e das hipóteses e ao mesmo tempo uma avaliação dos dados utilizados para testar as mesmas¹.

A segunda parte desta observação correspondeu à análise das principais festividades culturais existentes no distrito de Portalegre, de modo a compreender quais as tendências ocorridas e de que forma o FAT – Clepsidra pode marcar a diferença, chamando público. Foram identificados os destinatários, os conteúdos e as atividades da primeira edição, para que a observação prossiga em conformidade com os objetivos estabelecidos pela questão de partida.

¹ Quivy e Campenhoudt, 1998: 155.

As conclusões foram ainda apoiadas na elaboração de um *benchmarking* de atividades com características semelhantes ao FAT – Clepsidra a nível nacional e internacional.

Foi também elaborada uma reflexão sobre o balanço da primeira edição do FAT – Clepsidra. Como até ao momento não existe disponível para a consulta uma base documental (bibliografia, estatísticas) que proporcione uma análise dos resultados desta primeira edição, a reflexão assentou na realização de entrevistas. O modelo adotado para elaborar as entrevistas foi o *focused interview*², pois o objetivo das mesmas foi compreender o impacto que este acontecimento teve para cada um dos entrevistados, através do seu envolvimento participativo no evento. Definiram-se tópicos específicos abordados com cada um dos entrevistados, de acordo com o seu tipo e grau de envolvimento no decorrer da organização e ocorrência do FAT – Clepsidra. Foi ainda definido um conjunto de tópicos comuns aos três entrevistados, correspondendo a critérios tendentes à execução de um balanço geral da primeira edição deste festival.

Cerezuela na sua obra “Diseño y evaluación de proyectos culturales” (2007) oferece aos leitores uma proposta de elaboração de projetos culturais, enfatizando a necessidade destes possuírem uma base contextual, uma eficaz definição e ferramentas adequadas para a produção.

Centrámo-nos neste estudo na execução da primeira fase de um projeto cultural tal como proposto por Cerezuela, ou seja, a definição das bases estruturais do projeto. Tal teve também em conta o facto de o tempo disponível para a realização desta dissertação não permitir a execução de todas as etapas definidas por Cerezuela.

O mesmo autor reparte a primeira fase em seis áreas de ação: definição das finalidades, estudo da dinâmica territorial, dinâmica sectorial, enquadramento no contexto de outras políticas, origem e antecedentes e por fim, análise interna da organização gestora. Este esquema foi seguido na presente dissertação, constituindo um importante contributo para a entidade que promove o festival e os seus organizadores.

Das seis etapas apontadas por Cerezuela, o presente estudo não cumprirá com a integração da sexta (análise interna da organização gestora), sendo essa etapa feita posteriormente pelas entidades promotoras do FAT – Clepsidra.

² Quivy e Campenhoudt, 2008: 193.

O primeiro capítulo deste estudo é centrado na análise do contexto, a vila de Castelo de Vide a nível histórico, político, social, económico e cultural. São analisadas as atividades e eventos culturais que já ocorrem na vila, permitindo verificar a sua antiguidade, dinâmica, as alterações ao longo das suas existências e o que motivou estas alterações.

Em seguida são identificadas as potencialidades patrimoniais da vila, procurando compreender o papel essencial desempenhado pela água ao longo da história e os reflexos na identidade dos castelo-videnses. Para tal foi necessário recolher informação sobre o património cultural material e imaterial da vila, o património arqueológico, o património edificado (o castelo e a herança medieval), as fontes, as igrejas, a heranças judaica e o património imaterial, a gastronomia, o folclore e o artesanato. Tal permitiu também identificar outros elementos que poderiam ser integrados no conceito do festival, tornando-o mais rico e atrativo.

Num outro ponto aborda-se o contexto cultural do distrito de Portalegre. Para tal, foi elaborado um levantamento dos eventos/festivais a nível distrital com maior impacto. No modelo de análise confrontou-se um conjunto significativo de informação: nome do festival, âmbito e tipologia, data da sua ocorrência em 2016, periodicidade, data da primeira edição e entidade promotora. Desta forma consegui ter uma perceção sucinta das tendências em termos de iniciativas culturais na região, e tomar decisões sobre o que se pretende ou não no evento que se organiza.

Quando este trabalho foi inicialmente pensado, era no sentido de preparar, de acordo com Cerezuela, a concretização do projeto. Porém surgiu a oportunidade de o executar ainda no ano de 2017 e a Associação Burgo Pedestal prontamente abraçou a oportunidade. Tal significou que o presente estudo foi elaborado ao mesmo tempo que se preparava a primeira edição do festival, aceitando-se todos os constrangimentos que tal implicou, mas ressaltando de forma positiva os contributos para uma melhor definição do projeto e tomada de algumas decisões práticas para o futuro.

O quarto passo deste estudo descreve a forma como decorreu a primeira edição do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra, realizado entre os dias 3 e 6 de agosto de 2017 em Castelo de Vide. Juntamente com a elaboração de um *benchmarking* para esta atividade, foi possível compreender formas de melhorar a iniciativa cultural iniciada para edições futuras.

O balanço final da primeira edição é feito através de factos constatados ao longo dos 4 dias de festival, apoiado em entrevistas realizadas a membros da organização e

espetadores. Estas entrevistas foram elaboradas com base nas obras de investigação dos autores referenciados anteriormente assim como em obras mais específicas (Foddy, 1996; Valles, 2002).

Existe um vasto número de obras e publicações sobre a vila de Castelo de Vide que referem o seu património cultural e natural.

Em 1936, António Montez na sua obra *Terras de Portugal* evoca a vila de Castelo de Vide como uma terra que parece ter sido “documentada por Deus”, uma das “mais nobres, mais ricas e mais lindas, da terra portuguesa!”, fazendo referência às suas paisagens verdes devido à abundância de água. Faz também menção à sua riqueza em termos de património histórico, com especial atenção ao castelo, à presença judaica, ao património arquitetónico e até mesmo aos artefactos arqueológicos.

João Magusto, em 2004, num artigo sobre “O Turismo em Castelo de Vide, perspectivas de desenvolvimento” para os *Cadernos de Geografia*, frisa a relevância do património arqueológico e histórico de Castelo de Vide, assim como a marca que alguns povos foram deixando ao longo do tempo, desde os romanos, aos árabes e aos judeus.

O mesmo autor frisa ainda a importância das tradições, a gastronomia, o artesanato, os edifícios monumentais, a arquitetura, das paisagens que podem ser apreciadas num espaço verde que quase parece infinito. Este chega mesmo a intitular a vila como um local de cultura autêntica e inigualável.

Podemos verificar que passado mais de meio século, o esplendor desta vila se mantém, assim como a importância do património material e imaterial da mesma que ganha crescente relevância e especial atenção, não só por parte dos que sobre ela escrevem, mas também pelos que nela habitam.

1. CAPÍTULO I: Enquadramento geográfico para o projeto. O Distrito de Portalegre

O distrito de Portalegre pertence à zona do Alto Alentejo. É o sexto maior distrito de Portugal, contando com uma área de 6000 km³. Faz fronteira com Espanha a leste, com o distrito de Castelo Branco a norte, Évora a sul a Santarém a oeste.

Encontra-se dividido em quinze concelhos, a saber: Alter do Chão, Arronches, Avis, Campo Maior, Castelo de Vide, Crato, Elvas, Fronteira, Gavião, Marvão, Monforte, Nisa, Ponte de Sôr, Portalegre e Sousel.

Ao longo do século XVII, o distrito de Portalegre tornou-se um dos principais palcos de atividades militares e, por consequência, os seus castelos medievais tiveram que sofrer algumas alterações de modo a se adaptarem à nova condição bélica. Entre eles temos o castelo de Marvão, Campo Maior e Castelo de Vide⁴.

Deste número total de Imóveis Classificados de Portugal, o distrito de Portalegre conta com 116, o que corresponde a uma percentagem de 4.5% dos mesmos a nível nacional. Desta percentagem, 50.9% corresponde a Monumentos Nacionais, 44% a Imóveis de Interesse Público, e 5.2% a Valores Concelhios.

Podemos concluir que o distrito conta com uma grande variedade de categorias a nível de património material. Estes correspondem a uma diversidade significativa de tipologias patrimoniais.



1.1. Mapa “Castelo de Vide (Concelho)” – Localização do Concelho, Freguesias e Limites.
Fonte: <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-portalegre/c-castelo-vid>

³ Dados retirados do site Portalegredigital, disponível em:
http://www.portalegredigital.biz/pt/conteudos/territorial/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Distrito/Distrito_de_Portalegre.htm

⁴ IPPAR, 1993: 3.

1.2. Castelo de Vide

Verifiquemos agora a situação geográfica da vila de Castelo de Vide, assim como o seu enquadramento histórico, social, económico, político e cultural.

Dentro do contexto cultural serão analisadas algumas atividades com maior extensão na linha do tempo, como a Páscoa, o Carnaval, os Santos Populares, as festividades natalícias e o Festival de Folclore. Aqui vamos descobrir as evoluções que estas iniciativas obtiveram com avançar da linha temporal até aos nossos dias.

Serão analisadas atividades culturais que tiverem a sua origem em Castelo de Vide já no século XXI e verificadas as diferenças entre estas e as que têm maior extensão temporal, de forma a compreender as tendências e gostos culturais da população da vila.

Esta informação será confrontada, sempre que pertinente, com os factos constatados na análise dos contextos histórico, social, económico e políticos elaborados numa fase anterior.

1.2.1. Situação Geográfica

A vila de Castelo de Vide tem uma extensão de 255,5km²⁵ e está implantada a cerca de 710 metros de altitude⁶.

É sede de município e está dividida em quatro freguesias: São João Baptista, Santa Maria da Devesa, São Tiago Maior e Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas. As três primeiras formam o espaço histórico da vila, envolvidas nas suas características medievais.

Situa-se num dos contrafortes da Serra de São Mamede (com a encosta de São Paulo, a este da vila, como zona montanhosa), 19 km para norte de Portalegre, a 22 km da fronteira com Espanha.

⁵ Rodrigues, 1975: 15.

⁶ Percurso pela Serra de São Paulo, 2015 – Panfleto turístico.

Pertencendo à Serra de São Mamede, integra o Parque Natural da Serra de São Mamede⁷, sendo classificada pela marca **natural.pt**⁸ como a zona com maior densidade de vegetação devido à sua abundância de águas, originada por uma falha geológica há largos milhões de anos nesta encosta.

A sul, ergue-se a serra de Marvão e a norte uma vasta planície onde se salientam pequenos montes, que em dias límpidos possibilitam desfrutar de uma paisagem para além das serras da Beira Baixa e conseqüentemente, todas as terriolas antes. Nesta sobrasai a Barragem da Póvoa e Meadas, da qual faz parte a Central Hidroelétrica do Alto-Alentejo.

Em termos de clima, na região do Alto-Alentejo, fazem-se sentir várias amplitudes de tempo ao longo do ano, sendo os invernos são muito frios. Os verões por sua vez são quentes e secos⁹. É frequente em Castelo de Vide os termómetros marcarem temperaturas perto e mesmo abaixo de 0°C e no verão perto ou acima dos 40°C.

1.2.2. Enquadramento histórico

No que diz respeito à ocupação humana deste território sabemos, através do relatório *Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide* (2008), que existem artefactos encontrados no concelho que remontam ao século IV a.C.¹⁰. É um concelho rico em sítios arqueológicos, sobretudo monumentos megalíticos do período do neolítico e o calcolítico.

Autores como António Montez (1937) e César Videira (2011) acreditam que o seu primeiro nome seja Vide pois viria do termo “Villa Divide”, devido à sua proximidade com Espanha¹¹.

⁷ “O Parque Natural da Serra de São Mamede cobre quatro concelhos da zona do Norte Alentejo: Arronches, Castelo de Vide, Marvão e Portalegre. Criado em 1989 com o objetivo de assegurar a conservação da natureza, conta atualmente com uma imensidão de vegetação, assim como variadíssimas comunidades animais. É, não só pela sua dimensão, mas também pela sua altitude um dos locais com maior diversidade paisagística”. – Informação disponível em: <http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnssm/class-carac>

⁸ Marca natural.pt é uma marca nacional que está ligada às áreas protegidas, apostando na biodiversidade, na economia, no património, e na estirace portuguesa. – Informação disponível em: <http://natural.pt/portal/pt/AreaProtegida/Item/9#marca>

⁹ Rodrigues, 1975: 27.

¹⁰ Magusto, 2008: 4 a 14.

¹¹ Montez, 1937: 1.

Já Maria do Guadalupe Alexandre (1976) descarta por completo esta teoria, afirmando que a povoação sempre foi conhecida como “Terra da Vide”, “Vila de Vide”, ou até apenas por “Vide”, e nunca por “Vila Divide”¹². Isto porque existiam bastantes videiras no local onde está hoje o castelo.

Pouco se sabe sobre a história desta vila até ao século XII. Até aqui apenas existe informação que a mesma já houvera sido habitada há bastante tempo. Sabe-se que a meio do século citado, o território da vila foi ocupado pelos muçulmanos.

César Videira, na sua obra *Memória História da muito notável villa de Castello de Vide* (2011), afirma que não existem registos de quaisquer colinas cristãs abaixo de Marvão antes do século XII, citando a teoria de Alexandre Herculano acerca do domínio árabes nestas regiões em que, dadas as condições das conquistas portuguesas por aquela altura, os primeiros ter-se-iam visto obrigados a abandonar o território.

Porém, até àquele momento não existem quaisquer evidências documentais que comprovem a existência desta vila. Podemos deduzir que a sua existência oficial será posterior à existência da monarquia através da documentação que por esta altura começa a surgir.

Será o primeiro documento escrito que fala sobre a vila de meados do século XII, referindo-se à mesma como “estão reunidos os fundamentos de outro lugar forte”¹³. Esta citação poderá apenas significar que este lugar deverá ser protegido devido à sua zona fronteiriça – posição que poderia tornar este “lugar” num ponto de passagem a quem quisesse perfurar por terras lusitanas em busca de conquistas.

A história da vila enquanto espaço administrativo é datada de 1180, aquando da receção do seu primeiro foral por Pedro Eanes¹⁴. Separa-se de Marvão em 1276¹⁵, formando concelho próprio, mas apenas em 1310 D. Dinis lhe concede o segundo foral¹⁶ e dá início às obras do castelo medieval, assim como das suas muralhas.

António Montez, na sua obra *Terras de Portugal* (1937), afirma que esta vila terá sido bastante fiel a todos os monarcas portugueses, chegando a enfrentar Portalegre, em 1299, com El-rei D. Dinis à frente, pois estes teriam tomado partido do seu irmão, D. Afonso, que lhe queria roubar o trono.

¹² Alexandre, 1976: 15.

¹³ Videira, 2008: 41.

¹⁴ Montez, 1936: 1.

¹⁵ *Dicionário das Enciclopédias*, 1998: 657.

¹⁶ Videira, 2008: 43.

O termo das obras do castelo do lugar de “Vide” terá ocorrido em 1365, já no reinado de D. Afonso IV, sendo que tal acontecimento deu um novo nome à vila, que se mantém até aos dias de hoje: Castelo de Vide.

Com o avanço da Idade Média a vila começa a expandir-se além muralhas até terras mais baixas. De início esta expansão terá ocorrido ao abrigo do castelo, para que caso houvessem episódios bélicos a população se pudesse refugiar dentro das muralhas.

Esta expansão foi de tal ordem que em inícios do século XVIII a vila teria uma cintura fortificada abaluartada com 2.5km¹⁷ de extensão.

Ao longo do território, expandido por esta altura, poderemos encontrar edifícios simples e outros com vestígio de várias correntes artísticas¹⁸.

Esta expansão gerou uma alteração no abastecimento de águas, existindo a necessidade de criar novas fontes até aos locais para onde a população se ia fixando, como veremos no próximo capítulo deste estudo, quando abordarmos a temática das fontes.

Um outro acontecimento histórico de relevância é o facto de na segunda metade do século XV se ter instalado em Castelo de Vide uma das maiores comunidades judaicas do país¹⁹, aquando da expulsão dos judeus pelos reis católicos espanhóis – Fernando e Isabel. Esta comunidade deixou como herança aos castelo-videnses uma extrema riqueza no que ao património diz respeito, como poderemos constatar mais à frente.

Em 1512 a vila recebe novo foral, aquando da reforma dos mesmos por D. Manuel I. Perde-se o de D. Dinis, mas mantem-se o de Pedro Eanes.

Em 1673, as delimitações da vila histórica medieval já tinham proporções muito semelhantes às que tem hoje²⁰, sendo a maioria da população que habitava fora das muralhas famílias de lavradores, que por necessidade se dedicaram à exploração dos campos para poderem alimentar-se e ganhar algum dinheiro com o excedente dos seus produtos. A pecuária e a vinicultura seriam atividades igualmente desenvolvidas.

¹⁷ “Castelo e Muralha de Castelo de Vide – guia”, 2004 – Panfleto.

¹⁸ Videira, 2008: 52.

¹⁹ Informação disponível em:

<http://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/castelo-de-vid>

²⁰ Videira, 2008: 58.

Em termos de indústria, as duas principais atividades desta época eram a cortiça (que permanece até aos nossos dias) e a carda²¹, dado que na vila existia uma das fábricas nacionais de lã.

Em meados de 1700 a vila contava com mais de 1700 vizinhos (habitantes fora das muralhas) e 7000 habitantes²². Por esta época Castelo de Vide já era considerada uma das vilas mais populosas da província.

Importante será de referir que em 1836, devido à extinção do concelho de Póvoa e Meadas, este integra o de Castelo de Vide como freguesia, sendo este o ano em que as delimitações definitivamente se assemelham mais às atuais.

Será em 1861, aquando de uma visita a todo o Alentejo por D. Pedro V, que a vila ganha uma das distinções que orgulhosamente vigora até aos nossos dias. Foi intitulada “Sintra do Alentejo”²³ devido à sua distinta paisagem verde, maioritariamente coberta por castanheiros e azinheiras que fazem contraste com as rochas ao longo de toda a Serra de São Paulo. Este título é um dos mais utilizados em termos de propaganda da vila, panfletos turísticos, e é muito acarinhado pelos seus habitantes.

Castelo de Vide foi ao longo dos séculos palco de várias frentes de batalhas, devido à sua localização fronteiriça. As mais emblemáticas referem-se aos períodos da Restauração (século XVII), do litígio com Espanha (século XVIII), assim como ao longo da primeira década do século XIX esta vila foi envolvida na guerra, sendo a primeira frente de defesa do território nacional, num despique que colocou em confronto exércitos portugueses, espanhóis, franceses e ingleses²⁴. Porém, toda a zona do antigo burgo se manteve intacta até aos nossos dias, sendo que qualquer visitante poderá percorrer as ruas do mesmo.

Foi devido a estes cenários bélicos que, ao longo do tempo, as muralhas do castelo foram sofrendo alterações e ampliações. Foi ainda devido a estes cenários que em 1647, Castelo de Vide recebe mais uma das distinções que vigora até aos nossos dias, pelo príncipe regente D. Pedro II: “Notável vila de Castelo de Vide”²⁵.

²¹ Videira, 2008: 254.

²² Videira, 2008: 60.

²³ Louro, 1992: 18.

²⁴ *Dicionário das Enciclopédias*, 1998: 657.

²⁵ Um pouco de história: Desde os tempos mais remotos, *Castelo de Vide: uma natureza humanizada que convida ao repouso e ao sonho*, 1991 : 4.

Notório será o impacto que tal distinção teve, que hoje em dia ao escrever sobre a vila muitos dos autores adotam este adjetivo para a definir. São exemplos César Videira, já algumas vezes citado ao longo deste enquadramento histórico, assim como Maria do Guadalupe Alexandre que intitula o primeiro capítulo da sua obra *Etnografia, Linguagem e Folclore de Castelo de Vide*, de “Notável Vila de Castelo de Vide”. Esta distinção encontra-se também gravada na bandeira do concelho.

Ao longo das leituras feitas sobre CV para elaboração deste estudo, muitas vezes me deparei com a existência de um grande espírito de altruísmos, caridade, entreaajuda, respeito e auxílio por parte dos habitantes.

Como o próprio António Montez (1937) salienta com o exemplo a construção do Asilo dos Cegos de Nossa Senhora da Esperança, por José Diogo Sameiro; foi também erguido um asilo para órfãos e inválidos do trabalho por Almeida Sarzedas.

São exemplos deste espírito altruísta as albergarias, muitos comuns desde o século XV, a Misericórdia fundada pela Rainha D. Leonor, assim como as confrarias com dotes para raparigas órfãs.

1.2.3. Contexto Social

Segundo os censos de 2011, Castelo de Vide tem uma população total de 3407 habitantes, sendo que apenas 334 terão idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, 1934 entre os 15 e os 64, e 1129 com mais de 65 anos, num total de 1416 famílias.

Em tom de comparação verifiquemos os censos de 2001 onde a vila contava com um total de 3872 habitantes, dos quais 511 tinham menos de 14 anos, 2202 entre os 15 e os 64 anos, e 1159 com mais de 65 anos.

Num prazo de apenas 10 anos, CV diminuiu o número de habitantes em 465, o número de habitantes menores de 14 anos desceu, assim como o número de cidadãos em idade ativa e o número de idosos manteve-se semelhante.

Estes dados ganham maior impacto quando os comparamos a um maior intervalo de tempo: segundo os censos de 1960 a vila contava com um total de 6538 habitantes, dos quais 1353 tinham menos de 14 anos, 4328 entre os 15 e os 64 anos e apenas 856 com mais de 65 anos de idade²⁶.

²⁶ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:
<http://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

Conclui-se que num espaço de 51 anos o número de habitantes em CV diminuiu cerca de 50%, existindo uma tendência de envelhecimento da população. Em 2011 o número de crianças corresponde a 30% do número de habitantes idosos no concelho.

Falando em grau escolaridade segundo os censos de 2011 verifica-se que em CV existem 18.9% de habitantes sem qualquer nível de escolaridade, 29.7% com o 1º Ciclo, 9.6% com o 2º Ciclo, 19.1% com o 3º, 12.9% com o ensino secundário e apenas 9.4% com o ensino superior. Existe um aumento substancial comparando com os censos de 1960. Nesse ano, 69.2% da população não tinha qualquer nível de escolaridade, 28.7% tinham apenas o 1.º Ciclo, não existem quaisquer dados em relação aos 2º e 3º Ciclos, 1.8% dos residentes tinha o ensino secundário concluído e 0.4% o ensino superior²⁷.

Castelo de Vide tem hoje «um agrupamento de escolas Garcia d' Orta composto pela Escola Básica, 2.º e 3.º Ciclos.

No ano letivo 2015/2016 existiam 92 crianças a frequentar o ensino básico, 54 o 2º ciclo e 80 o 3º, segundo dados fornecidos pela diretora do agrupamento de escolas, a professora Ana Paula Travassos²⁸.

Se o único estabelecimento de ensino existente na vila apenas alcança o 3º Ciclo, os estudantes têm de se dirigir à capital de distrito, Portalegre, para o poder frequentar o ensino secundário, tendo duas opções de escolha: a Escola Secundaria com 3º Ciclo Mouzinho da Silveira ou Escola Secundaria de S. Lourenço.

No ano letivo 2016/2017 existiram 4 ofertas formativas ao nível secundário: Ciências e Tecnologia, Línguas e Humanidades, Artes Visuais e um curso profissional de Técnico Auxiliar de Saúde²⁹.

Existe nesta escola não existe a vertente da Economia, assim como a nível dos cursos profissionais a oferta é limitada. A oferta é insuficiente para satisfazer a necessidade ou gostos de todos os jovens que queiram optar pelo rumo do ensino profissional.

²⁷ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

[http://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%A9vel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+segundo+os+Censos+\(percentagem\)-380](http://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%A9vel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+segundo+os+Censos+(percentagem)-380)

²⁸ Dados cedidos pela Diretora da Escola Básica, 2º e 3º Ciclos Garcia d' Orta, no dia 13 de junho de 2016, via e-mail, no âmbito de um trabalho para a Unidade Curricular de Projetos Culturais de Património.

²⁹ Informação consultada no site oficial da ESSL, disponível em:

<http://www.essl.edu.pt/images/pdf/folhetos17.pdf>

No âmbito do ensino superior, a oferta é muito limitada.

Existe apenas um estabelecimento, o Instituto Politécnico de Portalegre (IPP) com uma oferta de cursos limitada. Dividido em 4 escolas, apenas 3 se situam no espaço físico da cidade, pois a quarta encontra-se em Elvas: Escola Superior Agrária de Elvas.

As 3 escolas do Instituto situadas na cidade de Portalegre são a Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG), Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), e a Escola Superior de Saúde (ESS).

A primeira oferece 6 cursos de licenciatura, a saber: Design e Animação Multimédia, Tecnologia de Produção e Biocombustíveis, Administração de Publicidade e Marketing, Design de Comunicação, Engenharia Informática e Gestão – sendo este o único curso com regime pós-laboral³⁰. Em termos de mestrados a oferta é mais pequena, existindo apenas 3: Contabilidade e Finanças, Reabilitação Urbana e Gestão de IMP.

A ESECS conta com uma oferta de 4 licenciaturas: Educação Básica; Jornalismo e Comunicação; Turismo; e Serviço Social – sendo este último o único com regime pós-laboral. Em termos de mestrado a oferta sobe em termos numéricos para cinco: Educação e Proteção de Crianças e Jovens; Educação Pré-Escolar; Educação do 1º Ciclo; Educação Especial; Gerontologia; e Jornalismo, Cultura e Comunicação³¹. Na ESS existem dois cursos, Enfermagem e Higiene Oral³² e um mestrado em Enfermagem³³.

Pode concluir-se que todos os jovens que queiram seguir carreiras diferentes da oferta curricular existente no distrito são obrigados a deslocar-se, passando a residir numa outra cidade ou país onde exista oferta adequada às suas ambições profissionais.

Com base nesta informação pode considerar-se que este é mais um dos fatores que causam o envelhecimento da população, não só da vila de Castelo de Vide, como do distrito.

³⁰ Informação Consultada no site oficial do IPP, disponível em: <http://www.estgp.pt/pt/oferta-formativa/grau/?d=1>

³¹ Informação Consultada no site oficial do IPP, disponível em: <http://eseecs.ipportalegre.pt/pt/oferta-formativa/grau/?d=1>

³² Informação Consultada no site oficial do IPP, disponível em: <http://ess.ipportalegre.pt/pt/oferta-formativa/grau/?d=1>

³³ Informação Consultada no site oficial do IPP, disponível em: <http://ess.ipportalegre.pt/pt/oferta-formativa/grau/?d=2>

Muitos dos jovens que abandonam as suas origens neste âmbito não voltam, não só pela falta de oferta de trabalho nas áreas que se formaram, mas porque acabam por construir toda a sua vida na cidade ou país para onde se deslocaram.

Se os jovens não voltam às origens, diminui a população ativa da vila e a população jovem. Apenas permanecem os seus familiares que vão envelhecendo.

Podemos igualmente concluir que o fraco grau de escolaridade da população é influenciado pelo facto de os jovens não regressarem às origens, permanecendo grande parte da população idosa e efetivamente, e de escolaridade baixa ou nula, pois no seu tempo era comum não ir à escola ou apenas frequentar o ensino até à quarta classe.

Os dados sobre a habitação demonstram que existiu um aumento pouco significativo do número de edifícios entre 1960 e 2011 – segundo os respetivos censos. Na primeira data existia um total de 2363 edifícios, dos quais 2263 seriam principalmente residenciais e 100 não residenciais. Em 2011 verificam-se um total de 2646, dos quais 2617 são residenciais e apenas 29 não residenciais³⁴. Num período de 50 anos a vila conta com um aumento de 283 edifícios, mas um decréscimo acentuado de edifícios não residenciais. Isto significa um crescimento de apenas 11% ao longo de 50 anos, representando um crescimento de 0.2% anual.

Estes números representam a diminuição de casas que abrigavam famílias numerosas, com várias gerações a morar num único imóvel, atualmente ultrapassado. Hoje, a tendência é num imóvel habitarem apenas duas gerações: pais e filhos.

O decréscimo do número de edifícios não residenciais poderá relacionado coma inauguração de uma grande estrutura da cadeia de hipermercados, em 2007³⁵ que, direta ou indirectamente, gerou a falência de muitas mercearias e comércio local.

1.2.4. Contexto Económico

No que diz respeito ao contexto económico, inicialmente focar-me-ei na economia da autarquia, seguido de uma análise das condições de vida da população.

³⁴ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Edif%C3%ADcios+segundo+os+Censos+total+e+por+tipo-82>

³⁵ “Pingo Doce” abre hoje às 08:30 horas, Noticias de Castelo de Vide, 30 de agosto de 2007, disponível em: <http://noticiasdecastelodevide.blogspot.pt/2007/08/pingo-doce-abre-hoje-s-0830-horas.html>

Todos os dados apresentados em termos de despesas municipais serão expostos através do indicador “Euro – Milhares”, de forma a respeitar a modalidade apresentada pela fonte consultada: PORDATA.

Segundo dados revelados pelo site PORDATA, com base na versão 2013 da NUTS, em 2009 a Câmara Municipal de Castelo de Vide (CMCV) teve um total de 5.794,67€ de despesa total. Em 2015 esse valor desceu para 5.807,69€, sendo que no que diz respeito às despesas efetivas a tendência se mantém, passando de 5.456,02 em 2009 para apenas 4.801,55€ em 2015³⁶ - sendo este um valor significativo.

O saldo é positivo quando falamos em receitas e despesas efetivas, a saber: em 2009 o município tinha um total de despesas efetivas de 5456,02€ e 5567,25€ em receitas, o que dá um total de 111,23€ de saldo positivo. Em 2015 o balanço positivo aumentou: 5.087,69€ num total de despesas efetivas, 5.742,98€ em receitas efetivas, o que gerou um saldo positivo de 655,29€.

Verifica-se que nos últimos anos as contas do município têm vindo a tendencialmente a equilibrar-se. Comparando estes dados com as tendências dos outros municípios pertencentes ao distrito de Portalegre, facilmente verificamos que nos últimos anos existiu uma diminuição das despesas efetivas, um aumento das receitas e consequentemente dos saldos positivos.

Em 2009 houve nove municípios com saldo negativo, sendo que a situação se alterou para quatro em 2015. Porém, dos que permanecem com saldo negativo na segunda data, a tendência foi para que esse valor diminuísse. As únicas exceções serão Marvão – que em 2009 tinha um saldo positivo de 562,98€ e em 2015 um negativo de 15,79€ -, e Ponte de Sôr – que passou de um saldo positivo de 405,67€ em 2009 para um saldo negativo de 2.832,85 em 2015.

Em tom de conclusão, verifica-se que a zona do Alto Alentejo passou de um saldo negativo de 12.248,97€ em 2009 para um saldo positivo de 2.707,59€ em 2015³⁷.

³⁶ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Despesas+totais+das+câmaras+municipais+efectivas++activos+e+passivos+financeiros-608>

³⁷ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Câmaras+municipais+despesas+efectivas++receitas+efectivas+e+saldo-531>

Após uma análise do contexto municipal em termos de despesas, receitas e saldos, analisemos agora as condições de vida da população de Castelo de Vide, começando pelo poder de compra.

Segundo os dados cedidos pelo INE e PORDATA, em 1993 existia um poder de compra de 37,8% *per capita* na vila. Valores que aumentaram significativamente num espaço de tempo de 20 anos, uma vez que em 2013 existia um poder de compra *per capita* de 82,5%³⁸.

Em termos de população ativa, os censos de 2011 revelam que existem 1332 castelo-videnses que se encontram em idade ativa³⁹, dos quais 133 estavam desempregados. Desses 133, apenas 25 estariam à procura do primeiro emprego e os restantes 108 em busca de uma nova oportunidade de trabalho⁴⁰.

Neste ano existiam 1199 pessoas em atividade, das quais 68 estariam empregadas no sector primário, 211 no secundário e 920 no sector terciário⁴¹.

Esta informação comparada com os resultados dos censos de 1960, mostra que existiu alteração significativa naquilo que são as atividades económicas de CV, pois num total de 2667 pessoas em atividade laboral à data referida, 1671 estariam empregadas no sector primário, 410 no secundário e 596 no terciário.

Em relação à inatividade, em 2011 existe um maior número de pessoas inativas – 1731 no total⁴². Deste número, 199 são estudantes, 112 domésticos, 1289 reformados, 17 incapacitados e 123 com incapacidade não definida⁴³.

³⁸ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Poder+de+compra+per+capita-118>

³⁹ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/População+ativa+segundo+os+Censos+total+e+por+grupo+etário-146>

⁴⁰ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/População+desempregada+segundo+os+Censos+total+e+por+tipo+de+desemprego-143>

⁴¹ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/População+empregada+segundo+os+Censos+total+e+por+sector+de+atividade+económica-145>

⁴² Recordemos que existiam apenas 1199 pessoas ativas em 2011.

⁴³ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/População+inactiva+segundo+os+Censos+total+e+por+condição+perante+o+trabalho-144>

Quanto aos vencimentos constata-se uma disparidade significativa: em 2011 o valor médio de salário em euros no município é de 790,9. Porém, podemos verificar que estes valores variam consoante o nível de qualificações. Entre os Quadros Superiores e Médios, os valores ganhos são de 1381,4€ e 1462 respetivamente. Os encarregados, contramestres e chefes de equipa têm um salário médio de 1062,5€. Os funcionários altamente qualificados ganham uma média de 1046,5€, enquanto os qualificados 767,3€ e os semiqualficados 676€. Quanto aos habitantes não qualificados, o salário médio é de 611,4€ e os participantes ou aprendizes ganham uma média de 657,9€⁴⁴.

Em 2014 existiam 78 empresas⁴⁵ no concelho de Castelo de Vide. Num contexto de 18 setores de atividades económicas, apenas alguns destes estão representados no concelho, segundo a mesma fonte.

A agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca estavam representadas por 14 empresas; 4 empresas de indústrias transformadoras; 3 de construção; 19 de comércio por grosso e a retalho; 14 de alojamento, restauração e similares; 2 de atividades e informação e comunicação; 3 de atividades mobiliárias; 10 de atividades de consultorias, científicas, técnicas e similares; 1 de atividades administrativas e dos serviços de apoio; 3 de atividades de saúde humana e apoio social; 2 de atividades artísticas, de espetáculo, desportivas e recreativas; e por fim, 3 de outras atividades de serviços.

Fora destes sectores ficam: as indústrias extrativas; eletricidade, gás, vapor, água quente e fria; captação, tratamento e distribuição de água; transporte e armazenagem; atividades financeiras e de seguros; e, finalmente, educação.

O turismo é outro importante contributo para economia da vila de Castelo de Vide, pois com ele lucram entidades públicas e privadas.

Verifique-se para efeitos do presente estudo as dormidas nos hotéis da vila, que permitem ter uma noção da quantidade de pessoas que visitam Castelo de Vide.

⁴⁴ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Ganho+médio+mensal+dos+trabalhadores+por+conta+de+outrem+total+e+por+n%C3%ADvel+de+qualificação-279>

⁴⁵ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Sociedades+não+financeiras+total+e+por+sector+de+atividade+económica-399>

Em 2014 existiam no município 201 quartos em estabelecimentos hoteleiros, todos pertencentes aos 4 hotéis existentes à época⁴⁶.

Segundo o INE, em 2013 num total de 17.861 dormidas em estabelecimentos hoteleiros deste município, 15003 são de cidadãos portugueses e apenas 8858 estrangeiros. Segundo a mesma fonte, verifica-se que esta tendência diminuiu desde 2001, doze anos antes. À época existiram um total de 32.044 indivíduos a pernoitar na vila, sendo que 23.018 teriam nacionalidade portuguesa e 9.026 nacionalidade estrangeira⁴⁷.

Perante os dados apresentados pela mesma fonte, em 2014 existiu um aproveitamento aproximado de 611.000€ de rendimento obtido com dormidas nos hotéis de Castelo de Vide⁴⁸ (indicador Euro – Milhares).

1.2.5. Contexto político

Augusto dos Santos Silva, em *Tempos Cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular* (1994), frisa a importância do investimento autárquico às instituições e associações que promovem eventos ou manifestações de índole cultural, de forma a incentivá-las a continuar o trabalho desenvolvido⁴⁹. Pode falar-se aqui num festival de folclore, numa revista local, entre outros.

O mesmo autor salienta a importância no investimento em atividades do ramo cultural perto das escolas, de forma a criar junto dos mais jovens o gosto pelos eventos e manifestações culturais que existam a nível local.

Defende que as autarquias devem incentivar eventos culturais, tendo o dever de os promover, pois estes são manifestações hereditárias daquilo que é a identidade de um local – neste caso, município.

⁴⁶ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Quartos+nos+estabelecimentos+hoteleiros+total+e+por+tipo+de+estabelecimento-770>

⁴⁷ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Hóspedes+nos+estabelecimentos+hoteleiros+total++residentes+em+Portugal+e+residentes+no+estrangeiro-749>

⁴⁸ Dados consultados no *site* PORDATA, disponível em:

<http://www.pordata.pt/Municipios/Proveitos+de+aposeno+nos+estabelecimentos+hoteleiros+total+e+por+tipo+de+estabelecimento-752>

⁴⁹ Silva, 1994: 243.

No âmbito do contexto político deste estudo serão analisados os orçamentos da CMCV desde 2012 para que desta forma se possa compreender a importância dada aos ramos da cultura e do património neste município ao longo dos últimos anos.

Foi escolhido um período de 5 anos (2012 a 2016), espaço de tempo considerável para compreender aquilo que é pretendido.

De forma a dar início a esta análise, é necessário frisar em que 2013 existiram eleições autárquicas e alteração do Executivo da CM no ano civil de 2014.

Para o efeito, será analisado o último mandato do antigo presidente da autarquia António Ribeiro, e os 4 anos do atual presidente, António Pita. Resta salientar que o atual presidente exercia já o cargo de Vice-Presidente nos últimos dois mandatos do seu antecessor.

Início esta análise pelo orçamento de 2012, na presidência de António Ribeiro que exercia o cargo desde 2001. Este orçamento divide-se em 4 grandes títulos: as funções gerais, funções sociais, funções económicas e outras funções. Para concretização desta análise, serão verificados os contextos sociais e económicos, fazendo alusão aos objetivos inicialmente estabelecidos sobre a relevância dada à cultura e ao património.

Dentro das funções sociais, foi despendido um capital total de 6.753.729,73€, sendo o valor distribuído por 5 grandes planos de intervenção: educação; saúde; segurança e ação social; habitação e serviços coletivos; e por fim, serviços culturais, recreativos e religiosos.

Do total referido anteriormente, 460.998,73€ foram investidos no ramo da educação – ensino não superior –, indo algum capital para o Plano Nacional de Leitura (PNL). Este montante foi também utilizado em obras de requalificação dos edifícios escolares e em atividades de enriquecimento do meio.

Foram investidos 112.412,54€ em serviços individuais de saúde e na segurança e ação social, foi investido um total de 5.000€. Em habitação e serviços coletivos 3.492.580,89€, dos quais meio milhão foi para a reabilitação do imóvel “Casa do Fura” que servia como habitação social, arquivo municipal e sede do Rancho Folclórico Nossa Senhora da Alegria de Castelo de Vide.

Na quinta secção, a dos serviços culturais, recreativos e religiosos foi investido um total de 2.682.737,94€, sendo grande parte deste valor investido no ramo da cultura, em ações como a criação dos museus Salgueiro Maia / Museu da Cidadania e Museu Agrícola de Póvoa e Meadas, assim como na aquisição de equipamentos e conteúdos para os museus em questão.

Recuperação do Cineteatro, aquisição de livros para a Biblioteca Municipal, recuperação do Burgo Medieval, valorização e recuperação das muralhas são alguns dos investimentos feitos ao longo deste ano no que à cultura e património dizem respeito.

As funções económicas serão aqui abordadas devido à vertente do turismo. No total foram despendidos 5.159.178,11€, sendo apenas 309.087,00€ destinados ao ramo do comércio e turismo. Os restantes valores foram distribuídos em categorias como a indústria e energias, e transportes e comunicação.

Dentro dos valores dedicados ao turismo podemos verificar obras de requalificação de espaços de descanso, integração de vários projetos ligados ao mesmo como o “Merca” e “Tejo Internacional II”, assim como a promoção e divulgação da imagem turística do município.

O ano de 2013 foi de mudança, sendo eleito um novo presidente da câmara. Porém, o orçamento desse mesmo ano foi elaborado pelo anterior presidente.

Estão orçamentadas os mesmos quatro títulos de plano do documento do ano anterior: funções gerais, funções sociais, funções económicas e outras funções. Sendo que, e em conformidade com a análise do ano anterior, irei apenas focar-me nas funções sociais e económicas.

No total relativo às funções sociais foi gasto mais 1 milhão de euros do que no ano anterior. Num total de 7.611.957€, foram destinados 598.651€ ao ensino não superior. Estes valores foram investidos no PNL e renovação de instalações elétricas do edifício. Aqui foram investidos alguns fundos em projetos culturais como o “Árvore dos Patrimónios” e realização de um evento cultural como encerramento do ano letivo.

Dentro do plano de ação social podemos verificar uma evolução. Existiu um fundo de 17.500€ para bolsas de ensino secundário e um de 41.000€ para bolsas de ensino superior. Estas bolsas destinam-se a ajudar jovens da vila que não tivessem possibilidades económicas de aceder ao ensino fora do município e que, por algum motivo, os subsídios estatais não eram suficientes para as suas necessidades.

Na área cultural o investimento foi de 1.852.605€ e à semelhança do ano anterior estes valores destinaram-se às mais diversas atividades. Todas as obras de museus, edifícios culturais e reabilitação da herança Medieval estão aqui orçamentadas. Aqui estão igualmente contemplados os fundos dados a associações locais que desenvolvem atividades de índole cultural, como é o caso do Rancho Folclórico da Nossa Senhora da Alegria (RFNSA), ou da Banda União Artística (BUA) de Castelo de Vide.

Aparece pela primeira vez o investimento feito no Festival “Andanças”, assim como investimentos realizados em comemorações marcantes como o 25 de abril, ou de índole religioso.

Dentro das funções económicas, num total de 3.762.730€, foram investidos 176.835€ em turismo. Existem valores investidos em meios de comunicação social como o jornal “Alto Alentejo” ou a “Rádio Portalegre”, criação de um campo de aventuras na Serra de São Paulo, integração no Círculo Turístico por terras raianas – cooperação transfronteiriça – POCTEP. Todas as atividades enunciadas no ano anterior também se mantêm este ano.

Analisando os valores gastos na área cultural, patrimonial e turismo ao longo dos dois orçamentos feitos pelos pelouros de António Ribeiro, verifica-se que o montante gasto com a área cultural e patrimonial obteve um aumento significativo.

Verifica-se que existe um investimento notório na educação e na educação cultural, desenvolvendo-se um esforço por parte do Agrupamento de Escolas de Castelo de Vide para a sensibilização cultural e patrimonial junto dos seus alunos.

Passemos agora à análise do primeiro orçamento elaborado com António Pita na presidência da câmara, o orçamento de 2014.

No plano das funções sociais, foram despendidos 6.559.624€, menos 1 milhão que no ano anterior. Valor bastante semelhante ao de 2012 para o ramo.

Ao ensino não superior foi dado um montante que mantém todas as tendências de anos anteriores: 647.421€, sendo que as atividades financiadas se mantêm, juntando-se a novidade do arranjo do telhado dos edifícios do Agrupamento de Escolas.

Os apoios dados para o ensino secundário e superior no âmbito do serviço de ação social, subiram para 19.000€ e 43.000€, respetivamente.

Na área da cultura o valor despendido mantém-se semelhante: 1.223.489€. Mantém-se as obras do Burgo Medieval e das muralhas, do Cineteatro e dos museus. Aparece o Festival “Andanças”, mas na temática das festividades culturais. O Mercado Medieval “Viver a História” torna-se parte integrante deste ramo das festividades culturais. Existe outra novidade o investimento: o festival “EthnoWorld”, que antecede a partir desse ano o “Andanças”.

Terão sido investidos valores significativos em aquisição de material para as bibliotecas de Castelo de Vide e Póvoa e Meadas.

Inicia-se um novo projeto de valorização da herança judaica do município: Rota de Sefarad – Valorização da Identidade Judaica Portuguesa no Diálogo Interculturais da Rede de Judiarias de Portugal.

No contexto das funções económicas foram despendidos 3.256.115€, destinando-se ao ramo do turismo 193.175€, onde os valores financiaram ações muito semelhantes às dos anos anteriores.

No orçamento de 2015 foram gastos 6.237.831€ em funções sociais, dos quais 564.347€ para o ensino não superior. Em relação às bolsas de apoio ao ensino secundário foram despendidos os mesmos 19.000€ e 44.000€ foram atribuídos ao ensino superior – mais 1000€ que no ano anterior.

Na cultura manteve-se a tendência, com um total de 1.338.949€, sendo que grande parte dos valores vão para obras de museus e para a aquisição de material para os mesmos. Aparecem os 3 eventos culturais que já em anos anteriores referenciamos: “Ethno World” Festival “Andanças” e Mercado Medieval “Viver a Historia”, assim como a parceria com a Rede de Judiarias de Portugal.

Existe um novo projeto cultural: o Centro de Interpretação Garcia d’ Orta, no qual foram investidos fundos para o projeto e início de obra.

Neste orçamento existe um significativo investimento em matérias de produção, animação e teatralização.

Ao longo deste ano os fundos cedidos a instituições culturais é de 30.000€, algo que merece destaque, pois é o primeiro ano em que é investido um valor de tal magnitude em associações. Nos orçamentos anteriormente analisado o valor era menos de metade.

Dentro dos 2.500.883€ gastos em atividades económicas, investiu-se em turismo um total de 139.931€, sendo grande parte destes fundos destinados a parcerias de promoção turística ambiental.

No orçamento do ano de 2016 os valores gastos em funções sociais desceram significativamente face aos anos anteriores, num total de 5.808.044€.

O valor gasto com o ensino não superior desceu para 615.800€, mantendo-se as atividades elaboradas a nível cultural neste grau de ensino. Porém, é notório o acréscimo nos subsídios atribuídos aos alunos do ensino secundário e superior face aos anos anteriores: 27.000€ e 51.000€ pela respetiva ordem.

Verifico que neste ano existe algo que não era visível desde 2012: na secção das habitações, existem obras na “Casa do Fura” que passará a funcionar como depósito etnográfico, com todas as condições que tal exige.

De acordo com as tendências de investimentos menores no orçamento de 2016, os valores despendidos com o ramo cultural diminuíram para 1.057.711€. Dos 5 orçamentos analisados este é o que dedica um valor menor à secção da cultura.

Mantendo a tendência dos anos anteriores, existe uma continuidade das obras de requalificação do Burgo Medieval e das muralhas. Todos os projetos integrados até à data se mantêm assim como as festividades enunciadas.

Salientam-se 3 novidades a nível orçamental cultural em 2016: a primeira é a obra de recuperação e requalificação da “Casa do Morgado” para o apoio à valorização do património cultural das Artes e Ofícios tradicionais inserida no projeto da Rede Transfronteiriça de Museus e Infraestruturas; a segunda é o projeto Castelo de Vide Anima – uma feira de produtos biológicos e velharias; a terceira será o desenvolvimento das Conferências Internacionais da Idade Média.

Em funções económicas investiu-se 3.192.650€, sendo que 217.450€ foram destinados ao ramo do turismo. As atividades feitas neste âmbito mantêm-se.

Podemos concluir após a análise destes dados que embora os valores despendidos a área cultural e patrimonial tenham vindo a descer, a autarquia acaba por investir em mais projetos neste âmbito, havendo certamente uma mais criteriosa gestão dos recursos.

Existe um esforço notório por parte desta entidade em conservar e restaurar os espaços culturais já existentes e na construção de mais espaços dedicados à cultura e identidade de Castelo de Vide.

Salienta-se ao longo desta análise as preocupações e cuidados sobre a preservação e conservação do património cultural do concelho, seja a nível material ou imaterial.

É dado especial ênfase a eventos de cariz cultural, nas mais diversas manifestações, como podemos verificar nos investimentos feitos no “Ethno World”, Festival “Andanças” ou Mercado Medieval “Viver a História”. Estas manifestações culturais terão especial atenção especial no contexto cultural deste estudo.

As preocupações com a educação são notórias aquando da subida dos subsídios financeiros dados ao Agrupamento de Escolas de Castelo de Vide, e a nível secundário e superior a jovens com necessidades económicas. Quando investimos na formação investimos também na cultura, pois os jovens de hoje serão os adultos e consumidores culturais de amanhã.

O investimento nas associações de índole cultural aumentou, o que significa que as mesmas têm mais meios para realizar atividades de dinamização o será uma indiscutível vantagem para o município.

É notório por parte dos dois executivos analisados a preocupação em dar destaque às figuras nacionais provenientes de Castelo de Vide, pois ao longo deste contexto político podemos verificar que será contruída a “Casa da Cidadania Salgueiro Maia” e o “Centro de Interpretação Garcia d’ Orta”, duas ilustres figuras da história nacional nascidas na vila.

1.2.6. Contexto Cultural

Ao longo dos séculos XIX e XX, mal chegava o Verão, começava a época das festas por todo o país, ou como eram chamadas: as romarias. Celebrações associadas à religião através dos Santos Padroeiros de cada cidade, vila ou aldeia. Para além desta atribuição religiosa (católica), as festas tinham como objetivo a celebração das colheitas ou a esperança que estas fossem abundantes. Marcavam de forma simbólica a recompensa pelo trabalho árduo nos campos ao longo de todo o ano.

Pierre Sanchis, (1983) afirma que as antigas romarias sofreram alterações com o tempo devido às transformações sociais. Contudo, tal não invalida o facto de continuarem a integrar parte da herança cultural de cada indivíduo ou sociedade, que as sociedades contemporâneas pretendem manter vivas, de acordo com a sua interpretação atual⁵⁰, readaptando estas manifestações à medida das suas necessidades e crenças. As festividades que não conseguem reajustar-se perdem força e deixam de existir com o passar dos anos⁵¹.

A alteração da identidade destas festas/romarias para um modelo cada vez mais turístico e cada vez mais dependente de subsídios ou apoios por parte das entidades públicas ou privadas, constitui um dos problemas destes fenómenos (Pacheco, 1987).

Como consequência, presencia-se a uma alteração da atitude dos públicos em relação às mesmas: antes a população era extremamente ativa no desenrolar das atividades e agora o público acaba por ter uma postura passiva no desenrolar das atividades. Deste modo, a maioria das atividades realizadas no âmbito destas festividades são feitas para consumo. As festas dos nossos dias são pensadas apenas para dar dinheiro: seja à entidade organizadora, seja às bandas que vão tocar.

⁵⁰ Sanchis, 1983: 16.

⁵¹ Sanchis, 1983: 32.

Uma solução passa pela transformação dos valores destas romarias, dando-lhes uma nova força através da novidade e do imprevisto, em que se salienta o reajustamento do conceito, mantendo uma vertente consumista através de exposições, espetáculos, música, *workshops*, etc.

Sendo que os públicos contemporâneos procuram inovação, é legítimo que novas festas e manifestações culturais ganhem força, não descartando o vínculo que a população sente em relação às festas e romarias com maior amplitude temporal.

Os públicos contemporâneos, para além de valorizarem as festividades às quais estão ligados por herança cultural e as reajustarem às suas necessidades, acabam por valorizar e ajudar a construir novos conceitos, que quem sabe no futuro serão a herança para os seus sucessores.

As alterações marcam também as festividades e manifestações culturais da vila de Castelo de Vide. Segundo o panfleto “Castelo de Vide: Um Lugar na Memória!”, existem 18 eventos anuais a decorrer no concelho, tendo sido dois deles realizados pela primeira vez no ano de 2017, através de uma parceria entre a Câmara Municipal e a Associação Burgo Pedestal: o Festival da Água e do Tempo, e o Festival de Cinema.

Destes 18 eventos, seis são do âmbito desportivo: Voo Livre e Parapente, Provas de Orientação, BTT, Walking Nature, Castelo de Vide – CUP e a Volta ao Alentejo em Bicicleta.

O Festival “Andanças”, Ethnoworld, Festival de Lavanda e Outras Aromáticas, Festival de Folclore, Mercado Medieval e Primavera com Aves – realizado apenas uma vez, em 2015 –, têm um âmbito lúdico e cultural.

Verificam-se quatro festividades tradicionais, representadas pelo Carnaval, Semana Santa, Santos Populares e Mercado de Natal.

Deixando a vertente desportiva, que não será contemplada neste presente estudo, será dado ênfase aos eventos tradicionais, culturais e lúdicos.

Iniciarei esta análise com as festividades tradicionais que ainda hoje são celebradas anualmente, para se conseguir ter uma melhor perceção da sua evolução e adaptações ao longo do tempo.

Posteriormente serão analisados os eventos anuais de carácter lúdico e cultural de iniciativa mais recente, últimos 10 anos, e que têm dinamizado a vila, criando (quem sabe!) novas tradições adaptadas aos costumes e gostos da população contemporânea.

Existiam outras festividades, que costumavam ser celebradas, mas de cada vez com menor impacto, visibilidade e simpatizantes. Será o caso das “Festas de Santa Maria

de Agosto” que eram celebradas com bailaricos tradicionais e festas em redor da padroeira da vila, Nossa Senhora da Penha, as festas em honra da Nossa Senhora dos Prazeres e o dia de Todos os Santos.

A) Carnaval

Jaques Heers, em *Festas de Loucos e Carnavais* (1987), relembra que o Carnaval é uma festividade que assinala os dias antes da Quaresma e tudo o que a mesma implica: jejuns e abstinência. Significa os últimos dias de “liberdade” até ao final das festividades pascoais⁵², sendo uma tradição proveniente de Itália que nos remonta ao século XVI e se expandiu para a Europa ao longo do século XVIII⁵³.

Não existe nenhum documento sobre o início da tradição carnavalesca em Castelo de Vide. Intitulado de Carnaval Trapalhão de Castelo de Vide as suas datas dependem das definidas para a Páscoa, como aliás acontece com esta festividade a nível nacional.

Em tempos que remontam aos anos 30 e 40 do século passado, existiam três bailes principais: o do Domingo Gordo, Domingo Magro e Terça-Feira.

Grande parte das pessoas ia aos bailaricos mascarada de forma a não ser reconhecidas e divertiam-se pelo gosto de ninguém saber quem eram. As raparigas vestiam bastantes saias, umas por cima das outras, com chapéus antigos e rendas nas caras, sendo que desta forma, nem pela silhueta poderiam ser reconhecidas.

Ao longo do dia existiam desfiles onde as crianças se mascaravam a rigor e os mais velhos se vestiam e pintavam de forma trapalhona. Daí o nome que esta manifestação cultural adquiriu ao longo dos anos: Carnaval Trapalhão.

Havia camionetas que desfilavam ao longo da Carreira de Cima⁵⁴, gerando batalhas de flores. Este desfile era acompanhado pelo som da BUA de Castelo de Vide que lhe dava vida com a sua música.

Existiam mais dois desfiles de dança que eram ensaiados nos meses antecedentes. Baseavam-se em marchas conhecidas e versos que muitas vezes eram compostos por pessoal integrante do grupo.

Carnaval, por esta época, significava época de partidas.

⁵² Heers, 1987: 169.

⁵³ Heers, 1987: 9.

⁵⁴ Rua Bartolomeu Álvares da Santa, a principal rua de Castelo de Vide até aos dias de hoje.

Nos dias de hoje algumas destas tradições já se perderam. É pouco comum encontrar alguém mascarado com várias saias e uma renda em frente à cara.

As alterações mais acentuadas verificam-se nos planos das atividades carnavalescas desde há sensivelmente 10 anos para cá. Duram seis dias e é durante a noite que ganham maior força com momentos musicais.

Ao longo das noites o espaço do Pavilhão Municipal, local onde são providenciados os momentos musicais, grande parte da população que a eles vai assistir veste-se a rigor, com as mais diversas mascaras, desde a mascara mais tradicional à mais atual.

Existem dois dias em que se realizam desfiles pelo centro histórico da vila: o Domingo Gordo e a terça-feira. Estes foram perdendo participantes ao longo dos anos, e por isso a autarquia oferece 3 prémios aos grupos inscritos com maior originalidade: 250€ para o primeiro lugar, 150€ para o segundo e 50€ para o terceiro. Desde que estes prémios surgiram, a adesão ao desfile aumentou, pois embora o valor seja simbólico, serve de argumento para o grupo se juntar no ano seguinte e não gastar tanto dinheiro em material de construção das mascaras.

A tradição dos desfiles de dança perdeu-se e a música de fundo que anima os desfiles são as músicas brasileiras alusivas a esta altura do ano. A BUA de Castelo de Vide continua a integrar os dois desfiles, mascarando-se e trazendo um pouco daquilo que é a identidade original destas festividades na vila.

Outra característica contemporânea é o facto de as mascaras serem apropriadas a climas quentes – de lembrar que é comum por esta altura em CV os termómetros marcarem os 0°C. Este fenómeno acontece porque muitas das lojas que vendem mascaras de carnaval as importam da América Latina, onde é verão por essa altura.

As partidas carnavalescas continuam a fazer parte desta época, ainda que se tenha alterado o seu registo. Antes eram inocentes, sem qualquer tipo de intenção de prejudicar os outros. Agora há quem mantenha o registo, porém os mais novos tendem a estragar carros alheios ou a estragar bens materiais daqueles que a seu ver são menos afáveis.

Através da análise destes fatores verificamos que a tradição do Carnaval em Castelo de Vide sofreu alterações significativas ao longo do tempo, de modo a servir a sociedade onde se insere.

B) Páscoa

Recuemos novamente até início do século passado e verifiquemos como era vivenciada a época da Páscoa na vila de Castelo de Vide.

Durante a Quaresma a grande maioria, se não a totalidade, dos habitantes da vila não comia carne nas sextas-feiras deste período. Existia também quem fizesse jejum de água e pão.

Ao longo deste período, as “maestras”, amas dos nossos dias, recebiam as meninas em suas casas para que os pais pudessem trabalhar, sendo que muitas destas mulheres ensinavam as primeiras letras às mais pequenas.

Na casa das mestras reuniam-se por norma raparigas de várias idades. Por esta época as mais novas solicitavam às mais velhas que lhes construíssem as chamadas capelinhas – coroa de flores. As pequenas dirigiam-se depois ao largo da Igreja Matriz para exhibir as suas coroas e receber as amêndoas.

Durante o período que antecede a Sexta-Feira Santa não existiam quaisquer festividades ou bailes, sendo o dia da “Sarração das velhas” o único em que existia algum alarido. Neste dia, quando as mulheres idosas saíam à rua, as crianças dirigiam-se a elas, formavam uma roda de mãos dadas mantendo-as no meio e cantavam alguns versos populares. Também a abstinência que antecede o Domingo de Ramos era bastante respeitada.

Neste dia existia uma procissão onde todos os homens que a integravam se vestiam de preto e seria neste contexto que se dava início à Semana Santa.

De manhã celebrava-se a Missa dos Ramos, onde eram benzidos os ramos e adoradas as figuras do Senhor dos Passos, Nossa Senhora e São João, que se faziam exhibir em andores enfeitados de flores, por norma violetas⁵⁵. Ao longo desta missa celebrava-se a procissão das Palmas dentro da igreja, onde pela primeira vez eram exibidos os três andores ao povo.

À tarde, quando as condições climatéricas o permitiam, celebrava-se a procissão dos Passos: acompanhada pela BUA, ia desde a Igreja Matriz até à Capela do Calvário. Esta era uma das procissões mais aguardadas pelos populares devido à sua beleza, sendo integrados alguns penitentes⁵⁶.

⁵⁵ Alexandre, 1976: 88.

⁵⁶ Crianças que vestiam túnicas roxas que pertenciam à igreja.

Nesta procissão (assim como em todas as corridas não âmbito pascal), era comum as crianças vestirem-se de anjo, Senhor dos Passos ou de Nossa Senhora, com a finalidade de cumprir promessas suas ou de familiares.

Ao longo do percurso das procissões pendurava-se colchas às janelas. Atrás destas, os populares que assistiam às procissões das suas casas tinham o hábito de se ajoelhar à passagem das mesmas.

Os dias correspondentes à Semana Santa eram celebrados na vila diariamente com procissões, cada uma com diferentes simbolismos e rituais, como podemos verificar pelo exemplo acima descrito, com especial ênfase na Quinta e Sexta-Feira Santa. Seria ainda tradição a cozedura dos bolos fintos e das queijadas.

No sábado que antecedia o domingo de Páscoa a vila transformava-se. Iniciado com o tradicional mercado do borrego pela manhã, onde os animais eram benzidos. Maria do Guadalupe Alexandre explica que em tempos mais remotos os rebanhos ficavam à porta da vila até a Aleluia sair às ruas (pela noite).

A Aleluia é desde há largas dezenas de anos um dos principais acontecimentos da vigília pascal nesta vila: grande parte da população dirige-se à Igreja Matriz. No início do século passado eram tantos os que queria assistir à missa que não cabiam dentro da majestosa igreja.

Estas pessoas faziam acompanhar-se por chocalhos e no final desta missa iniciava-se o espetáculo da Aleluia em tom de celebração do momento em que Jesus Cristo ressuscitou. Abanando o chocalho, centenas de pessoas davam a volta a grande parte das ruas do centro histórico da vila, acompanhadas pela BUA, em tom de celebração.

No Domingo de Páscoa, após a Missa Solene, realizava-se uma procissão integrada pelas entidades relevantes e autoridades do município: corporações de artes e ofícios, mestres de ofícios, etc. Todos se faziam representar acompanhados de um estandarte.

Esta tradição, segundo Maria do Guadalupe Alexandre em “Etnografia, Linguagem e Folclore de Castelo de Vide” é elaborada em CV desde os tempos da Idade Média.

Segunda-Feira celebrava-se o dia da Senhora da Luz⁵⁷. Era realizada uma missa na capela da santa, que fica a 2km do aglomerado populacional de Castelo de Vide, e realizava-se uma procissão em sua homenagem.

⁵⁷ Dia do Feriado Municipal de Castelo de Vide.

O então proprietário da Quinta da Senhora da Luz⁵⁸ abria as portas da mesma, para que o povo pudesse apreciar os vastos jardins floridos da quinta. O proprietário oferecia um lanche a todos os visitantes que por ela passassem naquele dia.

Durante a Semana Santa era tradição o consumo do borrego; normalmente comprado a meias entre algumas famílias. Era morto, esfolado e dividido entre os compradores. Existiam várias formas de o confeccionar, sendo a mais conhecida e tradicional do concelho as “Sopas de Sarapatel”.

Olhando para estas festividades nos nossos dias, podemos verificar que todas as procissões, missas e costumes se mantêm. Porém será neste último ponto, o dos costumes, que as coisas se alteraram.

Cada vez menos gente adere às missas e procissões. O jejum é praticado por poucos, assim como a abstinência de carne.

As únicas festividades deste âmbito que efetivamente mantêm uma grande adesão por parte dos habitantes locais são a Aleluia e a procissão do Domingo de Páscoa.

A primeira porque é uma das grandes tradições da vila. As ruas enchem-se não só de residentes locais mas de curiosos que vêm de outras terras em redor propositadamente para a ela assistir, trazendo o seu próprio chocalho e assim contribuírem para o espetáculo.

Ao soar da sirene dos bombeiros, que costuma acontecer pelas 23h, começa o espetáculo que dura por norma uma hora. Creio, através de conversas informais realizadas nesta época, que as pessoas não aderem a esta iniciativa pela simbologia religiosa em si, mas por ser algo que marca a identidade da vila e que não existe noutra local do país.

A missa e a procissão do Domingo de Páscoa mantêm-se bastante semelhantes. É nestas duas iniciativas que estão representadas todas as entidades coletivas da vila, onde cada uma se faz representar por dois membros e um estandarte que desfilam no meio da procissão. No final, todos cumprimentam o presidente da CM.

Estão representadas as forças de segurança, neste caso a Guarda Nacional Republicana que todos os anos providencia alguns elementos montados a cavalo, de modo a mostrar algo diferente do seu registo usual.

Mantém-se a tradição do comer borrego, sopas de sarapatel, queijadas e bolo finto. Estas tradições gastronómicas são confeccionadas na vila até hoje nesta época.

⁵⁸ A Quinta da Senhora da Luz situa-se junto à capela desta mesma Santa, nos arredores de Castelo de Vide. É uma das maiores quintas de Castelo de Vide. Repleta de jardins, arrançados ao pormenor, com flores dos mais variados tipos e recantos esplêndidos. Pertencia a uma das famílias mais abastardas da vila.

A tradição da Senhora da Luz está em diminuição desde há 10 anos. Embora este dia se mantenha como feriado municipal, apenas existe a missa e a procissão, cada vez com menos participação por parte da população.

A Quinta está em mau estado de conservação e os seus jardins mortos desde o falecimento da última proprietária que, na ausência de descendentes, deixou o seu legado ao Duque de Bragança. Este, até à data, não investiu nos terrenos.

Todas as restantes tradições referidas se perderam. Recordo-me que enquanto criança a minha avó materna todos os anos me fazia a capelinha de flores para que pudesse ir receber as amêndoas como mandava a tradição. Recordo-me de em alguns anos, familiares me vestirem de anjo ou Nossa Senhora para que fosse no meio das procissões.

Passaram pouco mais de 10 anos e hoje já não existem raparigas com capelinhas, nem crianças vestidas a rigor nas procissões. As tradições que têm ligação direta à Igreja católica vão morrendo de ano para ano nesta vila. As outras, com simbolismo diferente, vão-se adaptando.

C) Santos Populares

Os Santos Populares são outra das festividades religiosas, com uma comemoração dilatada no tempo e que mantém a sua celebração um pouco por todo o país até hoje.

Em Castelo de Vide, em meados do século passado, a segunda quinzena do mês de junho era propícia aos festejos nas ruas. As missas de Santo António e do dia 13 desse mês eram cantadas e nas vésperas de celebrações dos dias de cada santo existiam bailaricos pelas ruas da vila e pequenas fogueiras. Erguiam-se bonecas em mastros, com explosivos no seu interior, que eram queimadas na noite de São Pedro.

São João era o dia com maiores celebrações por parte dos castelo-videnses: existindo a mordomia de S. João que anualmente celebrava a sua festa.

Na véspera providenciava-se um banquete onde se oferecia pão com queijo a todos os populares – algo que para a época era bastante dispendioso⁵⁹. Nesta noite, ardia à porta da Igreja Matriz a grande fogueira de rosmaninho seco e havia vários bailaricos pela vila.

No dia 24, dia de São João, para além da missa cantada, existia uma procissão com algumas particularidades: um moço de lavoura montado a cavalo, que exibia um chapéu de casca em dorna, seguia à frente da mesma.

⁵⁹ Alexandre, 1976: 92.

Ao olharmos para tais festividades comparando com o que existe no mesmo âmbito nos nossos dias, verificamos que a oferta do banquete e a procissão desapareceram.

Hoje em dia, são os restaurantes e cafés que enfeitam as suas esplanadas de forma tradicional, sendo que por norma todos têm a sua própria boneca e fogueira acesa à noite. É servida a tradicional sardinha assada, tal como é costume em todo o país.

Estes bailaricos são organizados por entidades privadas como a Fundação Nossa Senhora da Esperança ou a Associação Ekosiuvenis⁶⁰ nos seus espaços próprios. Também aí há sardinha assada, fogueira e boneca em cima do mastro.

Como se pode verificar, mais uma vez aquilo que se perdeu ao longo do tempo foi a tradição religiosa católica. As restantes tradições foram mantidas e têm bastante adesão por parte da população da vila.

Por esta época não existem tantos curiosos de outras localidades, acabando por ser festas mais intimista, com a participação quase exclusiva de habitantes da vila.

D) Mercado de Natal

Nas décadas de 30/40 do século passado, as tradições do Natal não eram muito diferentes das que hoje em dia se praticam, ainda que existam algumas alterações como irei referir.

Na véspera de Natal, após o jantar (no qual a grande maioria das famílias não comia carne), era costume as mulheres juntarem-se às vizinhas e amigas e, em conjunto, confeccionarem filhoses e azevias, enquanto os homens e rapazes se dirigiam às tabernas onde tocavam a ronca⁶¹ e cantavam quadras natalícias. A vila enchia-se de alegria para comemorar o nascimento do Menino Jesus.

À meia-noite as famílias com mais posses económicas iam à Missa do Galo e depois todos se dirigiam às respetivas casas onde ceavam uma refeição maior, com a presença de chouriço, castanhas assadas, vinhos, licores e fritos.

Era costume as famílias mais numerosas reunirem-se numa só casa a conversar, cantar e comer. Por norma estas ceias em família duravam até avançadas horas da

⁶⁰ Associação Ekosiuvenis - Associação Juvenil de Castelo de Vide, com os seguintes objetivos iniciais: inclusão social, dinamização de atividades desportivas, culturais e recreativas.

⁶¹ Instrumentos musicais feitos através de uma infusa coberta por pele de animal e, no meio era colocado um pau. Quando este se movimentava, faz um som bastante peculiar.

madrugada. Estas famílias faziam um grande madeiro nas suas casas para que pudessem acolher confortavelmente os restantes familiares.

No dia 25 existia a abertura das prendas pela manhã, de seguida ia-se à missa onde se costumava beijar os pés do Menino Jesus. Depois da missa, a família reunia-se novamente num almoço em tom de convívio, onde o peru assado era prato principal.

À noite existiam bailaricos e assim terminava as festas natalícias nesta vila.

Nos dias de hoje, pode verificar-se que a realidade se alterou. Um mês antes começam a surgir iluminações alusivas nas ruas, não só em Castelo de Vide, mas por todo o país.

Inicia-se a busca da melhor prenda para dar ao familiar, ao amigo e, por vezes, ao amigo do amigo. Será esta a altura do ano em que os níveis de consumo disparam.

No caso da vila de CV, como toda a gente se conhece, existe o costume (ou o sentimento de obrigação) de dar prendas a todos aqueles com quem se tem convívio diário.

Estas ofertas podem ser obtidas através da criação própria como pedaços de porco, chouriços; podem ser verduras da horta que se tem; ou até peças de caça e de pesca. O que importa é oferecer uma lembrança para que “não pareça mal” aos outros.

Existe a tradição da ceia do dia 24, onde muitas das famílias respeitam o facto de não comer carne. Depois todos saem à rua para contemplar o gigante madeiro, providenciado pela CM que costuma situar-se perto do edifício dos Paços do Concelho e da Igreja Matriz.

Muitas pessoas acabam por se concentrar em bares próximos deste madeiro, outras levam chouriços ou peças de carne para grelhar nas brasas do madeiro e por ali convivem.

As famílias mais tradicionais vão à Missa do Galo e depois acabam por cear, como se fazia nos velhos tempos. A adesão da população a esta missa decresceu nos últimos anos.

No dia 25 de dezembro é comum as famílias reunirem-se num almoço, sendo que os mais crentes vão à missa antes deste convívio. Aí comem-se as tradicionais azevias, filhoses e o peru assado. As famílias mais tradicionais abrem os presentes na manhã do dia de Natal, mas na generalidade abrem-nos após a meia-noite do dia 24.

Os bailaricos de fecho das festividades já não existem.

No ano de 2016 a CM desenvolveu pela primeira vez o “Mercado de Natal”. Este evento ocorreu no dia 21 de dezembro e teve como objetivo dinamizar o Natal na vila, valorizando as tradições gastronómicas e sociais alusivas a tal época.

No cartaz desta primeira edição verificamos atividades bastante diversificadas como uma oficina de doçaria (doces de natal); oficina de cozinha tradicional com direito a provas; recriação de uma Desfolhada pelo RFNSA; degustação de produtos locais; e para finalizar o dia, um bailarico alusivo aos bailaricos tradicionais de outrora.

A mesma entidade adquiriu uma pista de gelo para que a população local se possam divertir e apreciar de um modo diferente o frio que se faz sentir na vila por esta altura.

Esta primeira edição do “Mercado de Natal” resultou de tal forma que faz parte do programa das atividades a desenvolver em 2017 pela CM.

Mais uma vez constatamos que as atividades ligadas diretamente à Igreja têm perdido força, outras foram reajustadas. A autarquia procura manter as tradições vivas através de novos eventos que valorizam aquilo que outrora era feito.

Os mercados de Natal têm ganho a atenção das populações por todo o país, e são pontes entre as atividades contemporâneas e as atividades tradicionais, onde cada um pode desfrutar daquilo que pretender.

E) Festival de Folclore

A existência de um grupo folclórico era um dos campos de excelência de atividades formativas e recreativas⁶².

Os grupos folclóricos representavam a diversão após o trabalho, integrando a imagem do enquadramento num mundo de trabalho rural, fazendo parte das campanhas de propaganda do próprio Salazar.

Com o aumento dos grupos folclóricos ao longo da década de 50, foram crescendo as iniciativas a eles ligados, surgindo os festivais de folclore.

Castelo de Vide não foi exceção, embora um pouco mais tarde, surge em 1965 a primeira edição do festival de folclore que se realiza até aos dias de hoje, a meio do mês de agosto.

Organizado pelo Rancho Folclórico de Nossa Senhora da Alegria de Castelo de Vide e apoiado pela Câmara Municipal, o mesmo conta anualmente com a presença de quatro Ranchos Folclóricos convidados, sendo o da casa, o último a atuar.

⁶² Silva, 1994: 378.

Como antecedentes ao espetáculo noturno é tradição realizar-se uma recepção a todos os Ranchos no edifício dos Paços do Conselho, seguida de uma missa que por sua vez é seguida de um desfile etnográfico pelas principais ruas da vila.

Desde há alguns anos existem homenagens a personalidades que contribuíram para o desenvolvimento da vila ou para manter viva a tradição do folclore. Na edição de 2016 foram homenageados João Francisco Nunes Vidal e o Comendador Manuel Rui Azinhais Nabeiro. O primeiro por ser um dos grandes impulsionadores do RFNSA, intitulado pelo *Jornal Notícias de Castelo de Vide* como “grande folclorista, ensaiador e impulsionador”⁶³; o segundo devido ao facto de a sua empresa, Delta Cafés, ter recentemente impulsionado a remodelação e requalificação das esplanadas do centro histórico da vila.

F) Andanças

O Festival “Andanças” ocorre em Castelo de Vide desde 2013, no espaço florestal da Barragem de Póvoa e Meadas. “O Andanças é um festival que promove a música e a dança popular enquanto meios privilegiados de aprendizagem e intercâmbio entre gerações, saberes e culturas.”⁶⁴. Para tais finalidades são feitos *workshops* de várias danças ao longo do dia, sendo que à noite os aprendizes colocam em prática, num ambiente festivo, aquilo que aprenderam durante o dia.

O “Andanças” tem como objetivo recriar o hábito da dança no dia-a-dia das pessoas, de modo a viverem a música através de um ponto de vista mais tradicional.

Segundo o *site* oficial do festival, o mesmo centra-se em quatro âmbitos: dança e música através de músicas e danças tradicionais; voluntariado, onde todos os envolventes são incentivados a participar na concretização do mesmo; comunidade, através do desenvolvimento local que o festival incentiva; e ambiente/sustentabilidade, um evento livre de poluição, onde são incentivadas as boas práticas sociais e proteção do ambiente.

Por norma o festival ocorre no primeiro fim-de-semana de agosto que tenha lua cheia, para que possa ser iluminado o máximo possível por luz natural.

⁶³ “51º Festival de Folclore de Castelo de Vide”, *Notícias de Castelo de Vide*, 13 de agosto de 2016, disponível em: <http://noticiasdecastelodevide.blogspot.pt/2016/08/51-festival-de-folclore-de-castelo-de.html>

⁶⁴ Informação consultada no *site* do “Andanças”, disponível em: <http://www.andancas.net/2016/pt/24/o-andancas/conceito>

A Associação PédeXumbo assinou contracto com a CMCV para que o festival de desenvolva na vila por um período de 10 anos, sendo que quando estes terminarem, esta iniciativa irá encontrar um novo local onde se fixar.

O “Andanças” não tem como objetivo fixar-se definitivamente num local, porém deseja estar em cada sítio o tempo suficiente para que os habitantes locais desenvolvam gosto pela dança e identidade local.

G) Ethno World

O festival “Ethno World” (músicas do mundo) teve a sua primeira edição portuguesa em 2014, na vila de Castelo de Vide, e repete-se todos os anos desde então. É, à semelhança do “Andanças”, organizado pela Associação PédeXumbo em parceria com a CMCV.

Este festival tem como base uma residência artística de música e dança tradicional que reúne jovens artistas de todo o mundo ao longo de 10 dias num ambiente propício à criação de novas amizades, partilha, muita música e dança⁶⁵.

Realiza-se nos 10 dias antes do festival “Andanças” de modo a anteceder e integrá-lo desde logo na comunidade.

Para que tal evento ocorra, os artistas têm de submeter uma candidatura, passando por um processo de seleção. Depois de aceites, os mesmos terão de se responsabilizar por todos os valores da viagem até ao local, neste caso Castelo de Vide, sendo o alojamento e alimentação fornecidos pelas entidades organizadoras.

Ao longo dos 10 dias do “Ethno World”, os artistas em conjunto, terão de construir uma orquestra com os instrumentos e repertório nacional de cada país, sendo o objetivo final proporcionar um concerto que dê a conhecer um pouco de cada país integrado, assim como a junção de todos eles.

⁶⁵ “An artistic residency of traditional music and dance that gathers young musicians and dancers from around the world for 10 intense days of friendship, sharing, a lot of o music and dance!” – disponível em: <http://ethnoportugal.pedexumbo.com/en/>

H) Festival da Lavanda e Outras Aromáticas

O “Festival da Lavanda e Outras Aromáticas” é organizado pela CMCV e pela Quinta das Lavandas⁶⁶, decorrendo anualmente desde 2012. A sua data é definida pelas entidades organizadoras, ocorrendo por norma na segunda quinzena de junho.

Existem duas atividades comuns nas várias edições: uma é feira num dos locais centrais da vila, onde são vendidas várias plantas aromáticas e medicinais; a outra é uma visita à Quinta das Lavandas. Aqui os visitantes deparam-se com uma enorme oferta de produtos feitos à base desta planta, como os cosméticos e produtos artesanais.

Os visitantes veem o processo de destilação das lavandas através de um alambique. É-lhes proporcionada a possibilidade de assistir a todos os processos de transformação até à criação dos produtos finais.

Este festival dura apenas um dia, sendo o público presenteado com *workshops* das mais diferentes utilidades das plantas aromáticas e medicinais, aprendendo novas formas de as utilizar.

De modo a compreender melhor estas utilidades, na edição de 2016, onde os produtores da Cerveja Artesanal Barona⁶⁷ elaboraram uma das suas edições limitadas inspirada na lavanda.

É norma neste festival existir um momento musical ao final da tarde oferecido pela Quinta das Lavandas no seu espaço físico.

⁶⁶ “Quinta das Lavandas – Uma propriedade com 20 hectares onde se desenvolve a maior plantação de lavandas da Península Ibérica. Com o objetivo de recuperar a tradição mediterrânea sobre a cultura da lavanda/alfazema, promove a produção de alguns artefactos artesanais associados a esta planta. Possui ainda uma unidade de agroturismo com 7 quartos. Coloca então o Alto Alentejo numa rota de turismo internacional: Lavender Farm – um destino-tipo no ramo do turismo que é bastante difundido pelo mundo.” – Disponível em: <http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/onde-parar/hotelaria/quinta-das-lavandas>

⁶⁷ Cerveja Artesanal Barona: Este projeto teve início em 2011 quando um grupo de 3 amigos, residentes em CV decidiu produzir cerveja de modo artesanal na garagem da casa de um deles. O projeto ganhou força aquando da apresentação ao público na edição de 2014 do Mercado Medieval “viver a História”, abrindo atividade empresarial em 2015. Atualmente a Barona é produzida no Ninho de Empresas de Santo António das Areias – Marvão ganha cada vez mais adeptos a nível nacional.

I) Mercado Medieval “Viver a História”

Desde há 10 anos, temos assistido ao fenómeno das feiras medievais, sendo estas organizadas um pouco por todo o país. Castelo de Vide não é exceção.

O Mercado Medieval “Viver a História” é realizado na vila ao longo da primeira semana de setembro, desde o ano de 2008.

Procurando enaltecer a história local com especial atenção ao período em que existe uma evolução urbana de CV, em que a população começa a sair do castelo instalar-se pelos campos em redor das muralhas.

Existem várias animações como teatros alusivos, danças de época e até tendas judaicas, muçulmanas e cristãs, fazendo alusão aos vários povos que por ali passaram ao longo do tempo.

Com entrada gratuita em todas as atividades, o Mercado Medieval percorre toda a Rua de Olivença que é envolvida dos dois lados com pequenas barraquinhas, onde os comerciantes vendem as mais diversas coisas.

Na praça D. Pedro V, os bares e restaurantes exploram a zona de restauração. É neste espaço físico que decorrem todas as atividades de animação, tais como: teatros de época, danças de época, malabarismos e uma diversidade de atividades alusivas ao entretenimento.

* * *

Em tom conclusivo dos contextos político, económico, social e cultural, acima descritos salienta-se o facto de Castelo de Vide, em 2016, ser considerado pelo Grupo *Marktest* o concelho com melhor qualidade de vida a nível nacional. Numa escala de 1 a 20, angariou o resultado de 16,9⁶⁸ em indicadores como a taxa de criminalidade, taxa de desemprego, amplitude térmica, abandono e aproveitamento escolar, equipamentos de saúde ou culturais *per capita*.

Em termos de contexto cultural especificamente, verifica-se que existe uma evolução do ponto de vista de investimentos em iniciativas culturais no concelho de Castelo de Vide. Existe uma oferta diversificada de festividades, desde as tradicionais, à

⁶⁸ Informação consultada no *site* do Grupo *Marktest*, disponível em:
<http://www.marktest.com/wap/a/n/id~2159.aspx>

música, dança e recriações históricas que cativam o público local e regional, como veremos no capítulo 3 deste estudo.

Todas as atividades tradicionais se ajustaram às sociedades contemporâneas que as vivenciaram ao longo da evolução temporal, ainda que o seu caráter identitário se mantenha original, com exceção das festividades religiosas.

Existem festividades criadas pela sociedade contemporânea que cativam o público. Estas têm um caráter enaltecendor da identidade coletiva de uma sociedade, abordado o tema em questão de uma forma inovadora, através de atividades de cariz lúdico, com o objetivo de implementar o gosto pela cultura no público.

São estas questões que a CMCV e a Associação Burgo Pedestal terão em conta elaboração de uma nova iniciativa cultural na vila. Reformular gostos da população, integrando partes essenciais da sua identidade coletiva em obras das mais diversas expressões artísticas de caráter lúdico e cultural, como se poderá verificar nos próximos capítulos deste estudo.

2. CAPÍTULO II: Património de Castelo de Vide

Ao longo deste capítulo serão identificadas as heranças culturais do concelho de Castelo de Vide. Para o efeito, será elaborado um levantamento do património cultural material e imaterial deste município.

Seguidamente será feita uma abordagem dedicada ao tema da água na vila de CV, de modo a compreender a importância e o peso que tem no município. Isto porque é objetivo da elaboração deste estudo a fundamentação de um festival onde a água será a protagonista, juntamente com o tempo.

Neste ponto é objetivo analisar se em CV existem características de peso que possam associar a si um festival com estas duas grandes temáticas.

Antes da identificação dos valores patrimoniais, é essencial que se faça uma breve reflexão sobre património cultural.

Não me alongarei com questões históricas sobre a evolução do conceito de monumento ou monumento histórico até ao de património cultural, tema já abordado por vários autores, com destaque para Françoise Choay *A Alegoria do Património* (1999); *As Questões do Património – Antologia para um combate* (2009), e para o caso português a obra *100 anos de Património – Memórias e Identidades* (2010), que abordou as várias adaptações que o conceito foi sofrendo ao longo do tempo, desde os antecedentes da Primeira República em Portugal.

Irei focar-me na atualidade e será segundo a atual Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Património Cultural (LPC) – Lei 107/2001 que me irei reger para estruturar o fundamento deste estudo. Sempre que necessário serão feitas referências a estudos sobre a temática, assim como a documentos elaborados pelas instituições internacionais relevantes na matéria patrimonial, sobretudo a UNESCO, ICOMOS e Conselho da Europa.

Segundo a atual LPC, integram o mesmo “todos os bens que sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante”⁶⁹. Podemos ainda verificar no ponto 3.º do Artigo 2.º desta mesma Lei que o interesse cultural relevante poderá ter várias designações, tais como o “histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico [...]”.

⁶⁹ Artigo 2º, Lei 107/2001, DR, Iª serie-A, Nº 209, 8 de setembro de 2001.

Esta informação é reforçada com o articulado do Artigo 2.º da Convenção de Faro de 2005, do Conselho da Europa que considera que património cultural é “um conjunto de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, [...], como reflexo ou expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução. Inclui todos os aspectos do meio ambiente resultantes da interacção entre as pessoas e os lugares, através do tempo.”⁷⁰.

Deolinda Folgado faz uma reflexão sobre “Património inclusivo”, onde afirma que seja na sua categoria móvel, imóvel ou imaterial, o património cultural é uma versão daquilo a que chamamos de memória coletiva, e que está sempre em construção⁷¹.

José Gorjão Jorge afirma que se existe alguma coisa que é comum a todas as concepções contemporâneas que ao património cultural e à herança histórica dizem respeito, esta é a imaterialidade⁷².

Eduardo Lourenço salienta esta ideia defendendo que o que caracteriza o património cultural de um país ou região é o seu carácter simbólico ou irreal⁷³.

Estas duas últimas teses não rejeitam a de Deolinda Fidalgo, mas servem como complemento àquilo que a autora definiu de forma sucinta.

Cada vez que se fala em património ou património cultural, é comum existir a sensação que fica algo por dizer, devido à complexidade do tema.

Património é a face visível e material da memória coletiva.

Remete para uma noção de herança que os nossos antepassados nos deixaram, seja através do seu carácter material, ou através do simbolismo que esta herança material poderá ter para a comunidade ou sociedade que a recebe. Em última análise, remete para uma memória coletiva de uma sociedade e de uma geração em exclusivo.

Quando falamos em imaterialidade também nos referimos às tradições e vivências de uma sociedade anterior à nossa que, de certa forma, gostamos ou queremos recordar e valorizar.

Constatei ao longo do primeiro capítulo deste estudo que é comum readaptarmos as tradições e vivências às nossas necessidades ou crenças, enquanto sociedade atual. Como exemplos de tal temos as festividades carnavalescas, da Páscoa, Santos Populares

⁷⁰ Artigo 2º da Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural, DR, 1.ª série — n.º 177 — 12 de setembro de 2008.

⁷¹ Fidalgo, 2010: 323.

⁷² Ramos, 2003: 11.

⁷³ Lourenço, 2015:54.

e Natal em CV que foram reajustadas ao longo do tempo. Embora mantenham muita da tradição e daquilo que foram as vivências no início do século passado, estão totalmente adaptadas àquilo que são as necessidades da sociedade contemporânea.

Virgolino Ferreira Jorge (2005) vem sustentar esta afirmação, ao referir que a sociedade contemporânea está cada vez mais sensível a questões inerentes ao património cultural e natural, estando consciencializada para o valor histórico e etnográfico que o mesmo tem para aquilo que é a sua identidade⁷⁴.

2.1. Património arqueológico

Focar-me-ei agora na herança arqueológica existente em Castelo de Vide.

Tal como referi no primeiro capítulo, sabe-se que a ocupação humana no território remonta aos períodos do neolítico e calcolítico, testemunhado nos inúmeros artefactos arqueológicos que se fazem notar ao longo de todo o espaço do município.

João Magusto, membro da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide, elaborou, em maio de 2008, um levantamento de todos os monumentos megalíticos com existência confirmada no concelho⁷⁵.

Existiam de forma confirmada, em 2008, 33 monumentos megalíticos: 10 na frequência de Santiago Maior, 11 na de São João Baptista, 8 na de Santa Maria da Devesa e apenas 4 na Freguesia de Nossa Senhora da Graça de Povia e Meadas. Deste total de 33 monumentos megalíticos, 30 são antas e 3 são menires⁷⁶.

A importância dada por parte da autarquia a estes monumentos é evidente, assim como por parte dos populares. Esta afirmação justifica-se com o facto de existirem no posto de turismo de Castelo de Vide 6 rotas que convidam os visitantes a percorrer vários pontos de interesse da vila, intitulados “Percursos em Natureza”, e os monumentos megalíticos fazem parte de 3 deles. Estes são referenciados em todos os panfletos que abordam a história e as tradições da vila.

Embora a autarquia se esforce pela manutenção destes monumentos, grande parte dos mesmos encontra-se em mau estado de conservação ou ruína.

⁷⁴ Jorge, 2005: 27.

⁷⁵ Magusto, 2008: 3.

⁷⁶ Magusto, 2008: 3.

Entre as antas destacam-se as que estão em bom ou razoável estado de conservação: Anta do Sobral, Anta de Melriça, Anta 1 do Alcolgulo (primeira de um conjunto de três antas), e a Anta do Taoadão de Relva⁷⁷.

Existe outra sequência de sepulturas megalíticas no concelho, a dos Coureiros, que ao todo são 5 e todas se encontram em mau estado de conservação.

Existem duas antas com características peculiares, sendo o caso da Anta do Mouratão e da Anta dos Pombais. Ambas foram intervencionadas ao longo do tempo, revestidas de argamassa e caiadas, tendo sido utilizadas em tempos posteriores como galinheiros e palheiros pelos agricultores da Idade Média, e até mesmo mais recentes⁷⁸. João Magusto afirma que toda estrutura pré-histórica foi descaracterizada, ainda que as mesmas se mantenham intactas.

Do total de 30 antas integradas no município, 9 foram classificadas como Monumento Nacional pelo Decreto de 16/6/1910⁷⁹. Entre elas estão a Anta do Mouratão e a Anta dos Pombais.

Debruçar-me-ei agora em dois dos três menires existentes, pois um deles está em parte incerta, sendo a sua localização inicial na freguesia de Nossa Senhora da Graça e Póvoa e Meadas. Neste momento não se sabe o seu paradeiro, sendo que o autor do relatório “Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide” acredita que esteja subterrado.

O menir da Meada merece destaque, pois está classificado como Monumento Nacional e também por ser o maior da sua categoria em toda a Península Ibérica. Com 4 metros de altura a partir do solo e 7,15 metros na sua totalidade, conta com um diâmetro de 1,25 metros⁸⁰.

O menir foi restaurado na década de 90 do século passado, sendo-lhe devolvida a sua forma original, dado que o mesmo estava partido ao meio e uma das partes estava caída no chão. A imponência de tal leva-nos a perceber a relevância desta região na pré-história.

⁷⁷ Magusto, 2008: 4 a 9.

⁷⁸ Magusto, 2008: 8 e 11.

⁷⁹ IPPAR, 1993: 17 e 18.

⁸⁰ Informação consultada no *site* da DGPC, disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70245>

Aquando das escavações arqueológicas realizadas perto dos monumentos megalíticos de Castelo de Vide tem-se encontrado bastantes artefactos do quotidiano de sociedades pré-históricas. Grande parte destes objetos foram transportados para o Museu da Etnologia ou Museu Nacional da Arqueologia, em Lisboa⁸¹.

2.2. Património arquitetónico

Segundo da Carta Europeia do Património Arquitectónico (1975) do Conselho da Europa, entende-se pelo mesmo os monumentos com maior magnitude, assim como os “conjuntos de construções mais modestas das [...] cidades, [...] aldeias tradicionais, inseridas nas suas envolventes naturais ou construídas pelo homem”⁸².

Mais tarde, em 1985, a mesma entidade a propósito da Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico, considera membros integrantes todos os monumentos, conjuntos e sítios com um valor histórico, científico, artístico, técnico ou social que marquem ou definam a vivência de uma sociedade anterior⁸³.

Será abaixo verificado o património arquitetónico religioso, civil e militar da vila de Castelo de Vide.

2.2.1. Religioso (herança cristã e judaica)

Em 1979, na obra *Castelo de Vide – Arquitetura Religiosa*, Diamantino Trindade faz um levantamento do número de igrejas existentes em Castelo de Vide.

Num total de 34 igrejas apontadas por este autor, 31 regem-se pelo culto católico, uma pelo culto judaico – a Sinagoga. Em duas delas não foi encontrada a origem do culto a que obedecem.

Deste número total de igrejas, 19 encontravam-se em bom estado de conservação, 6 em mau, 3 em ruínas e 6 estavam desaparecidas, ainda que existiam documentos que provavam a sua existência em épocas anteriores.

É possível verificar através deste quadro elaborado por Diamantino Trindade que a igreja mais antiga remonta ao século VI ou VIII – Igreja de S. Salvador. Depois desta

⁸¹ Magusto, 2008: 13.

⁸² Art.º 1º, Carta Europeia do Património Arquitectónico, 1975.

⁸³ Art.º 2º, Carta Europeia do Património Arquitectónico, 1975.

apenas temos registo de 3 igrejas do século XIV, sendo que a Sinagoga faz parte deste conjunto.

Do século XV existe relato da construção de uma igreja, sendo a partir do século XVI temos um maior número de construções do género a surgir no município: 9 no século XVI, 8 do século XVII e também 9 no século XVIII – não existe registo da fundação das restantes.

Ao longo do tempo, 14 igrejas foram reparadas e 3 reconstruídas, sendo que a única a sofrer os dois tipos de intervenção foi a Igreja de Santa Maria da Devesa, construída no séc. XVIII e reparado ao longo desse mesmo século, sendo reconstruída no século XIX.

Verificando as questões inerentes à herança judaica, constatei que antes da construção da Sinagoga existia uma Judiaria, constituída por várias casas que foram construídas perto da porta principal do castelo. Não sendo possível determinar uma data concreta da sua fundação, sabe-se que a mesma nos remonta ao século XIV⁸⁴.

Aquando das perseguições aos judeus por parte da Inquisição, muitos converteram-se ao cristianismo. Foi neste contexto que no século XVIII o edifício originalmente contruído como Sinagoga recebe obras de forma a servir como casa de habitação.

No ano de 1972 o mesmo foi reconstruído⁸⁵, respeitando a sua traça primitiva, sendo nos dias de hoje um museu dedicado à religião judaica, respeitando e honrando muitos dos seus costumes e tradições.

Segundo o relatório da CMCV, elaborado por Emília Dias (2017), no ano de 2016, a Sinagoga de Castelo de Vide recebeu 30154 visitantes de mais de 27 países, com destaque para Portugal (15242 visitantes), Espanha (4451), França (2344), Israel (1939) e EUA (1117).

Debruçar-me-ei agora sobre duas das igrejas católicas existentes na vila: Santo Amaro e Santa Maria da Devesa –as maiores e mais importantes para a população local.

Será dado protagonismo à capela de Nossa Senhora da Penha devido à sua situação geográfica, no alto da encosta de São Paulo e bastante importante para os castelo-videnses – explicarei o porquê abaixo.

⁸⁴ Trindade, 1989: 37.

⁸⁵ Trindade, 1989: 29.

A igreja de Santo Amaro, datada de 1494, é uma das maiores do género na região do Alto-Alentejo⁸⁶. Mais tarde este espaço passou a integrar o património da Misericórdia de Castelo de Vide, sendo que em 1534 a CM cedeu-lhe o espaço do terreno envolvente para que se pudessem construir casas para os efémeros e mais necessitados⁸⁷.

Dá-se por esta ocasião o início das primeiras obras daquilo que foi o atual “Hospital Antigo” de Castelo de Vide. Em 1777, esta igreja sofreu grandes alterações para que assim pudesse integrar o espaço anexo do hospital, tomando a sua atual forma.

Em meados de 1570 ergue-se no cimo da encosta de S. Paulo a igreja de Nossa Senhora da Penha⁸⁸, uma das igrejas com mais destaque a nível turístico devido à sua localização geográfica. Esta é um dos poucos edifícios contruídos ao longo da encosta e a mais alta por sinal, sobressai por entre o escuro da serra à noite através de iluminação.

Lá perto existe um largo com uma fonte e um parque de merendas que antecedem a grande escadaria de acesso à capela. No meio desta encontra-se uma cadeira, esculpida numa rocha onde é tradição as pessoas se sentarem e dizerem em voz alta a seguinte reza: “Cadeirinha de Nossa Senhora; Cadeirinha do meu bem; Onde se sentou Nossa Senhora; Sento-me eu também”.

Esta reza ganhou hábito entre os populares, não se sabendo ao certo o seu início. Foi passando através da história oral e neste momento está também inserida por cima desta fonte, numa lápide colocada pela CMCV. Servia como forma de começar a rezar a Nossa Senhora da Penha, ainda antes de se chegar à capela.

A igreja de Santa Maria da Deveza merece igual destaque, pois é a mais imponente do município, sendo considerada a sua Igreja Matriz. Situa-se no centro da vila – Praça D. Pedro V.

A fundação desta igreja remonta ao século XIV, sendo que por esta época apenas existia uma pequena ermida⁸⁹. Dado o seu estado de ruína, no ano de 1749 foi mandada demolir pelo Bispo da Diocese e reedificada no local onde atualmente se encontra⁹⁰.

Iniciadas as obras de reconstrução do edifício na data referida, passados poucos anos, e devido ao enorme fluxo populacional de Castelo de Vide à época, a vereação

⁸⁶ Trindade, 1989: 53.

⁸⁷ Videira, 2008: 98.

⁸⁸ Trindade, 1989: 89.

⁸⁹ Videira, 2001: 90.

⁹⁰ Trindade, 1989: 191.

achou por bem construiu um edifício que satisfizesse as necessidades de culto de toda a população e mandou construir um edifício majestoso.

Para tal construção foram necessárias várias ajudas a nível financeiro por parte da Coroa, das paróquias envolventes e dos populares, que ajudaram na construção do edifício através de mão-de-obra e contribuições monetárias.

Após 84 anos do início das obras de reconstrução, a 28 de novembro de 1873 a Igreja Matriz de Castelo de Vide abriu pela primeira vez portas ao culto⁹¹.

Segundo Diamantino Trindade esta igreja é uma réplica da igreja de Santo Amaro, mas numa amplitude maior. Podemos encontrar neste edifício bastantes artefactos que remetem para o estilo barroco.

2.2.2. Militar (Castelo e Fortalezas)

Centremo-nos agora na herança militar da vila de Castelo de Vide, onde encontramos dois monumentos chave: o Castelo (e suas muralhas) e o Forte de São Roque.

O primeiro foi classificado como MN pelo Decreto de 16/6/1910⁹² e sofreu bastantes modificações ao longo do tempo, como iremos ver mais à frente.

Como referi no primeiro capítulo, não existem documentos escritos sobre esta vila anteriores ao século XII e, por isso mesmo, não existe qualquer informação anterior a esta data em relação ao castelo.

Cesar Videira, ao citar Alexandre Herculano, frisa que este ao falar dos lugares povoados na zona se refere a Castelo de Vide, indicando que estão reunidos os “fundamentos de outro lugar forte”⁹³. Isto certamente quererá dizer que existe um lugar forte de proteção, pois o território está próximo da fronteira, ainda que esta afirmação não nos leve a concluir que existisse uma fortificação à volta da mesma, anterior ao século XII.

Será o infante D. Afonso que inicia as obras de fortificação do lugar de Vide, facto que não agrada ao seu irmão D. Dinis que após ser coroado dá continuidade às obras de construção do castelo⁹⁴, porém estas obras só terminaram já no reinado de D. Afonso IV

⁹¹ Trindade, 1989: 194.

⁹² Trindade, 1989: 19.

⁹³ Videira, 2001: 39.

⁹⁴ Bucho, 2004:16.

que também acabou por ampliar os limites para além daqueles que inicialmente foram propostos por seu pai.

No estudo *Astro Guia de Castelo de Vide*, o Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide afirma que existiu uma preocupação constante de vários monarcas em reforçar ou mesmo reconstruir as muralhas que ao longo dos séculos protegeram os habitantes da vila nas batalhas que por ali se travaram⁹⁵. Cumprindo com a separação que por esta época era bastante utilizada entre o espaço do castelo e o da zona urbana, integrando o Burgo Medieval que terá sido inspirado na geometria gótica.

Após o termo das obras de edificação, em 1327, segundo consta na lápide existente sobre a porta da vila medieval – junto à rua Direita -, o castelo sofreu modificações no século XVII devido à guerra da Restauração da Independência (1640-1668).

Com o início desta guerra procedeu-se à modernização das fortificações da defesa do castelo, tornando-o num castelo de primeira linha devido às linhas abaluartadas que recebeu ao longo deste processo⁹⁶.

A torre de menagem, com cerca de 20m de altura, sofreu a primeira alteração no reinado de D. Manuel I, sendo-lhe acrescentado um piso com um pé direito inferior ao piso já existente, onde se encontram as janelas⁹⁷.

Sofreu danos em 1705 devido a explosões provocadas no decorrer da guerra da Sucessão Espanhola. Também em 1755 sofreu alguns danos devido ao grande terramoto.

No que diz respeito à fortificação, existiram grandes alterações ao longo do século XVIII devido à sua ampliação. Surge pela primeira vez uma planta da vila com a existência do Forte de S. Roque⁹⁸ que protegia a mancha urbana que se encontra a sudoeste da vila.

Este forte, assim como todas as fortificações construídas nesta época, pertence ao estilo abaluartado – à semelhança de Elvas -, ainda que Domingos Bucho afirme que estas foram adaptadas ao lugar onde foram contruídas e não cumprem na totalidade com as

⁹⁵ *Astro Guia de Castelo de Vide*, s.d.

⁹⁶ “Fortificações de Castelo de Vide” – Informação disponível em:
http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1851&muda_idioma=PT

⁹⁷ “Castelo de Castelo de Vide” – Informação retirada do *site* dos Amigos dos Castelos, disponível em:
<http://www.amigosdoscastelos.org.pt/tabid/72/ctl/Details/mid/473/monumentID/15/Default.asp>

^x

⁹⁸ Bucho, 2004: 43.

características deste estilo de fortificações. Porém, o Forte de S. Roque será o que mais se assemelha ao estilo, dentro da vila de Castelo de Vide.

A construção destas fortificações foram as últimas feitas para a defesa do território castelo-vidense em termos militares.

Em 1801, no âmbito da Guerra das Laranjas, a praça do Burgo Medieval foi tomada por tropas espanholas e mais tarde por tropas francesas, em 1811, aquando da Guerra Peninsular (1808-1814). Será devido a todos estes danos que o castelo entra em degradação de forma cada vez mais acentuada, e que em 1823 se dá a sua desativação⁹⁹.

Segundo a mesma fonte, as preocupações com conservação e restauro do castelo de CV iniciaram-se após a sua classificação como MN (1910), ainda que as intervenções tenham começado em 1933 através da iniciativa da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Estas obras incluíram todo o conjunto fortificado.

Após diversas intervenções, as obras de conservação e restauro do castelo e áreas fortificadas, terminaram em 1979¹⁰⁰. Atualmente o mesmo encontra-se ao afeto à Direção Regional de Cultura do Alentejo¹⁰¹.

2.2.3. Civil (residências e palácios)

Veremos agora as características mais relevantes da arquitetura civil na vila de Castelo de Vide. Esta é diretamente influenciada pela tradição alentejana, ainda que surjam algumas inspirações da tradição da Beira, como podemos constatar na revista Castelo de Vide – Portugal, publicada pela própria Câmara Municipal¹⁰².

Podemos constatar que não só ao longo de todo o Burgo Medieval, como por toda a parte que engloba o centro histórico atual da vila, o chão coberto de calçada, sendo a pedra um recurso bastante abundante na região¹⁰³. As ruas, as praças, os jardins, assim como algumas estradas têm um pavimento calcetado, sendo que esta uma característica típica do concelho.

⁹⁹ “Fortificações de Castelo de Vide” – Informação disponível em:

http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1851&muda_idioma=PT

¹⁰⁰ Informação disponível em: <http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/ver-e-fazer/patrimonio/castelo>

¹⁰¹ Portaria nº 829/2009, DR, 2 Série, nº 163 de 24 de agosto.

¹⁰² Cabrita (coord.), s.d.: 11.

¹⁰³ Segundo Rodrigues, 1975: 16, o solo desta vila é maioritariamente constituído por xisto-grauvácico, ante-ordovício, e granito ante-hercínico.

As calçadas de Castelo de Vide têm formas e desenhos bastante diversificados, que se foram aperfeiçoando ao longo do tempo.

Tal afirmação é confirmada devido aos desenhos em forma de estrela que podemos verificar ao longo do solo calcetado do Burgo Medieval, nomeadamente na Rua Direita que atravessa o mesmo no sentido Nascente-Poente.

Existe também uma vasta coleção de portas ogivais ao longo do Burgo Medieval, assim como nas ruas anexas às muralhas, sendo esta considerada a maior da Península Ibérica¹⁰⁴.

Durante o século XVII existe uma importante construção civil: a do atual edifício dos Paços do Concelho, que se iniciou em 1569, concluído 123 anos depois, em 1692. Porém apenas em 1721 o edifício toma a forma com que atualmente o conhecemos, com o termo das obras que deram forma à Torre do Relógio¹⁰⁵.

Ao lado deste imponente edifício situa-se outro marco importante neste ramo: o pelourinho. Classificado como IIP em 1933, César Videira relata que já em 1627 haveria evidências da existência do mesmo, ainda que estivesse em bastante mau estado de conservação, sendo reconstruído em 1941.

A entrada para o edifício dos Paços do Concelho é feita através de duas portas laterais, cobertas por dois portões em ferro forjado. Existem dois lances de escadas exteriores que dão acesso ao primeiro piso, característica comum em casas do século XVII e XVIII¹⁰⁶.

Ainda no século XVII foi contruído o edifício que atualmente é chamada pelos populares por Casa Amarela. Classificada como IIP a 14 de janeiro de 1975, esta casa foi totalmente reconstruída em 2001, respeitando o traço original¹⁰⁷, sendo uma das residenciais mais luxuosas da vila de CV, chamada Casa Amarela TH & National Monument.

É-lhe dado destaque devido às suas características pouco comuns naquilo que é a arquitetura civil da vila, bastando olhar para a sua fachada toda pintada de amarelo para

¹⁰⁴ Cabrita, s.d: 11.

¹⁰⁵ Videira, 2011: 59.

¹⁰⁶ Astro Guia de Castelo de Vide, s.d.: 18.

¹⁰⁷ Informação retirada do *site* do Turismo da CMCV, disponível em: <http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/ver-e-fazer/patrimonio/casas-historicas/casa-amarela-th>

ganhar destaque – em CV todas as casas são pintadas de branco com faixas amarelas ou azul escuras.

À semelhança do edifício antes falado, que se situa na Praça D. Pedro V, existe um outro, construído no século XVIII, com a fachada toda em pedra. É conhecido na vila como a Casa Antiga da Praça D. Pedro V e foi em tempos utilizado para fins militares, servindo mais tarde a Família Torres (família de Mouzinho da Silveira), como solar.

Falando neste grande estadista, podemos encontrar na rua intitulada pelo seu nome, a casa onde morou. Uma construção do final do século XVII que à porta tem a pedra de armas desta família.

Num período mais atual verifica-se uma forte presença de Korrodi¹⁰⁸ na arquitetura civil da vila. Este arquiteto foi responsável por várias obras no concelho como a Casa do Povo, o primeiro Cineteatro, pela transformação e reconstrução de algumas casas de entidades privadas de famílias com mais possibilidades financeiras.

Consegui apurar no aspeto da arquitetura civil, informação sobre a constituição das casas dos lavradores. Segundo *Castelo de Vide – Portugal* as mesmas tinham características bastantes peculiares.

Para além dos dois andares que todas tinham em comum, no segundo piso encontrava-se sala das visitas (ou de jantar) e quartos (que seriam maioritariamente interiores). No primeiro piso existia uma cozinha, uma pequena sala de estar, uma dispensa e o quarto da criada. No rés-do-chão, encontrava-se uma loja, palheiro ou adegas.

É bastante comum nos dias de hoje encontrar casas com estas características no centro histórico da vila de Castelo de Vide. As lojas, palheiros e adegas, situadas no rés-do-chão destas casas já não têm tais utilidades, ainda que em muitos casos é notória a entrada para estes lugares. Muitos deles foram transformados em lojas atuais de comércio tradicional ou cafés.

¹⁰⁸ Ernesto Korrodi: nascido em 1870 na Suíça, adquiriu nacionalidade portuguesa e foi no nosso país que faleceu em 1944. Um dos arquitetos que mais se destaca na Arte Nova português, foi responsável por mais de 400 projetos no nosso país. Regina Santos na sua dissertação de mestrado em arquitetura, intitulada com o nome do artista, afirma que o mesmo em obras públicas teria um registo decorativo, por vezes com inspiração no barroco. Em projetos privados o mesmo varia entre o estilo Pombalino ou o da típica Casa Portuguesa.

2.3. Património Imaterial

Quando se fala em património imaterial, vai-se para além da componente física do mesmo, sendo que aquilo que importa é o seu valor identitário, seja a nível individual ou coletivo.

Segundo a lei 107/2001, é considerado património imaterial “as realidades que, tendo ou não suporte em coisas moveis ou imoveis, representam testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização, ou de cultura com significado para a identidade e memória coletiva”.

Luís Aires-Barros, no seu artigo “As «dimensões» intangíveis do Património Cultural”, da *Revista do Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, afirma que património cultural não é só os produtos culturais produzidos no passado, mas também os produtos da cultura popular como o folclore, as tradições campestres, os costumes regionais ou as utilidades que cada sociedade dá a qualquer artefacto.

Paulo Ferreira da Costa, no seu artigo “Património imaterial: entre as comunidades e as organizações” na *Revista Património*, afirma que as pessoas são as principais intervenientes no produto final daquilo que é o património cultural imaterial, pois é a vida de cada um em sociedade, assim como as suas expressões que ditam o produto final.

É a identificação das pessoas, ou da sociedade de um local em particular – seja ele uma associação, uma aldeia, uma vila, uma cidade, ou até mesmo um país -, com certa expressão cultural que nos faz identificar aquilo que realmente é património imaterial e que merece especial atenção a nível da salvaguarda e preservação.

O mesmo autor, em 2014, redige para a mesma revista um artigo intitulado “Património Imaterial: organizações e conceitos”, que surge como continuidade ao anteriormente indicado, acrescentando que património imaterial poderá ser uma memória, textos escritos, cores, odores, texturas, valores ou festividades.

Dado que as festividades de CV já foram analisadas, focar-me-ei agora nas tradições gastronómicas, artesanais e folclóricas.

Para identificar aquilo que é o património cultural imaterial é necessário compreender se um certo grupo cultural, religioso ou étnico que se identifica com uma determinada ação, situação ou ritual.

Uma sociedade ou grupo constrói-se através de um apego constante com o seu passado. Por isso, podemos afirmar que uma sociedade atual é produto da sua história.

2.3.1. Gastronomia

Em termos gastronómicos, o *Dicionário das Enciclopédias* refere que existe uma grande variedade de elementos provenientes desta atividade na vila de Castelo de Vide.

Com um tópico dedicado à gastronomia em cada uma das 4 Juntas de Freguesia, o cardápio menor pertence à Freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas que tem os enchidos de porco como prato típico.

Numa realidade diferente, verifica-se que as 3 Freguesias que fazem parte do território físico da sede de concelho têm vários pratos típicos em comum, como a Sopa de Sarapatel, comum na altura da Páscoa com o sangue e as miudezas do borrego; a Sopa de Batata com Pimentos, bastante apreciada na altura do verão; a Alhada de Cação; os Molhinhos de Tomatada, confeccionados para aproveitar as tripas do borrego; os Pezinhos de Coentrada, que têm como iguaria as patas do porco ou borrego; o Escabeche; o Cachafrito; os Peixinhos da Horta, com o feijão-verde como principal ingrediente, envolvido em massa polme e por fim, frito.

A doçaria é outro ramo com bastante diversidade: existem os Biscoitos Escaldados, um dos doces mais apreciados pelos turistas; o Bolo de Castanha; o Bolo Finto; as Queijadas; o Bolo de Massa; os Esquecidos, parecidos aos suspiros; e por fim a iguaria mais conhecida e apreciada entre a doçaria castelo-vidense – a Boleima.

Esta receita terá origem judaica, uma vez que a sua base é elaborada através do pão sem fermento. Existem duas maneiras de confeccionar esta receita: a pobre, onde o pão é pulverizado por cima com canela e açúcar; e a rica, onde no seu interior é colocado um recheio de maçã.

De forma a enriquecer a ementa de produtos gastronómicos tradicionais do Concelho, os panfletos “Percurso pela Natureza”, que são distribuídos aos visitantes de Castelo de Vide no posto de turismo, na parte dedicada à gastronomia podemos ver mais alguns pratos e doces típicos, para além dos já enunciados.

Entre iguarias gastronómicas pode encontrar-se o Fígado à moda de Castelo de Vide. Na doçaria surgem mais algumas especialidades como as Broas de Mel e a Enxovalhada, comum na altura da Páscoa – bolo seco com forte sabor a canela.

Após analisar a gastronomia de Castelo de Vide, pode-se constatar que muitos dos pratos típicos da vila confeccionados em prol do aproveitamento de todas as partes do animal, como é o caso da Sopa de Sarapatel, dos Molhinhos de Tomatada e dos Pezinhos de Coentrada. Neste sentido, verifica-se uma forma de rentabilizar tudo aquilo que o animal tem e que se pode comer.

Será desta atitude contra o desperdício alimentar que existe o Escabeche, uma receita que aproveita as sobras de peixe frito. É confeccionado um molho para que o peixe perca o sabor a frito e ganhe um novo paladar, mais agradável.

Também a herança judaica deu o seu contributo para a gastronomia típica desta vila, sendo a Boleima uma das iguarias mais apreciadas pelos turistas e habitantes locais.

2.3.2. Artesanato

No que ao artesanato diz respeito, o *Dicionário das Enciclopédias* aponta alguns artefactos como típicos de Castelo de Vide. São exemplo os bordados, objetos forjados a ferro, trabalhos elaborados em madeira ou em cortiça.

Os panfletos “Percursos em Natureza” apontam mais alguns artefactos considerados como tradicionalmente artesanais, provenientes de Castelo de Vide.

Surgem nesta lista os Talegos – bolsas muito utilizadas para guardar o pão, feitas em linho; as Miniaturas em Chifre; a Azulejaria; e a Tecelagem. Este último, com influência direta da capital de distrito – Portalegre -, conhecida pelas suas tapeçarias.

Até há sensivelmente 10 anos atrás, aquando das feiras de Santa Maria de Agosto, era promovida uma feira de artesanato, onde todos os artesãos locais expunham as suas obras e as vendiam. Do que mais me recordo, será nitidamente dos artefactos em madeira, pois todos os brinquedos expostos para venda nas mesmas eram feitos desse material.

Friso a importância da cortiça no concelho, pois quando se entrava numa casa tradicional de Castelo de Vide, era comum o chão ser coberto da mesma em vez dos azulejos ou da atual madeira flutuante. O chão era coberto por um material chamado cortiçado – cortiça coberta de verniz.

Ainda em relação à cortiça, em tempos era comum cada fonte existir um cocho feito deste material, que ficava pendurado na mesma e todos os que iam beber água a essa fonte poderiam utilizar em vez de beber diretamente da bica ou utilizar as mãos. Este artefacto ainda se utiliza, mas com menos frequência.

Os bordados, como já referimos, era uma arte partilhada por quase todas as mulheres. Saber bordar, assim como conhecer as várias técnicas de elaborar esta arte era um motivo de orgulho para as raparigas e suas famílias. Esta tradição também se perdeu um pouco, sendo que, hoje em dias, só as senhoras de mais idade a dominam.

2.3.3. Folclore

Como se referiu, o folclore é já bastante antigo na vila. Segundo o site da CMCV, o Rancho Folclórico foi fundado no ano de 1967¹⁰⁹, contando atualmente com cerca de 80 membros, divididos em dois grupos: um de adultos e um infantil.

Em conversa com o tesoureiro do Rancho Folclórico Nossa Senhora da Alegria de Castelo de Vide, Jorge Miranda, no dia 6 de junho de 2017, na sede do rancho, apercebi-me que grande parte daquilo que é a memória e a identidade do mesmo perdura através da história oral e que há pouca documentação escrita sobre ele. Tal origina que esteja em vias de perder o seu lugar na Federação do Folclore Português (FFP).

Quando acedemos ao *site* da FFP e pesquisamos pelo nome do rancho de Castelo de Vide, a informação é tão escassa que nem o ano de fundação do mesmo aparece. Tal informação também não se encontra disponível na página oficial do *facebook* do mesmo, bem como qualquer informação acerca desta instituição.

Até ao momento não existem inventários dos fatos, das canções, nem como documentação sobre a melhor forma de dançar certa música, ou pelo menos, qual a forma original de a dançar ou cantar.

A tradição vai-se perdendo assim como a sua identidade original. Primeiro porque há cada vez menos jovens na vila e os que existem não têm interesse em integrar o rancho; depois, porque à medida que o tempo vai passando se vão fazendo alterações nos fatos, nas formas de cantar e de dançar.

Jorge Miranda elucidou-me que ano de 2017, o Rancho Folclórico de Nossa Senhora da Alegria de Castelo de Vide irá contar com a presença de um estagiário, com o apoio do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), para que possa ser feito o levantamento e estudo desse património etnográfico e antropológico.

Numa tentativa de recolher mais alguma informação útil para este estudo, consultámos a obra de Maria do Guadalupe Alexandre, intitulada *Etnografia, Linguagem e Folclore de Castelo de Vide*. Integram esta obra algumas letras mais antigas do Rancho de Castelo de Vide.

Maria do Guadalupe Alexandre divide as letras dos temas por dois tipos de folclore: o religioso e o profano.

¹⁰⁹ Informação consultada no *site* da CMCV, disponível em: <http://www.cm-castelo-vide.pt/pt/associativismo/446-rancho-folclorico-de-nossa-senhora-da-alegria-de-castelo-de-vide>

Dentro do religioso podemos verificar a existência de 5 canções, todas elas invocando a virgem Maria a alguns santos. Por norma estas expressam o carinho pela religião e a maneira de como ser um bom cristão.

No que às canções profanas diz respeito, podemos analisar mais de 10 canções, algumas cantadas por populares e que a autora do estudo transcreveu. Nestas letras, verificam-se relatos de atividades do quotidiano, como a vida de uma pastorinha, uma conversa entre um carpinteiro e um poeta, etc.

Como indiquei, por falta de documentação não me foi possível ter acesso a elementos tradicionais relativos trajes e à forma de dançar. Muita da tradição já se perdeu com o passar dos anos.

É comum esta identidade emprestar fatos aos membros integrantes, sendo que Jorge Miranda garante que nem se sabe ao certo quantos trajes tem.

Espera-se que esta questão se reverta enquanto se está a tempo, pois sem dúvida que o folclore é um marco essencial da identidade de Castelo de Vide, e por isso mesmo faz parte do seu património imaterial.

2.4. Castelo de Vide e a Água

Ao longo desta temática será referido o património arquitetónico civil, materializado nas fontes, assim como o património natural, pois será abordado um recurso proveniente da natureza, essencial à vida humana. Por este motivo iniciaremos com uma breve explicação sobre o que é o património natural.

De acordo com a Convenção da UNESCO para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972), Património Natural define-me como “monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excecional do ponto de vista estético ou científico; As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, [...]”¹¹⁰.

Recordo que a encosta de São Paulo está inserida no Parque Natural da Serra de São Mamede e nela habitam espécies animais e vegetais que apenas existem na Península Ibérica. São exemplos a Água Real, a Garça Real, o Grou e o Gato Bravo¹¹¹. No que diz

¹¹⁰ Artigo 2º, *Convenção de Paris*, 1972.

¹¹¹ Rodrigues, 1975: 19.

respeito às espécies vegetais, existe uma forte presença das plantas silvestres deste espaço geográfico¹¹².

Porém a água será o principal foco, isto porque em conversa informal com o Presidente da CMCV, no dia 28 de novembro, aquando da integração da Associação Burgo Pedestal na organização deste festival, o mesmo afirmou que a imagem que se pretende afirmar é a de Castelo de Vide como uma vila de água.

Casimiro Moreira Ferrer (1933) faz alusão a esta questão: “A Água, em Castelo de Vide, brota espontânea com uma exuberância maravilhosa que causa pasmo de admiração. As suas fontes, às dezenas, são típicas e muito curiosas [...]”¹¹³.

António Montez (1936) também ressalva o tema, frisando que os solos férteis de CV apenas o são devido à abundância de água, lembrando o facto de existirem dois ribeiros que a atravessam: o ribeiro de Vide e o Ribeiro de S. João, que à época fariam mover dezenas de moinhos e lagares.

Para confirmar tais afirmações foi-me cedido o inventário das fontes existentes em CV, atualizado em 2014 pela secção de arqueologia da CM, onde conseguimos retirar as seguintes informações: existem, ao longo dos 261 km² do concelho 72 fontes, das quais 16 são privadas.

Destas 72 fontes, 17 pertencem à Junta de Freguesia da Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, o que quer dizer que as restantes 55 pertencem às 3 Juntas que fazem parte do território da vila.

De modo a perceber a grandeza deste número, solicitei à CM de Portalegre, capital de distrito que cedesse um inventário das fontes existentes ao longo do concelho.

Existem 7 freguesias no concelho, sendo o número total de fontes de 71, menos uma que na junção das 4 juntas de CV.

Ao verificar as dimensões reais destas 7 freguesias de Portalegre, os números tornam-me ainda mais evidentes pois este concelho tem 447,14km²¹¹⁴, pouco menos do dobro do de CV.

¹¹² Rodrigues, 1975: 25.

¹¹³ Ferrer, 1933: 159.

¹¹⁴ Informação retirada do *site* “Visitar Portugal”, disponível em: <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-portalegre/c-portalegre>

Em termos comparativos, Portalegre, com mais do dobro das juntas de freguesia e com uma área superior em 186,14km², tem menos uma fonte que todo o concelho de CV.

Manuel Salema (1935) faz referência às águas alcalinas das fontes do concelho e à sua situação geográfica como um fator diferenciador de todas as outras comunidades alentejanas¹¹⁵.

Também a CM dá ênfase a este recurso natural, o que podemos constatar pelos estudos que têm sido feitos ao longo dos anos sobre a propriedade das águas de CV, assim como a valorização e conservação das fontes.

Chegaram-me 3 exemplares policopiados de estudos elaborado pela CM, ou com o seu apoio. Dois intitulados “Rota da Água”, uma primeira e uma segunda versão, foram desenvolvidos por Rui Bengala (jovem licenciado em Geologia) e Sofia Pinela. O outro, também da autoria de Rui Bengala aborda as questões de propriedades das águas da vila, intitulado “A Água em Castelo de Vide (Hidrologia e Hidrogeologia)”.

De salientar que num dos roteiros disponíveis no posto de Tuismo apenas existe um dedicado à água, indicando 18 fontes no total.

Alerto para a importância das águas medicinais de CV, que desde 1726 tiveram reconhecimento oficial pela corte de D. João V, devido à sua composição bicarbonatada, nitrada-sólida, cálcica e magnésiana¹¹⁶.

Ainda assim, apenas da década de 40 do século passado foram projetadas as Termas de CV – por Korrodi -, que tiveram bastante sucesso desde a sua abertura ao público. Estas foram desativadas no início da década de 90 e neste momento o edifício está a ser preparado para receber o Centro de Interpretação Garcia d’ Orta.

Relativamente a águas medicinais ou minero-medicinais, existem duas fontes em CV que reúnem água com tais características. São elas a Fonte da Mealhada e a Fonte da Vila, sendo que esta também tem outra característica: foi classificada como Imóvel de Interesse Público¹¹⁷ através do Decreto-Lei nº 39175, DG, I Série, nº 77 de 17 de abril de 1953.

¹¹⁵ Salema, 1935: 135.

¹¹⁶ Bengala e Pinela, 2014: 31.

¹¹⁷ Segundo a atual lei do Património Cultural Portuguesa, 107/2001, Imóvel de Interesse Público é um bem cuja proteção e valorização representam um valor Cultural com importância a nível nacional.

Segundo o estudo “A Água em Castelo de Vide (Hidrologia e Hidrogeologia)”, outras 16 fontes são abastecidas por águas de nascente controladas frequentemente por análises clínicas. Estas têm características de composição que variam entre bicarbonadas ou alcalinas, cálcicas, magnésicas, hiposódicas, fluorestadas, carbónicas e com fraca mineralização. Entre os benefícios destas componentes estão a atenuação para doenças de estômago ou intestinais, hipertensão e diabetes.

Este estudo aponta ainda 10 locais, públicos e privados, que usufruem de água de nascente. Existem também duas fontes não controladas, 3 abastecidas pela rede pública e duas pela empresa Vitalis. A referência a esta empresa permite outra abordagem sobre a água em CV.

Em 1924 foi fundada a empresa das Águas Alcaninas em Medicinais nesta vila, que mais tarde foi constituída numa sociedade de cotas e em 1972 foi adquirida pela Companhia de União Fabril Portuense¹¹⁸. Segundo o site oficial da UNICER, no ano de 1985 foi lançada a água mineral Vitalis, que ao longo dos anos foi obtendo um grande reconhecimento por parte da população nacional. Após algumas alterações de empresas gestoras da fábrica de águas de CV, em 2003 é integrada na UNICER – Bebidas de Portugal, SGPS, S.A., passado a ser denominada como UNICER Águas, S.A. – C.P. Castelo de Vide. Daqui saem grande parte dos garrafões de 5 litros da marca e toda a gama de vidro.

Em 1925 ocorre outro acontecimento em que a água tem grande relevância: a criação da empresa Hidroelétrica do Alto Alentejo. Em 1978 foi concluída a construção da barragem de Póvoa e Meadas onde foi criada uma central Hidroelétrica, a primeira na região¹¹⁹, tornando-se a aldeia que à barragem dá nome a primeira da sua categoria a receber luz elétrica a nível nacional.

Atualmente a central é dirigida pela HIDROTEJO, Hidroelétrica do Tejo, S.A., e tem uma capacidade total de 22.000.000m³, sendo a segunda maior da região¹²⁰.

* *

¹¹⁸ Informação consultada no site oficial da UNICER, disponível em: <https://www.unicer.pt/pt/home-pt/unicer/sobre-nos/centros-de-producao>

¹¹⁹ Ralo, 1995: 74.

¹²⁰ Informação disponível em:

http://cnpqb.apambiente.pt/gr_barragens/gbportugal/FICHAS/Povoaficha.htm

Verifica-se que Castelo de Vide é uma vila rica em acontecimentos históricos relevantes e que ainda hoje têm um contributo evidente da identidade cultural dos que a habitam.

A água, para além de essencial à vida humana, tem um peso significativo na identidade cultural dos castelo-videnses devido às nascentes abundantes com propriedades diversificadas e medicinais. Verifica-se que existiram em tempos três empresas, a empregar habitantes da vila, onde esta é o recurso principal. Embora hoje uma se tenha extinguido, as duas existentes mantêm atividade regular e criam postos de trabalho, sendo esta uma realidade mais significativa na época de verão.

3. CAPÍTULO III: Contexto Cultural Distrital

Neste terceiro capítulo pretende-se apresentar um levantamento sucinto de todas as atividades culturais com maior relevância no distrito de Portalegre, sendo enunciadas novamente algumas atividades já antes abordadas de forma mais pormenorizada.

A pertinência de elaborar este levantamento reflete-se na necessidade de compreender quais as iniciativas e festividades a nível distrital e quais as suas características.

Esta informação será essencial para as entidades promotoras do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra, de forma a compreenderem quais as tendências das iniciativas em análise, em aspetos variados, e deste modo percecionem formas de inovar perante as iniciativas já existentes na região.

A fase de observação permitirá a ampliação de um modelo de análise, confrontando as realidades previamente identificadas com os dados observados. Este modelo de análise promove a constituição de hipóteses previamente definidas, passíveis de serem comprovadas ou refutadas pelos dados observados, através de determinada forma de análise¹²¹.

Ou seja, será recolhida informação sobre 16 festividades culturais que decorrem no distrito de Portalegre. Esta informação será sintetizada numa tabela e posteriormente será elaborada uma análise da informação recolhida, de modo a compreender a pertinência da elaboração de mais uma festividade cultural, assim como o seu modelo de atuação, uma vez que as entidades promotoras pretendem inovar em relação à oferta cultural já existente.

Existiram duas fases de observação neste estudo: numa primeira instância foi realizado o levantamento objeto deste capítulo; numa fase seguinte foi elaborado um levantamento das iniciativas culturais que apresentam semelhanças com o FAT–Clepsidra a nível nacional e internacional (*benchmarking*).

A informação recolhida nesta fase de observação foi sistematizada num quadro, contendo informações sobre cada uma das iniciativas culturais selecionadas para análise, tornando a leitura desta informação mais perceptível. Foram analisadas 16 iniciativas culturais que decorrem no distrito de Portalegre.

¹²¹ Quivy e Campenhoudt, 1998: 155.

A elaboração do quadro teve em atenção fatores relevantes na recolha de informação como a abrangência territorial, a frequência de realização, as entidades promotoras e o público.

Para que a análise pudesse ser o mais abrangente possível recolheu-se informação sobre todos os festivais ocorridos em CV e sobre todas as principais festividades do distrito de Portalegre, existindo o cuidado de analisar iniciativas culturais que abrangessem a maior parte do distrito.

Em termos de cronologia, foi definido o ano de 2016 para o término da análise, último ano em que foi possível uma observação ao longo dos 12 meses. Estas informações permitem compreender as tendências, nível de intervalos de realização e época do ano, para ajudar a posicionar a realização da primeira edição do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra.

Foi identificado o ano em que ocorreu pela primeira vez cada uma das iniciativas de modo a compreender a sua antiguidade e o seu impacto na população. As entidades promotoras foram também identificadas de forma a compreender a tendência organizacional e o seu relacionamento com as várias comunidades.

Foi ainda recolhida informação sobre o público que aderiu a cada uma das iniciativas culturais analisadas e ocorridas ao longo de 2016. Tal permite a compreensão do grau de popularidade junto dos espetadores, o que permitirá posicionar o Festival da Água e do Tempo – Clepsidra junto dos públicos.

Devido à inexistência de informação oficial sobre o número de visitantes, a recolha destes dados foi feita através da utilização dos meios de comunicação social, redes sociais e testemunhos das entidades promotoras das iniciativas em estudo. Reconheço a pouca fiabilidade desta fonte de informação, mas afigurou-se como o exercício possível para obter dados sobre os públicos. Não me foi possível obter esta informação em relação à totalidade das festividades identificadas, pois algumas entidades promotoras não fazem qualquer tipo de controlo do público. Sendo assim, esta informação foi disponibilizada para 12 das 16 iniciativas em estudo.

Dado a ambiguidade da informação recolhida pelos meios enunciados, os dados obtidos foram agrupados em cinco categorias de participantes, de modo a criar uma leitura mais facilitada: a 1.^a categoria diz respeito às iniciativas que tiveram públicos entre 100 a 500 participantes; a 2.^a categoria abrange o intervalo entre 500 a 1000; a 3.^a categoria refere-se ao intervalo entre 1000 a 3000; a 4.^a categoria de públicos define a participação

entre os 3000 a 5000; a 5.^a categoria completa as iniciativas com um número de participantes superiores a 5000.

	Denominação	Tipologia/ Âmbito	Local	Data de ocorrência (2016)	Periodicidade	Ano da 1ª Edição	Entidade Promotora	Público Edição de 2016	Observações
1	Ekos Music Fest	Música/ Local	Castelo de Vide	22 a 24 de julho	Anual	2000*	Associação Ekosiuvenis	3000 - 5000	*Inicialmente intitulado “Semana Ekosiuvenis”
2	Mercado Medieval “Viver a História”	Feira Medieval / Local	Castelo de Vide	1 a 4 de setembro	Anual	2008	CMCV	1000 - 3000	
3	Ethno World	Músicas do mundo / Internacional	Castelo de Vide	22 de julho a 1 de agosto	Anual	2014*	Associação PédeXumbo e CMCV	500 - 1000	*Este festival existe em vários países, sendo a sua 1ª Edição em 1990
4	Festival “Andanças”	Danças tradicionais / Internacional	Castelo de Vide	1 a 7 de agosto	Anual	1996*	Associação PédeXumbo e CMCV	5000+	*Começou a realizar-se em Castelo de Vide em 2013
5	Festival de Folclore	Folclore / Local	Castelo de Vide	13 de agosto	Anual	1965	Rancho Folclórico da Nossa Senhora da Alegria e CMCV	100 - 500	
6	Festival da Lavanda e Outras Aromáticas	Feira Tradicional* / Local	Castelo de Vide	26 de junho	Anual	2012	Quinta das Lavandas e CMCV	100 - 500	*Onde se vendem ervas aromáticas e produtos oriundos das mesmas.
7	Al Mossassa	Festival Islâmico / Internacional	Marvão e Badajoz*	30 de setembro a 2 de outubro	Anual	2006	CM de Marvão e Badajoz	5000+	Faz referência às culturas islâmicas, judaica e cristã. *É organizado em simultâneo na localidade espanhola.
8	Festival Internacional de Música de Marvão	Música Clássica / Internacional	Marvão	22 a 31 de julho	Anual	2014	Associação Marvão Music	3000 - 5000	
9	Feira da Castanha	Feira tradicional / Nacional	Marvão	12 a 13 de outubro	Anual	1984	CM de Marvão	3000 - 5000	
10	Festas da Cidade de Portalegre	Comemoração Popular* (música, atividades tradicionais) / Regional	Portalegre	20 a 23 de maio	Anual	1913	CM de Portalegre		*Inicialmente elaboradas para festejar a elevação de Portalegre a cidade.
11	Festival do Crato	Música – Festival de verão / Nacional	Crato	23 a 27 de agosto	Anual	1984*	CM do Crato	5000+	*Nas suas primeiras edições era uma Feira de Artesanato e Gastronomia.
12	Nisa em Festa	Música, artesanato e gastronomia e atividades económicas / Regional	Nisa	12 a 15 de agosto	Anual	2014	CM de Nisa		
13	Mostra de Artesanato e Gastronomia	Feira de artesanato, gastronomia e variedades / Local	Gavião	15 a 17 de julho	Anual	1992	CM do Gavião	3000 - 5000	
14	Festas da Cidade – Ponte de Sôr	Variedades / Regional	Ponte de Sôr	6 a 10 de julho	Anual	1985	CM de Ponte de Sôr		
15	Festas do Povo	Comunitária, religiosa / Regional	Campo Maior	14 a 20 de agosto	Anual*	1921**	Associação das Festas do Povo de Campo Maior		*Não se realizam desde 2015 devido à preparação de um dossiê de candidatura das festas a Património Mundial. **Nem sempre se realizaram de forma anual. Tornaram-se anuais a partir de 1989.
16	Feira de São Mateus	Romaria / Regional	Elvas	16 a 25 de setembro	Anual	1737	CM de Elvas e Confraria do Senhor Jesus da Piedade	5000+	

Quadro 1.3. – Principais Festividades Culturais do Distrito de Portalegre

3.1. Análise do quadro “Principais Festividades Culturais do Distrito de Portalegre”

Verifica-se que entre as 16 iniciativas culturais identificadas e analisadas, cinco apresentam o vocábulo “música” no seu nome, duas apresentam a “dança” como elemento essencial e duas fazem alusão à época medieval.

A tipologia assente no género “feiras” (tradicionais, de gastronomia, de artesanato) e o género variedades e romarias têm um peso significativo no distrito de Portalegre, com um total de 7 entre as 16 iniciativas analisadas, sendo que até há cerca de cinco anos atrás este número era ainda maior. A maior alteração ocorreu com a passagem da designação inicial do “Festival do Crato” – feira de gastronomia – para a sua atual denominação de Festival de Verão. Desta forma predominam, em termos de iniciativas culturais, as de cariz marcadamente popular.

No que diz respeito ao âmbito, cinco das iniciativas identificam-se como sendo locais, cinco regionais, duas nacionais e quatro internacionais. Todas elas têm uma periodicidade anual.

Na categoria de localidades, verifica-se que as principais atividades do distrito não ocorrem em todos os municípios, mas apenas em 9 concelhos. Ficando de fora desta lista de Alter do Chão, Arronches, Avis, Fronteira, Monforte e Sousel, que embora promovam iniciativas culturais, são localidades com maior distância geográfica de Castelo de Vide e as iniciativas assentam no género feiras tradicionais de gastronomia e artesanato. Estes dois fatores refletem uma adesão minoritária dos castelo-videnses aos eventos das localidades referidas.

Quando verificamos a data das primeiras edições de cada uma das atividades, os dados são bastante relevantes. Num total das 16 iniciativas culturais, a origem de uma remonta ao século XVIII; nove tiveram a sua génese no século XX, e seis tiveram início no século XXI. Tal significa que o universo de iniciativas culturais no distrito de Portalegre é bastante recente, sendo que aproximadamente 38% das atividades tiveram a sua primeira edição já depois de 2001.

A mais antiga iniciativa é a romaria da “Feira de São Mateus”, em Elvas, que teve o seu início em 1737, e mantém ainda na atualidade a tradição de enaltecer o seu Santo Padroeiro, sendo que atualmente as festividades são animadas por bandas musicais populares conhecidas, estando ainda muito presente, ao longo dos dias em que o evento decorre, a vertente religiosa.

Das iniciativas culturais iniciadas no século XX destacam-se as “Festas da Cidade de Portalegre” e as “Festas do Povo” de Campo Maior, fundadas no início do mesmo – em 1913 e 1921, respetivamente. Ambas assumem um caráter tradicional e comunitário, enaltecendo por o trabalho do povo ao longo do ano, simbolizando o seu direito ao descanso e à diversão.

As “Festas do Povo” de Campo Maior mantêm esta vertente comunitária, sendo ainda hoje a elaboração das flores de papel que adornam as ruas da responsabilidade da população, com supervisão e coordenação da Associação das Festas do Povo de Campo Maior, criada para este fim.

Outras festividades apresentam ainda uma vertente tradicional, como a “Mostra de Artesanato do Gavião” ou “Festas da Cidade de Ponte de Sôr”, que mantêm desde o seu início o mesmo registo: artesanato, gastronomia e música, apresentando um formato semelhante em cada ano.

Uma outra evidência demonstrada na análise da informação recolhida é o facto de todas as festividades que envolvem música apresentarem no seu programa os mesmos artistas. Ao longo do verão os artistas do momento frequentam o “Ekos Music Fest” (Castelo de Vide), o “Festival do Crato”, a “Mostra de Artesanato do Gavião”, as “Festas da Cidade de Portalegre”, o “Nisa em Festa” e “Festas da Cidade de Ponte de Sôr”.

Tal indica uma estratégia assente na contratação de um conjunto de artistas, uma preocupação pela renovação ou inovação dos programas, em que a rotatividade dos artistas é feita com menos de 15 dias de diferença. Uma vez que a maioria destas iniciativas – sobretudo nos concertos – não tem entrada gratuita, tal leva a que as populações de cada localidade não se desloquem a outros locais.

As festividades iniciadas ao longo do século XXI destacam-se das demais pelos seus conceitos inovadores em relação à programação apresentada. Aposta-se em temas menos abrangentes e mais específicos, sendo que todas apresentam uma característica comum que é a de enaltecer um elemento tradicional, dando-lhe uma dinâmica diferente do ponto de vista conceptual.

Verifica-se claramente esta situação na “Feira da Castanha” (Marvão) que, inspirada num produto regional, aposta numa programação de espetáculos musicais e multimédia como forma de entretenimento, aliado ao fator tradicional onde o fruto é protagonista em termos gastronómicos e artesanais.

Destacam-se também o Mercado Medieval “Viver a Historia” (Castelo de Vide), o “Almossassa” (Marvão), o “Andanças” (Castelo de Vide) o “Ethno World” (Castelo de

Vide) que, de uma forma inovadora, enaltecem a história e a identidade da região onde ocorrem.

Estas iniciativas são maioritariamente promovidas pelas autarquias. Muitas destas atividades são promovidas em parceria com entidades privadas, sobretudo – nomeadamente associações.

Existem duas festividades promovidas unicamente por entidades associativas: “Ekos Music Fest” e as “Festas do Povo”, mas em ambas o apoio da autarquia é indispensável à realização das mesmas.

Quanto ao público que frequentou as edições de 2016, das 16 iniciativas culturais analisadas obtive a informação relativamente a 12, o que corresponde sensivelmente a 75% do universo em estudo. Verificam-se dados que se demonstram interessantes para a concretização do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra.

Dos cinco níveis estabelecidos para análise deste aspeto, verifica-se que apenas duas das iniciativas se encontram no primeiro patamar (100-500), ambas realizadas em Castelo de Vide. São eles o “Festival de Folclore” e o “Festival da Lavanda e Outras Aromáticas”.

Na segunda (500-1000) encontra-se apenas uma iniciativa, o Ethno World. Sendo um evento tido como bastante alternativo, o que poderá ter reflexo no número de público que consegue captar.

A mesma tendência mantém-se na terceira categoria (1000-3000), apenas respeitante ao Mercado Medieval “Viver a História”, também em Castelo de Vide.

A quarta categoria (3000-5000) é composta por 4 iniciativas: o “Ekos Music Fest” de Castelo de Vide; o “Festival Internacional de Música de Marvão”; a “Feira da Castanha” de Marvão; a “Mostra de Artesanato e Gastronomia” do Gavião.

Na categoria 5000+ estão inseridas mais 4 iniciativas: o “Andanças” em Castelo de Vide; o “Al Mossassa” em Marvão; o “Festival do Crato”; e a “Feira de São Mateus” em Elvas.

Com estes dados verificamos que os formatos tradicionais de eventos culturais refletem menor número de público participante. Tal verifica-se também quando os mesmos são mais alternativos, apresentando igualmente um menor número de público participante, como é o caso do “Ethno World” em Castelo de Vide.

Constitui exceção a “Feira do São Mateus”, em Elvas, que apresenta um número superior a 5000 visitantes, sendo também a iniciativa com mais longevidade.

A análise dos públicos destas festividades, no ano de 2016, mostra que os espetadores gostam de inovação e que não se deslocam para assistir a duas festividades semelhantes. São exemplos deste facto o “Ekos Music Fest” (Castelo de Vide) e “Festival do Crato”, mas também o Mercado Medieval “Viver a História” (Castelo de Vide) e o “Al Mossassa” (Marvão).

As duas iniciativas de Castelo de Vide apareceram na região após a criação do “Festival do Crato” e do “Al Mossassa”, sendo que integram o mesmo género de celebração. Estas duas últimas contaram em 2016 com um número de visitantes acima dos 5000, sendo que as restantes contaram com uma adesão menor.

Podemos concluir que as iniciativas que surgiram em primeiro lugar evoluíram ao longo das suas edições e as que surgiram depois não encontraram forma de evoluir, dentro do conceito, para cativar o público que já adere às primeiras.

Para a realização do projeto do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra, a análise das informações recolhidas e sistematizadas no Quadro 1.3. foram essenciais.

Foi possível concluir que o conceito deveria estar distinto dos conceitos tradicionais de uma feira de gastronomia e artesanato, com uma vertente musical em termos de entretenimento.

De acordo com as tendências verificadas, o conceito do festival projetado deveria assentar nos elementos identitários existentes na vila e desenvolver um conceito inovador de festa em redor dos mesmos. O fator inovação perante as iniciativas já existentes é elemento incontornável para a organização, dado que as festividades inovadoras ocorridas na região têm maior adesão por parte do público.

Neste caso, e considerando a análise dos bens patrimoniais efetuada nos capítulos anteriores, os elementos água e o tempo revelam-se adequados enquanto tema central deste novo projeto cultural em CV. A premissa de partida, tendo em conta a informação analisada, seria o enquadramento e inserção no conceito do festival, de elementos menos desenvolvimentos do distrito.

Sendo a periodicidade anual a tendência mais verificada, a nova iniciativa não irá contrariar a tendência, projetando a sua realização de forma anual, um hábito adquirido por parte do público que frequenta as iniciativas de âmbito cultural neste território.

Castelo de Vide tem cinco iniciativas culturais distintas na época de verão. Esta situação gera duas reflexões: por um lado existe já uma habituação dos públicos a eventos culturais em Castelo de Vide nesta época do ano; ou seja, não causa estranheza, antes gera sinergia. Uma outra consideração é a de que as datas em que este novo Festival

deverá decorrer não poderão coincidir com as de festividades já existentes no concelho. O festival não deverá coincidir também com as restantes festividades distritais, sendo que se esta hipótese não for concretizável, irá ocorrer em datas coincidentes com uma das tradicionais feiras de gastronomia e artesanato, de modo a diversificar a oferta ao público do distrito.

No seguimento das tendências verificadas nas iniciativas culturais do distrito de Portalegre, de organização conjunta entre associações locais e autarquias, o modelo de organização do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra deverá assentar num registo semelhante.

Em termos de adesão e público a organização terá de ser cautelosa quanto ao conceito e atividades a desenvolver, para não elaborar algo semelhante ao que acontece noutra localidade, reforçando o seu caráter de inovação.

Este conceito totalmente inovador, diferente do tradicional e comum na região, poderá propiciar a criação de vínculos entre o público distrital, que se concluiu, através da análise realizada, manter a adesão verificada nas primeiras iniciativas de cada género iniciadas neste espaço geográfico.

4. CAPÍTULO IV: Festival da Água e do Tempo – Clepsidra

A primeira edição do Festival da Água e do Tempo (FAT) – Clepsidra ocorreu em Castelo de Vide entre os dias 3 e 6 de agosto de 2017.

Este ponto do estudo será baseado na definição de um esboço de projeto cultural que segundo Cerezuela (2007) consiste na elaboração de 6 pontos: destinatários, objetivos, conteúdo, estratégia de ação, atividades a elaborar e modelo de gestão.

Relembrando que o presente estudo procura a definição de um projeto, mas tem como objetivo proporcionar informação que permita sustentar um projeto que já começou a ser concretizado e refletir sobre a primeira edição do FAT – Clepsidra, irei abordar quatro dos 6 pontos sugeridos por Cerezuela que considero serem úteis para cumprir esses objetivos: destinatários, objetivos, conteúdo e atividades desenvolvidas. Os restantes dois pontos não se mostram pertinentes para os objetivos deste estudo.

4.1. Destinatários

Colbert (2001) afirma que o mercado cultural pode ser dividido em 4 grandes grupos: os consumidores, os parceiros de mercado, os parceiros governamentais e o setor privado. Estes, embora com motivações diferenciadas uns dos outros, poderão mostrar-se interessados no nosso produto – neste caso em concreto, um festival.

Neste sentido, os destinatários do FAT – Clepsidra foram definidos através dos critérios seguintes: estudantes, população local e visitante, apreciadores e não apreciadores de arte, nacionalidade portuguesa ou estrangeira, parceiros ou potenciais parceiros.

Segundo estes critérios, definiram-se os destinatários desta iniciativa cultural como:

- ✓ Estudantes de artes, a nível secundário ou superior;
- ✓ Artistas;
- ✓ População local;
- ✓ Turistas nacionais;
- ✓ Turistas internacionais, com maior incidência nos europeus (de acordo com os dados de visitas da Sinagoga de Castelo de Vide que comprovam que são estes que visitam a vila em maior número);
- ✓ Parceiros e potenciais parceiros: empresas locais.

4.2. Objetivos

Os objetivos da 1.^a edição do FAT – Clepsidra definiram-se desta forma:

- ✓ Inovação: criando uma iniciativa cultural nunca antes vista na região do Alto-Alentejo;
- ✓ Promoção de novos artistas: integrar artistas jovens e em início de carreira de forma a promover o seu trabalho;
- ✓ Integração de artistas locais: integrar um número alargado (dois terços) de artistas locais na elaboração de instalações, dando oportunidade de se promover no seu local de origem;
- ✓ Integração de artistas internacionais: que poderão chamar novos públicos e trazer prestígio à iniciativa;
- ✓ Envolver a população da vila na elaboração das instalações através de instituições variadas: aposta-se na elaboração das peças artísticas numa lógica de cooperação com a população local;
- ✓ Reeducar os gostos e hábitos culturais da população local, colocando as instalações artísticas em locais que fazem parte da sua identidade coletiva e envolvendo-os no processo artístico;
- ✓ Atração de novos públicos: criar o gosto pela arte naqueles que não o têm e fazer com que os que têm se desloquem a CV contribuindo para dinâmica turística da vila;
- ✓ Valorização do património histórico e natural da vila de CV: dando-lhe protagonismo e colocando instalações alusivas nos mesmos ou alusivas a estes elementos;
- ✓ Criação de novos postos de trabalho: um projeto com estas dimensões necessita ter pessoas a trabalhar todo o ano na sua produção. Contratação de jovens qualificados nas áreas da cultura, comunicação, *design* e gestão;
- ✓ Desenvolvimento da economia local: os comerciantes de lojas tradicionais e restauração ganham com a movimentação do público, assim como as entidades hoteleiras através dos turistas que se deslocam propositadamente;
- ✓ Sustentabilidade do festival: um dos principais objetivos a cumprir desde a primeira edição.

4.3. Conteúdos

A primeira edição do FAT – Clepsidra teve três vertentes – científica, lúdica e cultural.

Água e Tempo são os dois temas base do festival. Existe uma base de fatores elaborada nos dois primeiros capítulos deste estudo que comprova a pertinência de elaborar em Castelo de Vide um festival inspirado nestes temas.

Em termos científicos foram realizadas atividades como palestras e exposições de alerta e reflexão sobre os dois temas do festival.

A vertente científica engloba a vertente cultural, porém é na vertente lúdica que esta ganha mais força. Foram desenvolvidas cerca de 20 instalações de artistas. Variedade de expressões artísticas foi uma das pretensões para este acontecimento e, por consequência, quanto maior variedade de instalações (vertente lúdica), mais interessante a iniciativa do ponto de vista cultural.

4.4. Atividades

Na edição de 2017 foram colocadas 22 instalações artísticas no centro histórico da vila (ANEXO A), em pontos diferentes do mesmo, que ganhavam vida ao anoitecer e durante três horas (das 21:30h à 00:30h), interagiam com os visitantes, criando um ambiente de museu ao ar livre.

Todas as instalações tiveram como inspiração os dois temas do festival – água e tempo – em diversas expressões artísticas como a pintura, escultura, fotografia, instalações de multimédia interativas através de tecnologia e espetáculos audiovisuais.

Das 22 instalações artísticas exibidas, 11 foram elaboradas por artistas contratados pela associação Burgo Pedestal, 9 pelos funcionários da CMCV e duas pela Academia Sénio de Castelo de Vide (ver mapa da primeira edição do FAT – Clepsidra no ANEXO E).

Existiu uma diferenciação entre as mesmas: as instalações elaboradas pela CMCV e Academia Sénior tinham uma vertente mais tradicional, centradas em expressões como a pintura, escultura e técnicas de artesanato local; por sua vez, as instalações elaboradas pelos artistas contratados tinham uma vertente contemporânea, apostando nas novas tecnologias, interação e espetáculos multimédia.

O espetáculo noturno iniciou-se ao longo das 4 noites com um momento teatral. Após o espetáculo os espetadores puderam conhecer todas as instalações, apoiadas num mapa do Festival, com percursos sinalizados por candeeiros azuis.

Existiram atividades complementares diurnas, como uma visita ao primeiro sistema de abastecimento de água da vila e à mina que o fornecia, visitas guiadas à fábrica Vitalis, uma homenagem ao Professor Dr. Mário Ruivo¹²² e uma conversa de balanço com os artistas integrantes desta primeira edição (ANEXO B).

¹²² O Professor Mário Ruivo foi um dos pioneiros no estudo dos oceanos em Portugal e um grande defensor do ambiente. Tinha uma segunda residência em Castelo de Vide e visitava a vila pelo menos uma vez por ano. Foi inaugurada nesta homenagem uma placa distintiva na sua residência em Castelo de Vide, uma exposição na Biblioteca Municipal e feita uma conversa informal com entidades que acompanharam o seu percurso pessoal e profissional.

5. CAPÍTULO V: *Benchmarking*

Kathleen H. J. Leibfried (1994) afirma que o *benchmarking* numa empresa, ou organização, neste caso, proporciona encontrar oportunidades de melhorar a sua maneira de operar no meio, analisando os seus concorrentes.

Este processo é uma forma de reunir esforços para tornar a empresa a melhor entre a concorrência. O autor afirma que para se dar início a este processo de análise é preciso certificar que a própria entidade deseja melhorar e avaliar os seus métodos operativos, de forma a encontrar os seus pontos fortes e pontos fracos.

No capítulo anterior a este apresentei o Festival da Água e do Tempo – Clepsidra para que neste capítulo seja possível comparar o conceito e objetivos deste com as iniciativas culturais semelhantes a esta, a nível nacional e internacional.

Deste modo pretende-se encontrar estratégias e métodos capazes de enriquecer o conceito e objetivos do FAT – Clepsidra para edições futuras.

Irei analisar o projeto “RésVés” da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), a “Bienal de Cerveira”, o projeto das “Aldeias Artísticas” (concelho de Castelo Branco), o “Lumina” (Oeiras) e a nível internacional o “Amsterdam Light Festival”.

Escolhi estas 5 iniciativas por considerar que, em termos conceituais, são as que mais se assemelham aos objetivos do FAT – Clepsidra.

Não pretendo fazer um levantamento exaustivo, mas apenas compreender em que pontos se assemelham ao festival em estudo e de que forma os seus conceitos poderão fortalecê-lo.

Antes de analisar as iniciativas semelhantes ao FAT - Clepsidra foram identificadas as iniciativas culturais em Portugal com os mesmos temas (água e tempo) e quais as respetivas dinâmicas.

A nível nacional existem dois festivais em que a água é o principal tema: “Festival da Água”, nas Termas de S. Pedro do Sul, e o “Festival da Água”, de Santa Bárbara. Ambas as iniciativas são desenvolvidas de forma semelhante, promovendo concertos ao ar livre, uma feira gastronomia e artesanato, *workshops* e atividades desportivas.

Verificou-se que, embora o tema seja semelhante à iniciativa que a associação Burgo Pedestal e CMCV desenvolveram, a dinâmica diferencia-se do proposto para o FAT – Clepsidra. Relativamente ao tempo, não foi verificado qualquer festival no território nacional que tivesse esta temática nos seus objetivos.

Verifiquemos agora as iniciativas culturais que em termos de dinâmica se assemelham à iniciativa em estudo.

5.1. RésVés

O “RésVés” é uma iniciativa da FBAUL no âmbito da criação de residências artísticas.

Este projeto visa a formação de alunos de professores num contexto de trabalho em cooperação com as comunidades locais. Alunos e professores deslocam-se a uma localidade onde permanecem aproximadamente 10 dias e desenvolvem trabalhos artísticos através do convívio com a população local.

A primeira edição desta iniciativa ocorreu em 2014, em dois locais e datas distintas: Proença-a-Nova (julho) e Praia da Vitória (novembro).

O nome “RésVés” faz alusão ao objetivo de cada iniciativa residencial, pois a população local prenda a comunidade académica com a sua cultura identitária, sendo que os segundos transformam esta aprendizagem numa obra de arte criada por cada indivíduo.

Espírito de cooperação e integração da comunidade no processo artístico são características essenciais à realização deste tipo de iniciativas promovidas pela FBAUL. Existem, por norma, expressões artísticas de áreas muito variadas.

Beatriz Bento, responsável pela organização das edições de 2016 e 2017, em conversa informal, no dia 10 de fevereiro de 2017, no edifício da FBAUL, informou-me que é para a Faculdade interessante desenvolver estas iniciativas em locais com pequenas dimensões, pois por norma a população local está mais disponível em cooperar com a iniciativa. Esta afirma que o apoio das autarquias locais é essencial pois são elas que fornecem o valor a ser gasto por cada aluno (definido previamente), alojamento e transporte.

5.2. Bienal de Cerveira

Em 1978 surgiu a “Bienal de Cerveira”, uma iniciativa cultural baseada nos seguintes valores: cooperação, criatividade, eficiência, excelência, inovação, notoriedade e rigor¹²³.

Com o evoluir das edições desta atividade bienal, Vila Nova de Cerveira obteve a distinção de “Vila das Artes” devido à sua aposta em diversas expressões artísticas. Esta

¹²³ Informação retirada do *site* oficial do evento “Bienal de Cerveira”, disponível em: <http://bienaldecerveira.org/sobre-a-fundacao/valores/>

iniciativa mantém uma ligação saudável entre a tradição e estilos artísticos tradicionais com as expressões contemporâneas do ramo. Foi pioneira na performance artística em praça pública, inicialmente de uma forma improvisada, as exposições e instalações artísticas ocorriam e ganhavam vida nos espaços públicos da vila.

Atualmente as atividades da bienal ocorrem em espaços distintos da vila, tais como o castelo, o Fórum Cultura, ex-edifício dos Bombeiros, Convento de São Paio, etc.¹²⁴ Todas as atividades têm um espaço apropriado à sua elaboração, ainda que algumas ocorram em praça pública como inicialmente aconteceu.

5.3. Aldeias Artísticas

Este projeto visa a fusão entre a arte urbana e o meio rural, pretendendo a interação entre os artistas e a comunidade local.

Atualmente o projeto integra 4 aldeias do concelho de Castelo Branco no âmbito de uma iniciativa de desenvolvimento local intitulada “Há Festa no Campo”, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no contexto do programa Partis.

Integra artistas de várias expressões artísticas, desde as mais tradicionais às contemporâneas. Estes são convidados a habitar na localidade onde vão intervir de modo a terem contacto direto com a realidade dos habitantes locais, com o seu património e suas tradições. Proporciona-se um ambiente de partilha e aprendizagem conjunta.

Até à data existem cerca de 18 murais, constituindo um percurso de arte pública entre as aldeias de Chão da Vã, Juncal do Campo, Freixal do Campo e Barbaído. Alguns destes murais são assinados por artistas reconhecidos nacionalmente, como é o caso de Whils/Alexandre Farto, integrando outros projetos como o LATA 65-

Em 2015 decorreu a primeira edição do “Festival das Aldeias Artísticas”, representando um momento de celebração do trabalho executado em conjunto entre os artistas e a comunidade local. É promovida a exposição a céu aberto e é proporcionada a oportunidade ao público de interagir com os artistas e atividades desenvolvidas.

¹²⁴ Informação retirada do *site* oficial do evento “Bienal de Cerveira”, disponível em: <http://www.bienaldecerveira.pt/historia-da-bienal-de-serveira/33-anos-de-existencia-1978-2011/>

5.4. Lumina

Com início em 2011, o festival “Lumina” tem como objetivo a recriação do espaço urbano da vila de Cascais, através de espetáculos associados à cor e à luz, instalações interativas ao longo do espaço e projeção de espetáculos de vídeo e multimédia.

Apostando em artistas nacionais e internacionais, o “Lumina” é considerado um dos 10 festivais de luz com melhor qualidade a nível europeu¹²⁵.

Com o objetivo de realçar o património histórico de Cascais, este festival proporciona aos seus visitantes a possibilidade de percorrer um percurso interativo noturno ao longo das ruas da vila.

O “Lumina” é visitado anualmente por aproximadamente 40.000 pessoas¹²⁶, proporcionando aos seus visitantes espetáculos de enternecimento cultural de exceção.

É organizado em conjunto pela CM de Cascais e o Ateliê “OCUBO”, contando com o apoio financeiro de algumas embaixadas e entidades particulares.

5.5. Amsterdam Light Festival

Considerado pelo *The Guardian* o melhor festival de Luz da Europa¹²⁷, o “Amsterdam Light Festival” é um festival produtor, sendo a maioria das obras feitas em exclusivo para esta ocasião.

Com a sua primeira edição em 2012, é organizado através de uma Fundação – Amsterdam Light Festival Foundation –, uma parceria público-privada envolvendo municípios, empresas e diversos setores criativos.

Inovação é a palavra de ordem deste acontecimento. Num espaço temporal de dois meses, 1800 artistas¹²⁸ de todo o mundo expõem a sua arte ao longo das ruas de Amesterdão. É objetivo da organização desafiar os artistas a ultrapassar os seus limites, confrontando conceitos diferentes em termos de expressão artística.

¹²⁵ Informação retirada do *site* oficial do “The Guardian”, disponível em: https://www.theguardian.com/travel/2014/sep/02/-sp-europe-top-10-light-art-shows?CMP=tw_t_gu

¹²⁶ Informação retirada do *site* oficial do “Lumina”, disponível em: <https://www.lumina.pt/sobre>

¹²⁷ “Europe’s top 10 light art festivals”, *The Guardian*, disponível em: https://www.theguardian.com/travel/2014/sep/02/-sp-europe-top-10-light-art-shows?CMP=tw_t_gu

¹²⁸ Informação retirada do *site* do “Amsterdam Light Festival”, disponível em: <https://amsterdamlightfestival.com/nl/lichtkunst/wat-is-lichtkunst/>

Existem duas formas de ver as instalações artísticas exibidas que enaltecem o património histórico da cidade: a “*Illuminade*” feita a pé e a “*Water Colors*” feita de barco.

O percurso a pé é gratuito e o visitante pode desfrutar das mais de 20 instalações colocadas anualmente entre as ruas, jardins e recantos da cidade.

“*Water Colors*” tem um custo, pois o visitante desfruta de instalações artísticas inseridas nos próprios barcos turísticos, vê as que estão em terra junto ao rio e ainda tem a possibilidade de (re)visitar os canais do século XVII, pelos quais a cidade de Amsterdão é mundialmente conhecida.

* * *

Após análise das cinco iniciativas culturais acima descritas compreende-se que o Festival da Água e do Tempo – Clepsidra tem características semelhantes a cada uma delas, dando-lhes uma forma diferente.

O “*RésVés*” tem a vertente de integração com a população, também desejada pelas entidades promotoras do FAT – Clepsidra, no sentido em que ambas pretendem uma integração da população local e consequentemente da identidade patrimonial do mesmo no processo artístico. Esta iniciativa é igualmente praticada na “*Bienal de Cerveira*”, que por sua vez inovou a nível nacional no conceito de museu ao ar livre – também praticada no FAT – Clepsidra.

O projeto “*Aldeias Artísticas*”, também promove a dinamização do espaço rural através da arte, em localidades com tendências acentuadas de envelhecimento da população. Desta forma os projetos pretendem fomentar a economia local através da dinamização do espaço com a colaboração dos artistas e habitantes locais.

O “*Lumina*” e o “*Amsterdam Light Festival*” são as iniciativas com mais reconhecimento a nível nacional e internacional por parte do público e ambas têm como objetivo a promoção do património local através das expressões artísticas.

Numa junção destes conceitos, o FAT – Clepsidra, pretende crescer, apresentando anualmente diversidade de artistas e expressões culturais inspiradas nos temas do festival, de forma a promover o património da vila de Castelo de Vide.

Analisando os objetivos desta iniciativa, expostos no Capítulo IV e comparando-os com estas iniciativas e festividades semelhantes, perspetiva-se uma tendência de

crescimento, seguindo uma propensão que aponta para o reconhecimento alargado de público ao longo das suas edições.

A integração da população local é essencial numa iniciativa do género em meio rural, como é o caso de Castelo de Vide, integrando os habitantes locais no processo artístico. Este Festival apresenta, assim, o potencial para marcar a identidade cultural dos castelo-videnses.

6. CAPÍTULO VI: Festival da Água e do Tempo – Clepsidra 2017: Reflexões sobre uma 1ª Edição

Pretende-se agora contribuir para uma reflexão sobre a primeira edição do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra, decorrido entre os dias 3 e 6 de agosto de 2017.

Para auxiliar nesta reflexão foram realizadas 3 entrevistas, duas a entidades integrantes da organização do evento e uma a um espetador. As entrevistas, semiestruturadas, foram elaboradas e estruturadas previamente em guião, socorrendo-se de bibliografia específica¹²⁹. A formulação correta do pedido de informação foi uma preocupação tida na elaboração do guião, apostando em perguntas claras e objetivas, tentando minimizar o facto do investigador saber antecipadamente a informação que pretende obter, mas o entrevistado poderá não compreender que tipo de resposta dar. Quivy e Campenhoudt (1998) defendem que as perguntas feitas ao entrevistado devem ser o mais possível abertas, para que o mesmo consiga expor a sua própria realidade em relação ao tópico que queremos analisar.

Segundo os mesmos autores, o entrevistador deve abster-se em relação ao conteúdo da entrevista e procurar que a mesma ocorra num ambiente e contexto adequados. Se estas regras forem cumpridas, conseguir-se-á um grau de profundidade mais elevado em relação aos temas que se pretende estudar¹³⁰. Foi tendo em conta estas variáveis que decorreram as três entrevistas.

Os guiões de cada entrevista foram definidos previamente, ponderando a imparcialidade das perguntas em relação ao inquirido, de forma a não influenciar as suas respostas. O guião procurou encontrar a maior veracidade possível, dividindo-se em duas partes. A primeira correspondeu à opinião de cada entrevistado de acordo com a sua posição, seja do ponto de vista da organização ou do ponto de vista de espetador. Na segunda parte foram colocadas as mesmas perguntas aos três entrevistados, de modo a compreender o ponto de vista de cada um face a cada tópico em análise.

As primeiras 4 questões relacionavam-se com a função que cada entrevistado desempenhou, enquanto as restantes foram de âmbito generalista sobre a primeira edição do FAT – Clepsidra. Pretendeu-se compreender de que forma este festival se distinguiu das restantes iniciativas culturais na região, os benefícios advindos para a vila de Castelo

¹²⁹ Foddy, 1996: 42-51.

¹³⁰ Quivy e Campenhoudt, 1998: 194.

de Vide, quais os pontos fortes e fracos da primeira edição, o que deve ser mantido e melhorado e um balanço generalizado sobre a edição do ano de 2017.

O primeiro entrevistado foi António Pita, atual presidente da CMCV, em entrevista que decorreu presencialmente no seu gabinete, no edifício da CMCV, no dia 22 de setembro de 2017. Foi entrevistado, uma vez que é o responsável pelo órgão máximo de uma das entidades promotoras do festival. As questões individuais colocadas a António Pita focaram a pertinência de um festival com aqueles temas, as questões de organização partilhada e a sua visão pessoal relativamente à primeira edição do FAT – Clepsidra e ao cumprimento dos objetivos inicialmente estabelecidos.

O segundo entrevistado foi André Conchinha, de 23 anos, natural de Castelo de Vide e membro da organização do FAT – Clepsidra, tendo coordenado a equipa de voluntários. Respondeu às questões via e-mail, no dia 21 de setembro de 2017. As questões colocadas a este entrevistado focaram os motivos para a sua integração na organização do festival, as funções aqui desempenhadas, e o *feedback* que obteve sobre a equipa de voluntários, dado que foi quem teve mais contacto com os mesmos.

Em terceiro lugar foi entrevistado um espetador natural da vila de CV. Nuno Gargaté, de 25 anos, licenciado em Gestão, respondeu às questões dia 23 de setembro de 2017, via *e-mail*. As questões individuais colocadas a Nuno Gargaté focaram as instalações artísticas colocadas em CV, a sua relação com a identidade coletiva dos castelo-videnses e nas quais se identificou com maior facilidade, qual a instalação que mais gostou e a que menos gostou, assim como os motivos que o levaram a tomar estas duas escolhas.

Consciente que as 3 entrevistas feitas não representam uma amostra representativa dos espetadores e organizadores, pretendeu-se verificar o ponto de vista pessoal das duas pessoas que representam o coletivo envolvido na realização da primeira edição do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra (António Pita e André Conchinha) e o ponto de vista de um espetador.

Relativamente a António Pita, foi com bastante entusiasmo que viu esta primeira edição do FAT – Clepsidra tomar forma. Ressalvando a interação dos jovens artistas de CV com artistas de fora, assim como com a comunidade. O Presidente da CMCV defendeu as opções tomadas no início do projeto, legitimando a utilização de valores e recurso histórico-culturais, definidores de identidades coletivas, em manifestações artísticas mais contemporâneas. Frisou a importância da envolvimento de entidades locais que deram o seu contributo na construção de algumas instalações, objetivo que pretende

que seja mantido em edições futuras. Defendeu também o modelo organizacional do FAT-Clepsidra garantindo que a parceria com a Associação Burgo Pedestal é importante para a sustentabilidade do projeto, assente numa lógica de proveniência da sociedade civil e coletiva, o que justifica assim um maior impacto.

Quanto ao testemunho de André Conchinha este afirma que sentiu necessidade de a integrar e que desde logo compreendeu o seu impacto inovador para a região. A sua principal função foi angariar uma equipa de voluntários para assegurar o funcionamento do festival no horário definido para o funcionamento das instalações. A equipa de 40 voluntários recebeu uma formação inicial e foram acompanhados de perto ao longo das 4 noites de festival. Como elementos essenciais destacou o fator inovação, quando comparado com outras iniciativas culturais da região e a valorização, através desta inovação, das marcas identitárias da vila. .

Nuno Gargaté fez na noite do dia 5 de agosto de 2017 o percurso das 22 instalações colocadas pelo centro histórico da vila de CV e afirma que as mesmas estavam colocadas em pontos estratégicos que considerou essenciais do ponto de vista histórico e identitário. Saliu a ligação estabelecida, em termos de programa do Festival, com a comunidade e as tradições de CV, ressaltando também o fator inovação das atividades desse mesmo programa.

O balanço final da primeira edição do FAT – Clepsidra é bastante positivo. A vertente inovação foi um dos aspetos mais conseguido, pois propôs dinâmicas artísticas diferentes no território, quando comparado com as iniciativas elaboradas na região. Para André Conchinha esta iniciativa constitui um marco histórico pioneiro na agenda cultural da região e António Pita afirma que a mesma marca a diferença pela sua vertente de construção em comunidade, uma vez que a maioria dos artistas se deslocou à vila para desenvolver as suas instalações. É uma iniciativa contruída para a vila, inspirada na mesma, e que integra os seus habitantes através das várias expressões artísticas. André Conchinha afirma que a ousadia das instalações artísticas apresentadas com certeza não deixou ninguém indiferente.

O aspeto social foi outros dos elementos analisados pela parte positiva. Quer o movimento de espetadores no centro histórico da vila, em períodos menos frequentados, quer o envolvimento dos funcionários da CMCV na montagem das instalações (aspeto reforçado por António Pita), quer o envolvimento da população local, que teve uma forte adesão a esta primeira edição. A interação da população e espetadores com as manifestações artísticas contribuiu para este dinamismo, sendo uma conclusão a ter em

conta pelas entidades promotoras. Este facto pode ser consolidado em associação a um maior impacto económico para os comerciantes locais, seja através da restauração, comércio tradicional ou hotelaria

Um outro aspeto positivo relacionou-se com a valorização do património histórico-cultural de CV. Olhou-se de forma diferente para o património identitário da vila através das instalações interativas; o facto de estarem acessíveis alguns locais que por norma estão inacessíveis a visitas, como é o caso do Edifício das Termas ou da igreja de Santo Amaro, permitiu (re)conhecimentos dos valores patrimoniais por parte de população residente e população exterior.

António Pita crê que a edição de 2017 do FAT – Clepsidra deixou uma semente que germinará para as próximas edições, garantindo que superou de longe as suas expectativas. Como pontos a manter destacou-se a continuidade da valorização do património histórico, a aposta em novos artistas e em artistas locais, em variadas expressões artísticas contemporâneas e emergentes capazes de enriquecer a vila do ponto de vista cultural. O caminho a tomar deve passar pelo desenvolvimento de instalações artísticas com maior dimensão e criação de mais momentos culturais, na opinião de André Conchinha.

O responsável da equipa de voluntários afirma que recolheu boas impressões por parte do público e que os objetivos traçados para esta primeira edição foram bem conseguidos. Nuno Gargaté garante que para si a primeira edição não foi perfeita na execução, mas perfeita na ambição. O envolvimento da Associação Burgo Pedestal, o apoio da CMCV e o trabalho de todos os artistas culminaram em instalações criativas que surpreenderam os habitantes locais e aquelas que à vila se dirigiram com o propósito de presenciar a primeira edição do FAT – Clepsidra.

Verifica-se através das respostas dos três entrevistados que o balanço da primeira edição de 2017 do FAT – Clepsidra entre 3 e 6 de agosto de 2017, em Castelo de Vide é positiva. António Pita afirma que “a semente foi implementada”, tendo as próximas edições o desafio de corresponder à fasquia que em seu entender, ficou “muito elevada”. A Associação Burgo Pedestal cumprirá com a máxima de fazer sempre mais e melhor, esse será o principal compromisso para com aqueles que acreditaram, que contribuíram para a elaboração desta primeira edição, assim como para com o público.

CONCLUSÃO

Quais as potencialidades e viabilidade de execução de um festival cultural inspirado na água e no tempo, na vila de Castelo de Vide?

Demonstrou-se ao longo deste estudo que CV dispõe das características essenciais para promover uma iniciativa cultural que assente em valores histórico-culturais identitários e que sobre esses contrua uma proposta de Programa. Estas características foram confirmadas pela identificação e análise do contexto histórico, social, económico, político e cultural da vila de Castelo de Vide. Determinaram que CV é uma vila com uma extensa longevidade na linha do tempo, tendo uma história rica em acontecimentos marcantes a nível nacional, que deixaram testemunhos físicos e imateriais no espaço e comunidade de Castelo de Vide.

Verifica-se que o fator inovação é necessário em Castelo de Vide, sendo que este deve passar pela aposta nas populações jovens.

Existe uma estratégia promocional da vila de CV, vindo essencialmente da CM, assente numa metodologia de criação de eventos de natureza diversa, com diferentes focos de público, verificando-se uma tendência de aumento dos investimentos em projetos de índole tradicional e cultural, e uma tendência de aumento de projetos a serem patrocinados e promovidos pela CMCV.

Através das iniciativas realizadas na vila, como o “Andanças”, “Ethno World”, “Festival das Lavandas e Outras Aromáticas” e Mercado Medieval “Viver a História”, verifica-se o enaltecimento de uma vertente tradicional através de um contexto lúdico, sendo este comum em festividades contemporâneas.

Ao nível nacional a internacional, verificam-se que já são promovidas iniciativas culturais que integram conceitos semelhantes. “RêsVés” (promovido pela FBAUL), “Bienal de Cerveira”, “Aldeias Artísticas” (distrito de Castelo Branco), “Lumina” (Oeiras) e “Amsterdam Light Festival” são iniciativas que de algum modo têm objetivos semelhantes ao do FAT – Clepsidra, tais como: integração do processo artístico com a população local; a exposição de obras de arte a céu aberto; a divulgação do património cultural do local onde são elaboradas; e a dinamização económica local.

Estas iniciativas demonstram a possibilidade de inovar através da cooperação de artistas e população local, criando espetáculos lúdicos que promovem a identidade coletiva e património histórico do local onde são elaboradas.

Este foi o modelo de execução da primeira edição do FAT – Clepsidra e que as entidades promotoras pretendem manter em próximas edições.

Esta tendência vai ao encontro dos objetivos inicialmente definidos para esta nova iniciativa cultural desenvolvida na vila de CV. Estes foram previamente estabelecidos pelas entidades promotoras: a associação Burgo Pedestal e CMCV.

Os onze objetivos inicialmente passavam pela promoção de novos artistas locais e de artistas locais, integração dos artistas e processo artístico com a comunidade local, pela divulgação e valorização cultural e natural de CV, criação de novos portos de trabalho, contribuição positiva para a economia dos comerciantes locais e sustentabilidade própria.

Deste modo pretende-se que esta iniciativa integre também a memória e identidade coletiva da sociedade contemporânea castelo-vidense para as sociedades futuras. Pretende-se enaltecer, inovando e deixar um contributo para o futuro.

O compromisso inicial das entidades promotoras do FAT – Clepsidra foi a inovação para a vila de CV, seja através da programação, atividades e obras, artistas, através da organização e financiamento do festival.

A exposição de obras a céu aberto, com uma vertente interativa mostra-se um modo de atuação inovador para o local. Desta forma, as entidades promotoras do FAT – Clepsidra pretendem enaltecer o património histórico e natural da vila de CV através das várias expressões artísticas elaboradas com os temas do festival.

Estes modos de operação e exposição tornam o FAT – Clepsidra num evento único no distrito de Portalegre, tornando-o num evento promissor e viável. O fator inovação desperta curiosidade, e como indicou em entrevista o Sr. Presidente da CMCV, António Pita, a população local aderiu em grande escala, sendo que com uma boa estratégia de comunicação este projeto poderá tornar-se reconhecido a nível nacional ou internacional.

Tendo em conta as iniciativas culturais analisadas no Capítulo V, os eventos que têm o objetivo de enaltecer o património do local através de expressões artísticas variadas ganham o reconhecimento do público em geral, e António Pita afirma que o FAT – Clepsidra tem potencial para tornar Castelo de Vide numa capital cultural a nível nacional já nas próximas edições.

Na primeira edição, o FAT – Clepsidra contou um patrocínio financeiro vindo exclusivamente da CMCV, sendo objetivo das próximas edições a sustentabilidade própria. António Pita garante que este investimento se refletiu no enorme potencial que a iniciativa tem, não só a nível de contribuição para economia do comércio local, mas pela

geração de novos postos de trabalho para os jovens locais e de fora, uma vez que são necessários recursos humanos para a elaboração do mesmo, sendo pela quantidade de trabalho temporário que é dado a cada artista integrante.

Num âmbito generalizado, tendo como base o caso concreto do FAT – Clepsidra, verifica-se que o património cultural é certamente um fundamento válido para a divulgação de expressões artísticas emergentes da contemporaneidade. Neste sentido, promove-se aquilo que é tradicional e integra a identidade de um local concreto, enaltecendo-o através de expressões artísticas diversificadas.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE

Bengala, Rui e Sofia Pinela (2014), *Rota da Água*, Castelo de Vide, Câmara Municipal de Castelo de Vide, texto policopiado.

Bengala, Rui e Sofia Pinela (2014), *Rota da Água 2*, Castelo de Vide, Câmara Municipal de Castelo de Vide, texto policopiado.

Cid, Paulo (2004), *Castelo de Vide e as suas muralhas*, Lisboa, IPPAR, Panfleto.

Dias, Emília (2017), *Dados Estatísticos do Movimento do Museu da Sinagoga 2016 – Sinagoga de Castelo de Vide*, Castelo de Vide, Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Magusto, João (2014), *Fontes – Concelho de Castelo de Vide*, Castelo de Vide, Relatório entregue à Câmara Municipal de Castelo de Vide, texto policopiado.

Magusto, João (2008), *Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide*, Castelo de Vide, Centro Municipal de Cultura – Secção de Arqueologia, texto policopiado.

Pita, António, José Bica, Marta Ruivo e Rui Cinha (SD), *Guide: History and Environment – Castelo de Vide*, Panfleto.

Vide, Grupo de Arqueologia de (SD), *Astro Guia de Castelo de Vide*, Castelo de Vide, Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Vide, Município de Castelo de (2012), *Orçamento de Despesa (por classificação orgânica/económica)*, Texto Policopiado.

Vide, Município de Castelo de (2013), *Orçamento inicial para o ano de 2014*, Texto Policopiado.

Vide, Município de Castelo de (2013), *Orçamento para o ano de 2013 – Despesas*, Texto Policopiado.

Vide, Município de Castelo de (2015), *Orçamento para o ano de 2015 - Despesas*, Texto Policopiado.

Vide, Município de Castelo de (2016), *Orçamento para o ano de 2016 - Despesas*, Texto Policopiado.

Vide, Posto de Turismo de Castelo de (SD), *Castelo de Vide: Roteiro Turístico do Concelho*, Panfleto.

Vide, Posto de Turismo de Castelo de (2015), *Percursos em Natureza: Grande Rota de Castelo de Vide*, Panfleto.

Vide, Posto de Turismo de Castelo de (2015), *Percursos em Natureza: Percurso Castelo de Vide - Marvão*, Panfleto.

Vide, Posto de Turismo de Castelo de (2015), *Percursos em Natureza: Percurso da Torrinha*, Panfleto.

Vide, Posto de Turismo de Castelo de (2015), *Percursos em Natureza: Percurso da Barragem da Póvoa*, Panfleto.

Vide, Posto de Turismo de Castelo de, (2015), *Percursos em Natureza: Percurso das Fontes na Vila*, Panfleto.

Vide, Posto de Turismo de Castelo de (2015), *Percursos em Natureza: Percurso pela Serra de São Paulo*, Panfleto.

Ventura, António (SD), *Sagrado e Profano – Castelo de Vide*, Panfleto.

LEGISLAÇÃO NACIONAL

Decreto-lei de 16 de junho de 1910, *Diário do Governo*, nº136, 23 de junho, disponível em <http://www.amigosdoscastelos.org.pt/Portals/0/docs/Conteudos/Monumentos%20Nacionais100anos.pdf>

Lei 107/2001, *DR*, 1ª Série – A, nº209 de 8 de setembro.

Portaria nº 829/2009, *DR*, 2ª Série, nº 163 de 24 de agosto.

LEGISLAÇÃO INTERNACIONAL

Europa, Conselho da, 1975, *Carta Europeia do Património Arquitetónico*, Amsterdão

Europa, Conselho da, 2005, *Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*, Faro.

UNESCO, 2003, *Convenção para Salvaguarda do Património Cultural*, Paris.

UNESCO, 1972, *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, Paris.

OUTRAS FONTES PUBLICADAS

a) O Pregão:

“O Fascínio da Luz Elétrica” – 30 de janeiro de 1991.

- “Um Pouco da Nossa História Local” – 30 de novembro de 1991.
- “Visita Régia de D. Pedro V” – 18 de maio de 1992.
- “51º Festival de Folclore de Castelo de Vide”, *Noticias de Castelo de Vide*, 13 de agosto de 2016, disponível em: <http://noticiasdecastelodevide.blogspot.pt/2016/08/51-festival-de-folclore-de-castelo-de.html> - Consultado em maio de 2017.
- “Barragem da Póvoa” (SD), disponível em: http://cnpgeb.apambiente.pt/gr_barragens/gbportugal/FICHAS/Povoaficha.htm - Consultado em junho de 2017.
- “Casa Amarela TH” (SD), disponível em: <http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/ver-e-fazer/patrimonio/casas-historicas/casa-amarela-th-> - Consultado em abril de 2017.
- “Castelo”, (SD), CMCV, disponível em: <http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/ver-e-fazer/patrimonio/castelo> - Consultado em abril de 2017.
- “Castelo de Vide (Concelho)” (2017), *Visitar Portugal*, disponível em: <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-portalegre/c-castelo-vid> - Consultado em março de 2017.
- “Castelo de Vide” (SD), Rede de Judiarias de Portugal, disponível em: <http://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/castelo-de-vid> - Consultado em março de 2017.
- “Castelo de Vide” (1998), Dicionário das Enciclopédias, Minha Terra, vol.4. – p. 657 a 661
- “Castelo de Castelo de Vide”, (SD), *Amigos dos Castelos*, disponível em: <http://www.amigosdoscastelos.org.pt/tabid/72/ctl/Details/mid/473/monumentID/15/Default.aspx> - Consultado em agosto de 2017.
- “Classificação / Caracterização” (SD), ICNF, disponível em: <http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnssm/class-carac> - Consultado em abril de 2017.
- “Dos nomes das Ruas, Largos, Travessas, Terreiros, etc”, *Terra Alta*, edição de 26 de janeiro de 1969
- “Europe’s top 10 light art festivals”, *The Guardian*, 18 de janeiro de 2015, disponível em: https://www.theguardian.com/travel/2014/sep/02/-sp-europe-top-10-light-art-shows?CMP=tw_t_gu – Consultado em agosto de 2017.
- “Fortificações de Castelo de Vide” (SD), fortalezas.org, disponível em: http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1851&muda_idioma=PT – Consultado em agosto de 2017.

- Gonçalves, Eurico (2011), *História desde 1978*, disponível em: <http://www.bienaldecerveira.pt/historia-da-bienal-de-cerveira/33-anos-de-existencia-1978-2011/> - Consultado em julho de 2017.
- Grupo Marktest, “*Mais qualidade de vida no interior*”, 2 de novembro de 2016, disponível em: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~2159.aspx> - Consultado em abril de 2017.
- “Marca natural.pt”, SD, natural.pt, disponível em: <http://natural.pt/portal/pt/AreaProtegida/Item/9#marca> – Consultado em março de 2017.
- “Menir da Meada” (SD), DGPC, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisado-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70245> - Consultado em março de 2017.
- Montez, António (1937), *Terras de Portugal: Castelo de Vide*, Castelo de Vide, Tipografia Castelvidense
- “Oferta Formativa” (SD), ESS, disponível em: <http://www.essp.pt/pt/oferta-formativa/> - Consultado em abril de 2017.
- “Oferta Formativa” (SD), ESTG, disponível em: <http://www.estgp.pt/pt/oferta-formativa/grau/?d=1> – Consultado em abril de 2017
- “Oferta formativa 2016/2017” (2016), ESSL, Panfleto, disponível em: <http://www.essl.edu.pt/images/pdf/folhetos17.pdf> - Consultado em abril de 2017.
- Pédexumbo (2016), *Conceito*, disponível em: <http://www.andancas.net/2016/pt/24/o-andancas/conceito> - Consultado em março de 2017.
- PédeXumbo (2016), *News*, disponível em: <http://www.andancas.net/2016/pt/24/o-andancas/conceito> - Consultado em março de 2017.
- “Portalegre (concelho)” (2017), *Visitar Portugal*, disponível em: <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-portalegre/c-portalegre> - Consultado em maio de 2017.
- “Pingo Doce abre hoje às 08:30 horas”, *Noticias de Castelo de Vide*, 30 de agosto de 2007, disponível em: <http://noticiasdecastelodevide.blogspot.pt/2007/08/pingo-doce-abre-hoje-s-0830-horas.html> - Consultado em abril de 2017.
- “Rancho Folclórico de Nossa Senhora da Alegria” (SD), CMCV, disponível em: <http://www.cm-castelo-vidе.pt/pt/associativismo/446-rancho-folclorico-de-nossa-senhora-da-alegria-de-castelo-de-vidе> - Consultado em março de 2017.

“Sobre” (2017), OCUBO, disponível em: <https://www.lumina.pt/sobre> - Consultado em julho de 2017.

“Quinta das Lavandas” (SD), CMCV, disponível em: <http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/onde-parar/hotelaria/quinta-das-lavandas> - Consultado em maio de 2017.

“Valores” (SD), Bienal de Cerveira, disponível em: <http://bienaldecerveira.org/sobre-a-fundacao/valores/> - Consultado em julho de 2017.

FONTES ESTATISTICAS

Site oficial do PORDATA: <http://www.pordata.pt/>

“Câmaras municipais: despesas efetivas, receitas efetivas e saldo”, última atualização em julho de 2016, disponível em: (%)”, PORDATA, última atualização em junho de 2015, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Câmaras+municipais+despesas+efectivas++rec+e+efectivas+e+saldo-531> – Consultada em abril de 2017.

“Despesas totais das câmaras municipais: efetivas, activos e passivos financeiros”, PORDATA, última atualização em junho de 2015, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Despesas+totais+das+câmaras+municipais+efectivas++activos+e+passivos+financeiros-608> - Consultada em abril de 2017.

“Edifícios segundo os Censos: total e por tipo”, PORDATA, última atualização em junho de 2015, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Edif%C3%ADcios+segundo+os+Censos+total+e+por+tipo-82> – Consultada em abril de 2015.

“Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem: total e por nível de qualificação”, PORDATA, última atualização em julho de 2016, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Ganho+m%C3%A9dio+mensual+dos+trabalhadores+por+conta+de+outrem+total+e+por+n%C3%ADvel+de+qualifica%C3%A7%C3%A3o-279> – Consultada em abril de 2017.

“Hospedes nos estabelecimentos hoteleiros: total residentes em Portugal e residentes no estrangeiro”, PORDATA, última atualização em setembro de 2016, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/H%C3%B3spedes+nos+estabelecimentos+hoteleiros+total++residentes+em+Portugal+e+residentes+no+estrangeiro-749> – Consultada em abril de 2017.

- “Poder de compra *per capita*, PORDATA, última atualização em novembro de 2016, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Poder+de+compra+per+capita-118> – Consultada em abril de 2017.
- “População ativa segundo os Censos: total e por grupo etário”, PORDATA, última atualização em junho de 2015, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Poder+de+compra+per+capita-118> – Consultada em abril de 2017.
- “População desempregada segundo os Censos: total e por tipo de desemprego”, PORDATA, última atualização em junho de 2015, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+desempregada+segundo+os+Censos+total+e+por+tipo+de+desemprego-143> – Consultada em abril de 2017.
- “População empregada segundo os Censos: total e por sector de actividade económica”, PORDATA, última atualização em setembro de 2015, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+empregada+segundo+os+Censos+total+e+por+sector+de+actividade+econ%C3%B3mica-145> – Consultada em abril de 2017.
- “População inativa segundo os Censos: total e por condição perante o trabalho”, PORDATA, última atualização em junho de 2015, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+inactiva+segundo+os+Censos+total+e+por+condi%C3%A7%C3%A3o+perante+o+trabalho-144> – Consultada em abril de 2017.
- “População residente com 15 e mais anos por nível de escolaridade completo mais elevado segundo os Censos (%)”, PORDATA, última atualização em junho de 2015, disponível em: [http://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+o+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+segundo+os+Censos+\(percentagem\)-380](http://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+o+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+segundo+os+Censos+(percentagem)-380) – Consultada em abril de 2017.
- “Proveito de aposento nos estabelecimentos hoteleiros: total e por tipo de estabelecimento”, PORDATA, última atualização em outubro de 2016, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Proveitos+de+aposento+nos+estabelecimentos+hoteleiros+total+e+por+tipo+de+estabelecimento-752> – Consultada em abril de 2017.

“Sociedades não financeiras: total e por sector de actividade económica”, PORDATA, última atualização em março de 2017, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Sociedades+n%C3%A3o+financeiras+total+e+por+sector+de+actividade+econ%C3%B3mica-399> – Consultada em abril de 2017.

“Quartos nos estabelecimentos hoteleiros: total e por tipo de estabelecimento”, PORDATA, última atualização em outubro de 2016, disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Quartos+nos+estabelecimentos+hoteleiros+total+e+por+tipo+de+estabelecimento-770> – Consultada em abril de 2017.

FONTES ORAIS

Entrevista presencial a António Pita, presidente da CMCV, realizada no dia 22 de setembro de 2017.

Entrevista via *e-mail* a André Conchinha, responsável pela equipa de voluntários da primeira edição do FAT – Clepsidra, no dia 25 de setembro de 2017.

Entrevista via *e-mail* a Nuno Gargaté, espetador da primeira edição do FAT – Clepsidra, no dia 25 de setembro de 2017.

Testemunho informal da professora Ana Paula Travassos, diretora da Escola Básica, 2º e 3º Ciclos Garcia d’Ora – Castelo de Vide, via *e-mail* no dia 13 de junho de 2016.

BIBLIOGRAFIA

- Aires-Barros, Luís (2003), «As «dimensões» intangíveis do Património Cultural», *Revista do Instituto de História de Arte da Faculdade de Lisboa*, n.º 2 – pp. 261 a 270.
- Albarello, Luc, Digneffe, Françoise, Hieranaux, Jean-Pierre, Maroy, Christian, Ruquoy, Danielle e SainteGeorges, Pierre (1997), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gravidia.
- Alarcão, Adília (2009), «Sobre património ainda não foi tudo dito?», *Exedra*, n.º temático «Turismo», pp. 9 – 14.
- Alarcão, Jorge de, 2013, *Introdução ao Estudo da História e do Património Locais*, Coimbra, Faculdade de Letras.
- Alexandre, Maria do Guadalupe Transmontano (1976), *Etnografia, Linguagem e folclore de Castelo de Vide: Distrito de Portalegre*, Portalegre, Junta Distrital.
- Barranha, Helena (org.), 2016, *Património cultural: conceitos e critérios fundamentais*, Lisboa, IST Press e ICOMOS-Portugal.
- Barros, Vera Gouveia (2015), *Turismo em Portugal*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Batisse, Michel (1992), «Conservação do Património: vinte anos depois», *Revista Correio da Natureza*, nº 17 – pp. 50 a 51.
- Byrnes, William J. (2009), *Managemnt and the arts*, Burlington, Focal Press.
- Braga, Domingos Afonso de (1993), *Industrialização e desenvolvimento dos meios rurais: as iniciativas municipais de Castelo de Vide e Portel na promoção do desenvolvimento local o emprego*, Lisboa, ISCTE.
- Braga Teófilo (1985), *O Povo Português: nos seus costumes, crenças, e tradições*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, Vol. I.
- Bucho, Domingos (2004), *Fortificações de Castelo de Vide – História, Arquitetura e Restauro*, Região de Turismo de São Mamede, Setúbal.
- Cabrita, José Luís (coord.) (SD), *Castelo de Vide – Portugal*, Castelo de Vide, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- Campos, Ricardo (2013), *Introdução à Cultura Visual. Abordagens e Metodologias em Ciências Sociais*, Lisboa, Editora Mundos Sociais.
- Caria, Telmo H. (org) (2003), *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.
- Carolino, Júlia e Teresa Pinto Correia (2011), «Paisagem material, paisagem simbólica e identidade no concelho de Castelo de Vide», *Análise Social*, vol. XLVI, pp. 89 – 113.

- Cerezuela, David Roselló i (2007), *Diseño y evaluación de proyectos culturales: de la idea a la acción*, Barcelona, Ariel.
- Colbert, François (2001), *Marketing Culture and the Arts*, Montréal, École des Hautes Études Commerciales.
- Costa, Paulo Ferreira da (2013), «Património imaterial: entre as comunidades e as organizações», *Revista Património*, nº1 – pp. 154 a 159.
- Costa, Paulo Ferreira da (2014), «Património imaterial: organizações e conceitos», *Revista Património*, nº2 – pp. 176 a 179.
- Cuche, Denys (1999), *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa, Fim de Século.
- Custodio, Jorge (coord.) (2010), *100 anos de património: memória e identidade*, Lisboa, Igespar.
- Esperança, Eduardo Jorge (1997), *Património e comunicação: políticas e práticas culturais*, Lisboa, Estúdios Veja.
- Évora, Escola Preparatória de (1980), *Arte e tradições de Évora e Portalegre*, Lisboa, Terra Livre.
- Foddy, William (1996), *Como Perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, Oeiras, Celta.
- Gomes, Carla Amado (2011), *O preço da memória: a sustentabilidade do património cultural edificado*, Lisboa, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.
- Gordo, João António (org.) (1935), *Terra Alta: Antologia de Castelo de Vide*, Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora.
- Heers Jacques (1987), *Festas de Loucos e Carnavais*, Lisboa, Publicações Dom Quixote
- IPPAR (1993), *Património Arquitectónico Classificado. Distrito de Portalegre*, Lisboa, IPPAR.
- Jorge, Virgolino Ferreira (2000), *Património e Identidade Nacional*, Engenharia Civil, n.º 9, pp. 5 – 12.
- Jorge, Virgolino Ferreira (2005), *Cultura e Património*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Portel.
- Jorge, Vítor Oliveira (2000), *Arqueologia, Património e Cultura*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Leibfried, Kathleen H. J. (1994), *Benchmarking: uma ferramenta para a melhoria continua*, Rio de Janeiro, Editora Campus.
- Lopes, Flávio e Correia, Miguel Brito (2014), *Património Cultural: Critérios e Normas Internacionais de Protecção*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.
- Lourenço, Eduardo (2015), «Património», *Revista Património*, n.º 3 – pp. 54.

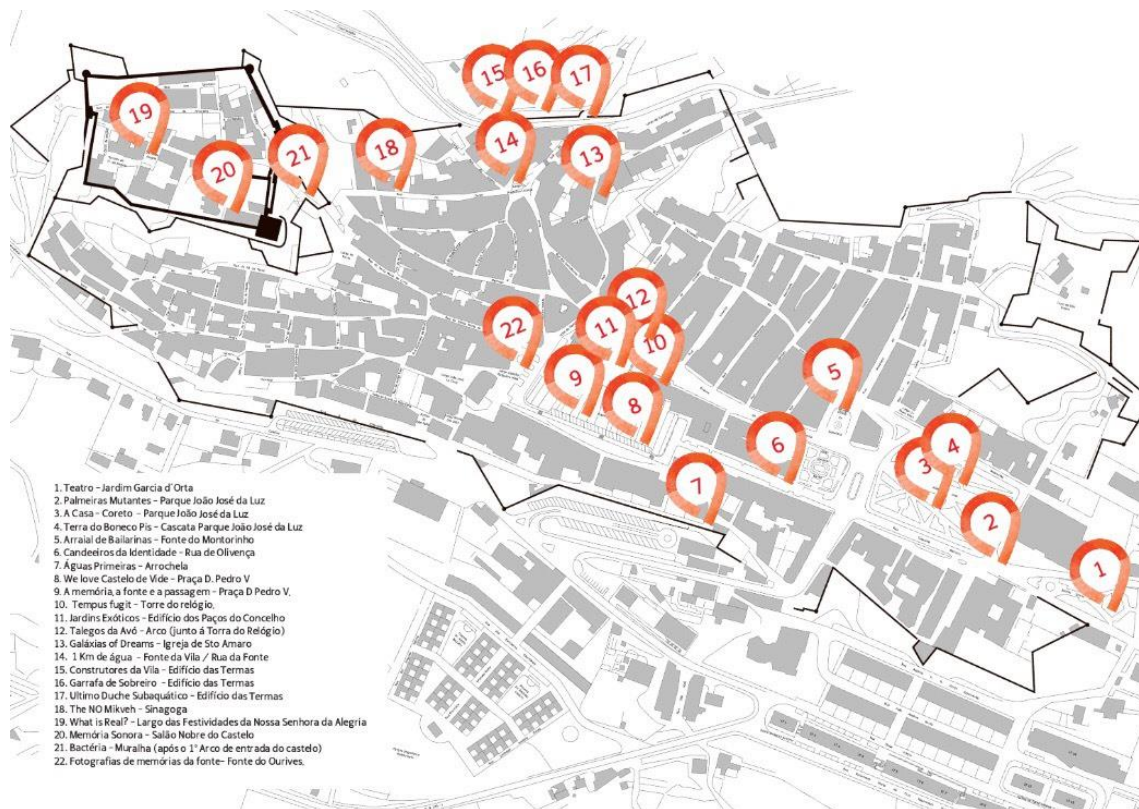
- Martins, Guilherme d' Oliveira (2014), «Património cultural ao serviço da sociedade», *Revista Património*, n.º 2 – pp. 160 a 163.
- Monteiro, Sofia Santos (2016), *Criação do distrito literário de Lisboa*, Trabalho de projeto em Empreendedorismo e Estudos da Cultura, Lisboa, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.
- Moreira, Pedro (2003), *Gestão das organizações*, Lisboa, INDEG
- Mota, Arlindo (2013), «10 mandamentos em defesa do património», *Revista Património*, n.º 1 – pp. 22 a 23.
- Moura, Vasco Graça (2013), *A Identidade Cultural Europeia*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Nabais, José Casalta (2010), *Introdução ao Direito do Património Cultural*, Coimbra, Almedina.
- Pacheco, Hélder (1987), *Rostos da Gente: Escritos sobre Património, Cultura e Outras Histórias*, Lisboa, Editorial Caminho.
- Patterson, James G. (1998), *Conceitos e fundamentos de benchmarking: à procura de um melhor caminho*, Lisboa, Monitor.
- Paralta, Elsa e Marta Anico (orgs.) (2006), *Patrimónios e Identidades: Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora.
- Pereira, Paulo (2014), «Património e imaterialidade», *Revista Património*, n.º 2.
- Pons, Ignacio (1993), *Programación de la investigación social*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Prieto, Luís César Herrero (2014), «La sustentabilidad del patrimonio cultural: reflexiones y desafíos», *Revista Património*, n.º 2 – pp. 86 a 91.
- Quivy, Raymond e LucVan Campenhoudt (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª Edição, Lisboa, Gradiva.
- Rodrigues, Maria da Conceição (1975), *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Coimbra, Junta Distrital de Portalegre.
- Ramos, Manuel João (coord) (2003), *A matéria do património: memórias e identidades*, Lisboa, Edições Colibri.
- Sanchis, Pierre (1983), *Arraial - Festas de um Povo: as romarias portuguesas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Silva, Augusto Santos (1994), *Tempos Cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*, Porto, Afrontamento.

- Silva, Augusto Santos e José Madureira Pinto (1989), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento.
- Silva, Elsa Peralta da (2000), «Património e identidade. Os desafios do turismo cultural», *Antropológicas*, nº4, pp. 218 – 224.
- Sem autor (1986), *Um pouco de história. Desde os tempos mais remotos...*, “FONTE NOVA”, Suplemento da Edição Nº 88 – p. 4
- Sobral, José Manuel (2012), *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Valles, Miguel S. (2002), *Entrevistas Cualitativas*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Videira, Cesar, 2011, *Memória Histórica da muito notável vila de Castelo de Vide*, Évora, Edições Colibri.
- Taborda, Rita (1994), *Castelo de Vide: Sintra do Além-Tejo*, Evasões – pp. 164 a 168.
- Traquino, Marta (2010), *A construção do lugar pela arte contemporânea*, Ribeirão, Edições Húmus.

ANEXOS

ANEXO A

Mapa das 22 instalações artísticas expostas ao longo do centro histórico de Castelo de Vide na primeira edição do Festival da Água e do Tempo Clepsidra, entre os dias 3 e 6 de agosto de 2017.



ANEXO B

Plano das atividades diárias elaboradas ao longo dos quatro dias do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra.

ATIVIDADES DIÁRIAS

QUINTA, DIA 3

21:30H - TEATRO "MATÉRIA PRIMA" - (JARDIM GARCIA D'ORTA)

SEXTA, DIA 4

10:00H - VISITA GUIADA À FÁBRICA DA VITALIS.

18:30H - ABORDAGEM A QUESTÕES DA SUSTENTABILIDADE DA ÁGUA COM O PROFESSOR CARLOS PIMENTA E COM O PRESIDENTE DO CONCELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA UNICER

21:30H - TEATRO "HISTÓRIAS DO JARDIM DOS JUDEUS" - (JARDIM GARCIA D'ORTA)

SÁBADO, DIA 5

10:00H - VISITA À MINA DO POUSO E AO PRIMEIRO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DA VILA

17:30H - CONCENTRAÇÃO JUNTO AO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO - ARRUADA ATÉ À PRAÇA ALTA

(COM PARTICIPAÇÃO DA BANDA UNIÃO ARTÍSTICA DE CASTELO DE VIDE)

18:00H - DESCERRAMENTO DE UMA PLACA EM HOMENAGEM A MÁRIO RUIVO JUNTO À SUA RESIDÊNCIA DE CASTELO DE VIDE

18:15H - INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO " A VIDA E OBRA DE MÁRIO RUIVO" - EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL

18:45H - QUEM FOI MÁRIO RUIVO? - TESTEMUNHOS DE AMIGOS - PARQUE JOÃO JOSÉ DA LUZ

21:30H - TEATRO "CONSUMIMOS SEMPRE A LUZ QUE O SOL EMITIU HÁ 8 MINUTOS ATRÁS" - (JARDIM GARCIA D'ORTA)

DOMINGO, DIA 6

17:30H - ATUAÇÃO DO GRUPO DE TEATRO AMADOR "ESPALHARTE"

18:00H - "A VOZ DO ARTISTA"

21:30H - TEATRO "HISTÓRIAS DO JARDIM DOS JUDEUS" (JARDIM GARCIA D'ORTA)

PONTO DE ENCONTRO DAS ACTIVIDADES SERÁ NO PARQUE JOÃO JOSÉ DA LUZ

WWW.FESTIVALDAAGUAEDOTEMPO.COM

FACEBOOK.COM/CLEPSIDRAFESTIVAL

ANEXO C

Guião de Entrevista ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide, António Pita.

1. Informou-me em reuniões anteriores que a ideia de criar um festival com o tema da água era algo que já há algum tempo tinha equacionado para o Concelho de Castelo de Vide. Como lhe surgiu esta ideia?
2. Qual foi a pertinência em a Associação Burgo Pedestal assumir a organização deste evento?
3. Como foi para si ver o festival a ganhar forma?
4. Quais eram os objetivos inicialmente estabelecidos para esta primeira edição? Pensa que os mesmos foram cumpridos?
5. O que é que distingue este Festival das outras iniciativas culturais elaboradas na região?
6. O que trouxe este festival de positivo à vila de Castelo de Vide?
7. O que considera que deve ser mantido numa próxima edição?
8. O que acha que tem de ser melhorado numa próxima edição?
9. Como acha que este festival interagiu com o público local e de fora?
10. Qual é o teu balanço final desta primeira edição?

AXEXO D

Guião de Entrevista a André Conchinha – responsável pela equipa de voluntariado.

1. O que o fez juntar à iniciativa do Festival da Água e do Tempo - Clepsidra?
2. Que funções desempenhou e que iniciativas desenvolveu ao longo do festival?
3. Como foi participar na construção da 1ª edição do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra?
4. Os voluntários encontraram-se motivados ao longo dos dias do festival? Qual foi o Feedback que obteve da parte deles?
5. O que é que distingue este Festival das outras iniciativas culturais elaboradas na região?
6. O que trouxe este festival de positivo à vila de Castelo de Vide?
7. O que considera que deve ser que deve ser mantido numa próxima edição?
8. O que acha que tem de ser melhorado numa próxima edição?
9. Como acha que este festival interagiu com o público local e de fora?
10. Qual é o seu balanço final desta primeira edição?

AXEXO E

Guião de entrevista a Nuno Gargaté – expetador da primeira edição do FAT – Clepsidra.

1. Fez o percurso das 22 instalações artísticas da primeira edição do Festival da Água e do Tempo – Clepsidra? O que achou?
2. Ao longo das 22 instalações tínhamos um registo mais tradicional e outro mais tecnológico. Qual destes contextos se identificou com maior facilidade?
3. Qual gostou mais e porquê?
4. Qual a que gostou menos e porquê?
5. O que é que distingue este Festival das outras iniciativas culturais elaboradas na região?
6. O que trouxe este festival de positivo à vila de Castelo de Vide?
7. O que considera que deve ser que deve ser mantido numa próxima edição?
8. O que acha que tem de ser melhorado numa próxima edição?
9. Como acha que este festival interagiu com o público local e de fora?
10. Qual é o seu balanço final desta primeira edição?

Curriculum Vitae

INFORMAÇÃO PESSOAL Ana Margarida Rouqueiro Grácio



Quinta da Brasileira, 7320-417 Castelo de Vide (Portugal)

926402140

anamrg14@hotmail.com

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

13/03/2014–10/02/2017

Tempo Team - Serviços LA., Lisboa (Portugal)

- Atendimento ao público;
- Linha de retenção da operadora MEO Móvel.

23/05/2017–PRESENTE

Burgo Pedestal - Associação Socio Económica, Castelo de Vide (Portugal)

- mentora do Festival da Água e do Tempo - Clepsidra.

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

10/09/2012–17/06/2015

Licenciatura em História Moderna e Contemporânea

ISCTE-IUL, Lisboa (Portugal)

01/09/2015–PRESENTE

Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura (a terminar)

ISCTE-IUL, Lisboa (Portugal)

COMPETÊNCIAS PESSOAIS

LÍNGUA MATERNA Português

OUTRAS LÍNGUAS

	COMPREENDER		FALAR		ESCREVER
	COMPREENSÃO ORAL	LEITURA	INTERAÇÃO ORAL	PRODUÇÃO ORAL	
Espanhol	C1	C1	C1	C1	C1
Inglês	B2	B2	B2	B2	B1

Níveis: A1 e A2: Utilizador básico - B1 e B2: Utilizador independente - C1 e C2: Utilizador avançado
Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

CARTA DE CONDUÇÃO B

